



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

MARIA SOCORRO GOMES

MÍMESIS, EDUCAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE EM THEODOR W. ADORNO

FORTALEZA

2013

MARIA SOCORRO GOMES

MÍMESIS, EDUCAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE EM THEODOR W. ADORNO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Filosofia e Sociologia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- G615m Gomes, Maria Socorro.
Mímesis, educação e prática docente em Theodor W. Adorno / Maria Socorro Gomes. – 2013.
101 f. , enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013.
Área de Concentração: Educação.
Orientação: Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech.
- 1.Adorno,Theodor W.,1903-1969 – Crítica e interpretação. 2.Adorno,Theodor W.,1903-1969 – Contribuições em educação. 3.Mimese. 4.Prática de ensino. 5.Educação – Filosofia. I. Título.

MARIA SOCORRO GOMES

MÍMESIS, EDUCAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE EM THEODOR W. ADORNO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Filosofia e Sociologia da Educação

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr.^a. Cristiane Maria Marinho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Fábio Maia Sobral (UFC)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha mãe

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, sem O qual nada é possível.

Meus sinceros agradecimentos à minha mãe, Adelaide, verdadeira amiga na minha caminhada em busca pelo conhecimento e aos meus irmãos Maria das Graças Gomes, José Gomes, Luiz Carlos Gomes e Maria Aldenice Gomes que, de alguma forma, contribuíram para o meu desempenho nos estudos desde a infância.

Ao meu sobrinho, Carlos Henrique Gomes da Silva, por ter persistido pela vida e pela ajuda diária no cuidado da minha mãe.

Ao meu orientador Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech, pela compreensão, paciência e por ter aceitado orientar-me nesta empreitada.

Aos Professores Doutores Eduardo Ferreira Chagas, Cristiane Maria Marinho e Fábio Maia Sobral, pela disponibilidade em auxiliar-me.

Aos Professores Doutores Maria Aparecida de Paiva Montenegro, Kleber Carneiro Amora e Dilmar Santos de Miranda pelo incentivo.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação e aos integrantes da Linha de Pesquisa Filosofia e Sociologia da Educação, especialmente aos que compõem o eixo Filosofia, Política e Educação.

Aos grandes amigos César Lima Costa, Raquel Célia Silva de Vasconcelos, Roberta Liana Damasceno, Conceição Ribeiro Guimarães e Haroldo Bentes, meus agradecimentos pelo apoio.

Às amigas Maria Lêda Lima de Melo, Ana Paula Lima de Melo, Clarissa Lima de Melo e Inês Kátia Lima Rocha, que sempre me estimularam a estudar e a conquistar uma vida melhor.

Aos amigos da Escola Marcos Valentim Pereira de Souza, os quais fazem do meu local de trabalho, um lugar onde posso compartilhar a minha vida.

Agradeço também à Prefeitura Municipal de Fortaleza por me conceder afastamento para me dedicar ao Mestrado.

“Agrada pensar que a chance é tanto maior quanto menos se erra na infância, quanto melhor são tratadas as crianças. Mas mesmo aqui pode haver ilusões. Crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie depois que deixam de ser protegidas. Mas, sobretudo, não é possível mobilizar para o calor humano pais que são, eles próprios, produtos desta sociedade, cujas marcas ostentam. O apelo a dar mais calor humano às crianças é artificial e por isto acaba negando o próprio calor. Além disto o amor não pode ser exigido em relações profissionalmente intermediadas, como entre professor e aluno, médico e paciente, advogado e cliente. Ele é algo direto e contraditório com relações que em sua essência são intermediadas. O incentivo ao amor - provavelmente na forma mais imperativa, de um dever - constitui ele próprio parte de uma ideologia que perpetua a frieza. Ele combina com o que é impositivo, opressor, que atua contrariamente à capacidade de amar. Por isto o primeiro passo seria ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, das razões pelas quais foi gerada.”

(THEODOR W. ADORNO)

RESUMO

A cada dia se intensificam as dificuldades da educação em cumprir sua tarefa. Arriscamo-nos em dizer que isto acontece por não ser levada em consideração a hipótese de que os indivíduos são portadores de certo grau de irracionalidade, ou seja, nem sempre agem segundo a razão, e esta, como acentua Adorno, não escapa de seu momento autoritário, quando um indivíduo age conforme interesses particulares, esquecendo-se dos direitos dos outros. Em vista disso, o foco central desta dissertação consiste em analisar a articulação entre a mimesis, a educação e a prática docente em Theodor W. Adorno. Ou seja, o objetivo é explanar como o fenômeno da mimesis pode atuar na prática docente e como pode influenciar na educação, desenvolvendo comportamentos abusivos tanto nos alunos como nos professores. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois é elaborada com base em materiais publicados, constituindo-se principalmente de livros e artigos. Ampara-se na teoria crítica sob uma abordagem dialético-negativa. No primeiro momento do trabalho discute-se a inter-relação dos conceitos de Esclarecimento e mimesis apoiando-se na obra *Dialética do Esclarecimento*. No segundo momento do trabalho a finalidade é abordar a relevância da mimesis no processo educativo com arrimo nos conceitos de semiformação (*Halbbildung*) e indústria cultural (*Kulturindustrie*). No terceiro momento do trabalho vê-se como se dá a relação entre a mimesis e a prática docente e suas implicações filosófico-educacionais no processo formativo. Embora o filósofo não ofereça uma posição que satisfaça inteiramente as exigências práticas, pois segundo ele a educação está imersa em ambiguidades que dificultam um posicionamento fechado, os resultados da pesquisa indicaram a necessidade de repensar a educação em seus aspectos subjetivos. Indicaram também que a iniciativa política deve fazer parte da prática cotidiana de cada professor, que necessita do auxílio incondicional dos que pensam as reformas educativas para que estas caminhem à contrapelo das formas ideológicas e políticas de dominação e das configurações econômicas e político-culturais de estranhamento e de reificação social.

Palavras-chave: Mimesis. Educação. Prática Docente. Reflexão Filosófica. Formação.

ABSTRACT

The difficulties of education in fulfilling its tasks have been intensified day by day. We venture to say that it happens not for taking into consideration the hypothesis that individuals are suffering from some degree of irrationality, i.e. they do not always act according to reason, and that, as Adorno emphasizes, they do not escape from their authoritarian moment, when an individual acts in accordance with his interests, managing to forget other people's rights. In view of this, the central focus of the dissertation is to examine the relationship between mimesis, education and teaching practice in Theodor W. Adorno. That is, the goal is to explain how the phenomenon of mimesis can act on teaching practice and how it can influence education, developing abusive behavior both in students and in teachers. This is a literature search, since it is designed according to published materials, consisting mainly of books and articles. It is based on critical theory under a dialectical-negative approach. At first the paper discusses the interrelationship of the concepts of mimesis and Clarification relying on the book *Dialética do Esclarecimento*. In the second stage of the work, the purpose is to address the relevance of mimesis in the educational process with support in the concepts of semi-erudition (*Halbbildung*) and cultural industry (*Kulturindustrie*). In the third stage of the research is shown how the relationship between mimesis and teaching practice and its philosophical implications in the educational-training process are made. Although the philosopher does not offer a position that fully meets the practical requirements because he said education is immersed in ambiguities that hinder closed positioning, the results of the research indicate the need to rethink education in its subjective aspects. They also indicated that teachers' actions can be presented as mimetic behavior as they disseminate the practices of the dominant ideology favoring the maintenance of an education faced almost exclusively to the work force, requiring a posture of defiance and resistance on the part of both students and teachers and that therefore the policy initiative should be part of the routine practice of every teacher who needs the unconditional support of those who dream up the educational reforms so that they walk the wrong way to the ideological and political forms of domination and configurations of economic and political-cultural unfamiliarity and social alienation.

Keywords: Mimesis. Education. Teaching Practice. Philosophical Reflection. Training.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 DA INTER-RELAÇÃO DOS CONCEITOS DE ESCLARECIMENTO E MÍMESIS EM THEODOR W. ADORNO | 16 |
| 2.1 Método, Ciência e Esclarecimento na Filosofia Adorniana..... | 18 |
| 2.2 O Conceito de Mimesis em <i>Elementos do Antissemitismo</i> | 30 |
| 3 MÍMESIS E EDUCAÇÃO EM THEODOR W. ADORNO..... | 50 |
| 3.1 Mito e Mimesis no processo de Formação Cultural do Ocidente..... | 52 |
| 3.2 Semiformação, Indústria Cultural e Mimesis no Processo de Formação | 56 |
| 4 MÍMESIS E PRÁTICA DOCENTE EM THEODOR W. ADORNO..... | 73 |
| 4.1 Debate sobre a Educação e a Prática Docente | 74 |
| 4.2 Comportamento Mimético na Prática Docente | 81 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 91 |
| REFERÊNCIAS | 95 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco central a articulação entre a mimesis, a educação e a prática docente com base no pensamento de Theodor W. Adorno, filósofo alemão nascido em Frankfurt no ano de 1903. Adorno formou-se em Filosofia e também estudou composição musical com Alban Berg, grande nome da revolução musical do século XX. O Filósofo fez parte da renomada Escola de Frankfurt, inicialmente fundada como Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, cuja característica principal era o não apego a qualquer concepção, orientação científica ou opinião de partido que pudesse prejudicar a ênfase do pensamento crítico a que se propunha.

A Escola de Frankfurt baseava seus estudos na da chamada Teoria Crítica da Sociedade, com a contribuição da Psicanálise. Podemos dizer, pois, que, as questões relacionadas aos fatores do inconsciente, decisivamente veio a apontar a necessidade de um novo modo de pensar a educação. Assim, Escola de Frankfurt refletia a preocupação com o trabalho formador, cuja questão principal era a articulação entre o processo de trabalho social e o processo de formação cultural. Este tipo de foco já fora demonstrado na década de 1920 por Lukács, que estava “preocupado com a aparente realidade do descompasso entre cultura e civilização material, a deformação da subjetividade pela forma concreta do trabalho social” (MAAR, 1995, p.18).

Com a ocorrência do nazismo, o Instituto de Pesquisa mudou sua sede e Adorno foi para a Inglaterra, de lá para os Estados Unidos e só retornaria à Alemanha em 1950. Aliás, é sob a temática do nazismo que Adorno direciona toda sua teoria, pois foi o acontecimento desse fenômeno catastrófico que foram postas as suspeitas em relação à racionalidade, ou melhor, a sua limitação. Se direcionarmos as questões do nazismo para os dias atuais, não restarão dúvidas de que o fenômeno continua vivo. Basta prestar atenção nos noticiários televisivos apresentados diariamente; contudo, mesmo com a suposta demonstração de uma limitação da racionalidade, as atenções não estão direcionadas para a explicação desta ocorrência e para sua verdadeira causa: o capitalismo. Um sistema que prega a ideologia de igualdade de condições para todos, mas que na realidade escraviza as mentes dos indivíduos, aumentando o quantitativo dos semicultos. A semicultura, segundo Adorno, é fruto de uma ideologia dominante que transforma ou engendra indivíduos sem consciência, tornando-os sujeitos inertes, ou seja, que não possuem forças para mudar a sua realidade; podemos até mesmo dizer que não são sujeitos, pois tal denominação exige certo tipo de ação consciente.

É importante observar que os aspectos subjetivos não se faziam presentes no pensamento filosófico da Antiguidade Clássica, nem no período Medieval nem no Renascimento e na primeira Modernidade. Por isso, os assuntos postos pelo Filósofo são proeminentes para serem trabalhados por aqueles que se preocupam com as atividades desenvolvidas no ambiente educativo com vistas à afirmação de uma sociedade mais justa e marcada pela liberdade, autonomia e emancipação. Ademais, as reflexões de Adorno ainda são atuais nas discussões, não só sobre a educação, mas também do ponto de vista filosófico, psicanalítico, sociológico, estético e musical, que indica a relevância dos elementos por ele diligenciados para uma melhor compreensão da realidade do mundo moderno e contemporâneo.

Segundo Adorno, o processo de formação ocorrido na cultura ocidental caracteriza-se pelo atrofiamento do pensar imposto por uma ideologia cuja finalidade é evitar ao máximo o sofrimento, o que deliberadamente ocasionou uma mentalidade retrógrada de que só o outro deve sofrer. O considerado mais fraco, o diferente, seja na maneira de ser ou de pensar deve ser posto de lado ou nas frentes de serviços em que não se exige pensamento crítico, pois eles não têm a capacidade de alcançar tal pensamento.

Foi em torno dessa questão que, em 1947, ainda nos Estados Unidos, Adorno publica juntamente com Max Horkheimer a obra *Dialética do Esclarecimento*, na qual os dois autores se propunham fazer uma análise dos aspectos subjetivos e objetivos do homem moderno para explicar a crise cultural da época. Apesar das grandes críticas direcionadas a Adorno com respeito a sua não filiação militante a partidos políticos ou mesmo por ser considerado um pensador elitista, percebe-se que há uma posição política nas reflexões contidas nessa obra, em outras que a antecederam ou que a sucederam, que incentivam a luta por uma educação direcionada à emancipação social. Segundo Leo Maar, Adorno era “[...] um pensador comprometido com os problemas do trabalho social e da sociedade de classes” (1995, p.13).

Um dos focos da abordagem teórica adorniana é a não aceitação de tudo o que é dito, se contrapondo à forma como se dá a transmissão de informações e conhecimentos no quadro da dominação ideológica exercida pelos meios de comunicação de massa no ambiente da indústria cultural e de seu mercado simbólico e de imagens. A crítica de Adorno à indústria cultural é, dessa forma, a exigência de que se pense sobre uma mudança na ação dos sujeitos.

Outra questão importante na reflexão adorniana é a experiência. Segundo Adorno, o sujeito faz a história sem esquecer o passado, pois este dá sentido ao presente. O primeiro momento é a experiência do contato com o objeto que possibilita o rompimento com as

limitações da teoria. É o momento materialista da experiência, uma abertura ao empirismo. Pensar não basta, é necessária a experiência com o concreto sensível, é preciso se tornar experiente, apreender tanto os resultados como os processos. O segundo momento, o momento histórico, trata-se da experiência dialética que permite aprender pela via mediada a constituição da experiência no processo formativo.

Nesta perspectiva, como defende Adorno na *Dialética Negativa*, não é o absoluto hegeliano que rege a história, mas sim o sujeito. O sentido da história consiste, dessa forma, em reelaborar a relação do passado com o presente para a transformação da realidade. Com o fluir da experiência concreta, é que se transforma a realidade e não a ideia como absoluta. As contradições da realidade, no entanto, não envolveriam uma síntese como em Hegel e o processo dialético seria negativo. O sujeito seria ao mesmo tempo um não sujeito, numa situação de não identidade e de inadequação. A dialética negativa adorniana é, dessa forma, a destruição da ilusão da síntese e a reconstituição de uma nova realidade que abarque o diferente que foi excluído por séculos pela ilusão da existência de um movimento histórico pelo qual em todas as contradições da realidade sempre existiriam saídas ou um recomeço, livres das próprias contradições anteriormente existentes.

Desse modo, para Adorno, a experiência de Auschwitz, ao ser apreendida e lembrada pelo momento presente, pode impedir sua repetição. As questões do poder, da ética, da dominação e da democracia derivam do desenvolvimento da formação social historicamente mediada e Auschwitz faz parte de um processo social objetivo marcado por uma regressão que se associa ao progresso que impede a experiência formativa, como processo de reflexão crítico-emancipatória. O que toma o seu lugar é a semiformação, caracterizada pela perda da consciência, promovida pelo capitalismo tardio, com o sustentáculo da indústria cultural e que transforma a cultura em mercadoria. Em vez da autoconsciência, condicionada culturalmente, se dá a semiformação, uma falsa experiência de caráter afirmativo que passa a impressão de uma satisfação, mas que na realidade só corresponde aos apelos dos sentidos enquanto voltados para prazeres ínfimos e fugazes que provocam a regressão dos mesmos. Assim, o que se sente é uma satisfação passageira que demanda novas formas de contentamento que levam a uma infinidade de prazeres meramente transitórios, tornando os sujeitos descontentes continuamente. É o que hoje presenciamos com o incentivo a um consumo exagerado e pela troca das relações entre sujeitos pelas relações com os objetos que se consome. Além disso, os bens materiais necessários ao nosso conforto não são mais bens de consumo com alto padrão de durabilidade, mas devem ser trocados, pois se deles não “desapegamos”, corremos o risco de ficar para trás em relação a

outro consumidor que sempre troca seus bens. Há, dessa maneira, uma dominação do plano subjetivo que condiciona a estrutura social.

A experiência formativa exige, portanto, uma disposição para a crítica, pois a falta desta arrasta para a semiformação, com o travamento da experiência causado pela repressão que tende a padronizar a sociedade, administrando-a pela indústria cultural. Para a desconstrução dessa realidade, Adorno elege a arte como resistência, pois, além do refinamento, com base nela é possível os indivíduos produzirem transformações expressivas na sociedade. Essa capacidade é exclusivamente humana, pois o homem é o único ser capaz de interferir na sua realidade a fim de promover mudanças. Karl Marx deixa claro nos *Manuscritos* que essa capacidade do homem de transformar o meio em que vive dá-se porque há no homem uma ideação. A capacidade que ele tem de transformar a natureza e o seu modo de viver é atributo exclusivamente humano. Antes de transformar o meio com a finalidade de suprir suas necessidades, o homem antecipa os objetivos que pretende alcançar, projetando o que quer com sua ação; ou seja, existe na sua mente uma elaboração do que tenciona transformar em realidade objetiva, pois possui uma capacidade de projetar, estabelecer e realizar metas.

Para o Filósofo frankfurtiano, desde tempos imemoriais, o homem esteve em busca de condições melhores para satisfazer suas necessidades e conquistar uma vida melhor, neste sentido, transformando o seu contexto material e simbólico-social e também sendo transformado por ele, alterando assim tanto seu modo de viver quanto o seu meio ambiente social. A trajetória humana, contudo, também foi sempre marcada por contradições e catástrofes. Sob este prisma, Adorno tece severas críticas ao progresso científico e aos desdobramentos do sistema capitalista do século XIX, os quais no século XX irão consumir o seu ciclo trágico e catastrófico com o aniquilamento de milhares de pessoas com o nazismo. Por outro lado, é importante esclarecer que, quando Adorno critica o positivismo, não o condena totalmente, mesmo porque se utiliza de suas premissas empíricas para realizar suas pesquisas. E, a propósito, o Filósofo reconhece que as pesquisas empíricas são um ponto de apoio, porém, segundo ele, elas se circunscrevem apenas a uma pequena parte do universo a ser investigado, amparadas unicamente em métodos científicos norteados pela eterna repetição dos fenômenos mediante o norte de simples relações de causa e efeito, não considerando, portanto, os elementos que estão “fora” do processo de matematização.

Com o progresso da ciência moderna, o homem conseguiu transformar suas condições de sobrevivência e estabeleceu novas formas de viver, mas, ao mesmo tempo,

desenvolveu guerras e mortandades, além da perpetuar a barbárie e a destruição do que era necessário para a própria sobrevivência. Desse modo, em Adorno:

A civilização deriva da necessidade do homem de dominar a natureza não apenas externa, mas também a natureza interna: seus impulsos animais. Esses impulsos, contudo, podem ser domesticados, jamais anulados; e quanto maior é a força utilizada para reprimi-los, mais pressão eles exercem para vir à tona. Fatalmente, as forças civilizatórias sucumbem ao poder atávico de nossos impulsos naturais, e o caminho está preparado para a irrupção da barbárie, pois o selvagem que se encontra adormecido no homem civilizado, ao despertar, tem a seu dispor o poder destrutivo da tecnologia – aquilo que a civilização criou para dominar a natureza volta-se contra ela própria (PORTO, 2006, p.35).

As práticas sociais também receberam as influências do progresso científico e do desenvolvimento tecnológico, entretanto, toda a transformação ocorrida na sociedade, seja econômica, política, social ou cultural, não significou a conquista de um pensamento humano que possibilitasse uma transformação radical na educação e nos processos pedagógicos. Ao contrário, as formas dominantes de pensamento sintonizadas com a reificação e o estranhamento, presentes nas relações sociais, ainda são espelhadas pela escola, que ampara seus objetivos de acordo com a estrutura da sociedade capitalista. Isto significa que, apesar das grandes transformações ocorridas no mundo ocidental, a razão esclarecida não alcançou seus objetivos de liberdade, autonomia e emancipação, e a própria educação acompanha este fracasso. A educação está circunscrita, de acordo com as reflexões de Adorno, sem os limites da racionalidade e, como tal, se colocando a necessidade de uma formação voltada principalmente para a abordagem das patologias da subjetividade, sem que sejam abandonados, é claro, os elementos conteudísticos que fazem parte da educação formal, imprescindíveis à manutenção da vida em sociedade. Nesta perspectiva, o pensamento de Adorno nos trouxe novas luzes, ao abordar o tema da subjetividade sem deixar de levar em conta os aspectos do inconsciente.

A discussão platônica acerca das relações de complementaridade entre a mimesis, a educação e a política nos levou a outras preocupações, como, por exemplo: qual a função da mimesis para a educação, já que para Platão ela representava tão somente uma imitação? Assim, com as reflexões de Platão em *A República*, vieram as primeiras interrogações a respeito da mimesis e da sua influência no processo educativo. Depois de ter sido praticamente condenada por Platão, como poderia a mimesis auxiliar à prática educativa? E na sociedade contemporânea, com a predominância da imitação, em suas mais diversas formas, nos processos de informação e comunicação, como proceder em sala de aula, já que os alunos têm nesses meios um espelho para a vida? Por outro lado, cabe também perguntar: como a mimesis pode contribuir para a concretização de uma educação voltada para

autonomia e a emancipação social? Quanto aos professores, atribui-se a eles a responsabilidade de constituir, desenvolver e transmitir saberes: como deverão agir, então, para superar os processos de alienação na formação dos seus alunos?

Nestes termos, fomos buscar na obra *Educação e Emancipação* as reflexões sobre essas questões, pois essa obra é constituída por vários textos (transcrições de palestras e entrevistas) de Adorno sobre a formação cultural na sociedade administrada e onde pode ser percebido mais claramente o seu comprometimento com a educação, apontando a necessidade da crítica permanente à educação, à indústria cultural, às experiências formativas que se propõem levar à autonomia, apontando, desse modo, a relação indissociável entre teoria e prática. A propósito, o Filósofo frankfurtiano delinea no texto *A Filosofia e os Professores*, as experiências que teve como docente, mostrando exemplos do trabalho professoral que podem atrapalhar o desenvolvimento intelectual dos alunos para o alcance da emancipação, impedindo-os de se tornarem pessoas autônomas e conscientes.

Faz-se necessário reforçar que a compreensão de emancipação em Adorno não se refere unicamente aos indivíduos como entidades isoladas, mas como seres sociais com base na formação da vontade de cada indivíduo em particular. Para ele, mudanças isoladas em diferentes indivíduos não são capazes de promover mudanças sociais, mas apoiando-se nelas, alguns obstáculos de ordem subjetiva e psíquica, ao serem superados, podem abrir uma brecha para que mudanças expressivas ocorram também na sociedade, mudanças estas que podem ter seu início na escola.

Nosso estudo aqui está direcionado, assim, para uma pesquisa básica, cujo objetivo é gerar e escavar conhecimentos qualitativamente importantes para compreensão da realidade educativa. Sob este prisma entendemos que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade, não quantificáveis. Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois ela será elaborada sobre materiais publicados, constituindo-se, principalmente, de livros e artigos, apoiados, obviamente, na teoria crítica, sob uma abordagem dialético-negativa.

No primeiro momento do trabalho, discutimos a inter-relação dos conceitos de esclarecimento e mimesis com supedâneo na obra *Dialética do Esclarecimento*, buscando tornar mais claras e explícitas algumas questões relacionadas ao conceito de mimesis. Fazemos também uma abordagem do conceito de esclarecimento, para, em seguida, com arrimo no texto *Elementos do Antissemitismo: Limites do Esclarecimento*, esmiuçar o conceito de mimesis para, só então, ver de que maneira ele se relaciona com a educação.

No segundo momento do ensaio, promovemos a discussão acerca da relação mimesis e educação, tomando como foco as questões expressas pelo Filósofo, na obra *Educação e Emancipação*, onde ele analisa a educação baseado nos conceitos de *barbárie* e *emancipação*. Temos por finalidade abordar a relevância da mimesis no processo educativo em Theodor W. Adorno, desde os conceitos de semiformação (*Halbbildung*) e indústria cultural (*Kulturindustrie*). Ao focalizar a repercussão da mimesis sobre a educação, conforme a leitura de Adorno, cogitamos contribuir para a compreensão de alguns aspectos psicológicos negativos ocorridos no processo formativo dos dias atuais. Para esta parte de nossa pesquisa, utilizamos ainda os textos *Teoria da Semiformação, Crítica Cultural e Sociedade, O que significa Elaborar o Passado* da obra *Educação e Emancipação*, e o fragmento *Indústria Cultural*, da obra *Dialética do Esclarecimento*. Nestes textos, Adorno expõe algumas reflexões que podem auxiliar no entendimento de alguns obstáculos que impedem a formação cultural hoje, sobretudo nas instituições de ensino formal, principais responsáveis pela transmissão da cultura.

No terceiro momento fazemos a exposição de como se dá a relação entre a mimesis e a prática docente e suas implicações filosófico-educacionais no processo formativo com suporte na obra *Educação e Emancipação* e no texto *Introdução à Personalidade Autoritária*, de Theodor Adorno. No contexto da escola, pretendemos, assim, com o auxílio dos escritos retro citados, fazer um estudo sobre a prática docente, que, atingida pelo fenômeno da mimesis, pode indicar tabus que afetam negativamente a formação humana. Também nesta mesma perspectiva, abordamos algumas características dos comportamentos miméticos expressos nas concepções e prática educacionais hoje, no quadro de uma grande diversidade econômica e cultural.

Desse modo, o foco nesta dissertação consiste em analisar a articulação entre a mimesis, a educação e a prática docente, com o amparo do pensamento de Theodor W. Adorno e concentrando suas reflexões no processo educativo atual, o que parece não é tarefa simples, pois significa fazer com origem na educação, uma crítica à própria educação. Cabe observar que Adorno opera o conceito de mimesis no debate sobre a educação para melhor compreender esta última. Dessa maneira, nosso objetivo aqui também, na mesma perspectiva de Adorno, é explanar como o fenômeno da mimesis pode atuar na prática docente e como pode este contribuir para intensificar a crise da educação da atualidade.

2 DA INTER-RELAÇÃO DOS CONCEITOS DE ESCLARECIMENTO E MÍMESIS EM THEODOR W. ADORNO

Este momento de nossa pesquisa visa explicar o conceito de mimesis na obra *Dialética do Esclarecimento (Dialektik der Aufklärung)* de Theodor W. Adorno¹, cuja finalidade é promover uma melhor compreensão dos capítulos que posteriormente serão delineados e nos quais a categoria mimesis será utilizada como elemento fundamental. Antes, porém, de fazer a análise sobre o conceito de mimesis, nos deteremos primeiramente no exame do conceito de Esclarecimento, na mesma obra, no fragmento *Conceito de Esclarecimento*, por acreditarmos que, em Adorno, este se encontra imbricado a ideia de mimesis. Para a discussão sobre o conceito de Esclarecimento, abordaremos as questões relacionadas ao método, à ciência e à técnica, enfoques frequentes da filosofia adorniana.

Embora o estudo sobre o Esclarecimento em Theodor Adorno seja tema recorrente, não nos sentimos impedidos de repeti-lo e dele tentar extrair novos rudimentos que justifiquem a sua importância no que se refere aos problemas relacionados à conduta humana do momento presente e que o Filósofo parece ter vislumbrado. Com isso, queremos dizer que sua atualidade temática conduz ao problema do racismo por ele presenciado e que ainda se constitui em nossos dias como assunto desconcertante. Exploraremos, ainda, para a análise sobre o Esclarecimento, alguns aspectos dos textos *Introdução à Personalidade Autoritária* e *Progresso*, e da obra *Dialética Negativa (Negative dialektik)*, por julgarmos que estes são importantes ao desdobramento do pensamento do Filósofo para compreensão do conceito. Em seguida, nos prenderemos à análise sobre a mimesis propriamente dita, no fragmento *Elementos do Antissemitismo: Limites do Esclarecimento*, escrito em que Adorno exprime, mediante teses, elementos que se propõem desvendar os limites da razão esclarecida e dos aspectos repressivos a que é subordinado o comportamento humano.

Nos dias atuais, com a disseminação rápida das informações, somos em todos os momentos surpreendidos por comportamentos abusivos que ainda mais nos inquietam por serem ações inesperadas, praticadas por pessoas vistas como “equilibradas” ou percebidas como sendo exemplarmente “racionais” e que, por isso, a nosso ver, incapazes de determinados comportamentos, talvez por ainda existir em nós alguma expectativa de que somos movidos por uma racionalidade que insiste em superar um lado desumano que possa

¹Neste trabalho, ao fazermos referência ao filósofo Theodor W. Adorno como autor da obra *Dialética do Esclarecimento*, subentende-se que também fazemos referência a Max Horkheimer, já que a obra foi feita em parceria entre esses filósofos.

existir. Mesmo no que se refere à preocupação do homem com o meio ambiente, assunto periodicamente tratado em nossos dias, que indicam o desejo de uma reaproximação com a natureza externa da qual ele se distanciou, o que percebemos é um fortalecimento dos mesmos impulsos miméticos que levaram a esse distanciamento, ou seja, ainda se encontram presentes comportamentos explosivos característicos de uma natureza interna deseducada, que se revelam desde os brinquedos e brincadeiras infantis aos jogos competitivos, concorrendo, assim, para uma aliança entre a razão e a dominação da natureza, de um parentesco entre animalidade e humanidade ou uma proximidade entre o comportamento humano e o comportamento animalesco.

Na introdução do texto *Personalidade Autoritária (Authoritarian Personality)*², de 1950, o Filósofo antecipa algumas características do comportamento humano abusivo com as quais hoje nos deparamos. Segundo ele, tais condutas ocorrem com

O surgimento de uma espécie ‘antropológica’, que podemos chamar de homem autoritário. Em contraste com o fanático de velho estilo, esse último parece combinar as ideias e habilidades típicas da sociedade altamente industrializada com crenças irracionais ou antirracionais. Ele é ao mesmo tempo esclarecido e supersticioso, orgulhoso de ser um individualista e sempre temeroso de não ser igual aos outros, ciumento de sua independência e inclinado a se submeter ao poder e à autoridade (ADORNO, 1950).

Por esses motivos, Adorno indica a necessidade de educação (*Erziehung*) dos próprios impulsos, indispensável a uma melhor formação da subjetividade. Com uma riqueza substancial, o Filósofo, ao tratar do conceito de Esclarecimento, exprime situações que poderão nos auxiliar no entendimento das ações atrozizadas ocorridas hoje, cotidianamente noticiadas pelos meios de comunicação, justificando a hipótese de que, mesmo depois de anos após Auschwitz, ainda nos é permitido dizer que o que levou à ocorrência do fenômeno nazista, infelizmente, não se encontra muito distante. O próprio Filósofo pleiteia, no parágrafo VII de *Elementos do Antissemitismo*, que não existem mais antissemitas, porém isso é para reforçar, no decorrer do texto, que a figura antissemita não se mostra da mesma forma, mas que suas características foram transformadas pelo liberalismo, fazendo surgir um tipo diferenciado de sujeito que supera em irracionalidade o sujeito do início da sociedade industrial do século XIX (ADORNO, 1985).

² Publicado originalmente em Theodor Adorno, Else Frenkel-Brunswik, Daniel Levinson e Nevitt Sanford, *The Authoritarian Personality*. Nova York: Harper, 1950. Reproduzido em *Gesammelte Schriften Vol. 9, T. I [Soziologische Schriften II]* Frankfurt: Surhkamp Verlag, 1975, p. 143-. Traduzido por Francisco Rüdiger de acordo com a versão editada em *Critical Theory Society – A Reader*, organizado por Douglas Kellner e Stephen Bronner. Nova York: Routledge, 1989.

Nessa perspectiva, percebemos no pensamento adorniano um interesse pela forma e pelos conteúdos comportamentais, sugerindo intervenções que nos permitem observar sua preocupação com o social, numa abordagem que tanto se interessa com a reflexão individual quanto com o processo formativo da coletividade, ou seja, uma focalização amplamente política que se concentra primeiramente na formação individual para mais tarde se estender à sociedade como um todo. O problema por ele apresentado é “[...] o confronto com as formas sociais que se sobrepõem às soluções ‘racionais’. O problema maior é julgar-se esclarecido sem sê-lo, sem dar-se conta da falsidade de sua própria condição” (MAAR, 1985, p.15). Desse modo, o conceito de Esclarecimento pode ser visto como elemento-chave para o entendimento do comportamento humano e assim contribuir para a formação humana da contemporaneidade.

2.1 Método, Ciência e Esclarecimento na Filosofia Adorniana

Para compreendermos a reflexão de Adorno em torno do conceito de Esclarecimento, necessitamos também atentar para a importância do uso de outras categorias do seu pensamento, para que estas sejam bem compreendidas, impedindo àqueles que dele divergem de se utilizarem das peculiaridades existentes nos termos, dando à sua reflexão interpretações errôneas. Por este mesmo motivo, se faz também necessário que compreendamos as características de seu método - o da dialética negativa- que vem inovar o próprio método dialético, colocando-o sob uma ótica diferenciada daquela proposta por G.W.F. Hegel, com seu modelo dialético lógico.

O principal alvo de Adorno com o método da dialética negativa é fazer uma desconstrução da dialética hegeliana³, que, para ele, “[...] se esforça por colocar no lugar do princípio da unidade e do domínio totalitário do conceito superordenado a ideia daquilo que estaria fora do encanto de tal unidade” (ADORNO, 2009, p. 8). Na introdução da obra *Dialética Negativa*, o Filósofo expõe que sua intenção é - traçando um caminho retrospectivo

³A filosofia moderna é dualista, deixa os opostos separados e absolutiza-os. A Filosofia hegeliana é a síntese desses opostos. Uma dialética, uma filosofia sintética que procura descobrir a unidade que subjaz aos opostos. Hegel quer dessa forma recuperar o lugar da razão que é a faculdade da unidade, da totalidade. A filosofia é, assim, um empreendimento da razão e o que caracteriza o entendimento é que ele se realiza na esfera da ciência, que divide todo o real. Hegel quer descobrir os opostos através do entendimento e refazer uma unidade através da razão. Filosofia é para Hegel, sobretudo, uma atividade racional cuja finalidade é descobrir a síntese entre os opostos. Sua finalidade é reconciliar a filosofia com a realidade a partir do plano do pensamento conceitual. O conceito dessa forma é a atividade do sujeito e, desta forma, a verdadeira realidade. Por isso, é necessária uma abstração da realidade para torná-la mais rica. Percebe-se assim que a dialética para Hegel é a mola motora do conceito.

pela dialética negativa - dissolver todo pensamento que se julgue dialético, em seu sentido afirmativo. A dialética, assim, está no tribunal e nela não resta nenhum vestígio de pensamento que a refaça, a não ser pelo caminho retrospectivo. Ao contrário da dialética hegeliana, que considera o princípio de identidade capaz de tudo explicar como síntese, para Adorno, as contradições não culminam em síntese e não explicam a realidade, pois ultrapassam a esfera da razão que, instrumentalizada, não conseguiu deter as grandes catástrofes ocorridas no mundo. Segundo ele, todos os filósofos anteriores não fizeram senão colocar a razão no patamar mais alto, como se ela, por si mesma, tivesse consciência de que chegaria ao saber absoluto e que tudo na realidade se resolveria por si mesmo. A justificativa desta questão em Adorno torna-se clara quando ele adverte que a Filosofia mantém-se viva, pois: “[...] perdeu o instante de sua realização” (ADORNO, 2009, p.11). A interpretação prática e teórica do mundo prometida pelo pensamento hegeliano fracassa, quebra-se a promessa de uma interpretação da realidade e o pensamento da fenomenologia como certeza de interpretação do mundo torna-se tão ingênuo quanto os que tendem a uma filosofia especulativa. Tanto a tentativa de mudar o mundo fracassou como também a própria razão foi derrotada. O que explica essa ocorrência, segundo Adorno, é que,

Em face da sociedade dilatada de modo desmedido e dos progressos do conhecimento positivo da natureza, os edifícios conceituais nos quais, segundo os costumes filosóficos, o todo deveria poder ser alocado, assemelham-se aos restos de simples economia de mercado em meio ao capitalismo industrial tardio (ADORNO, 2009, p. 11).

Com isso Adorno quer dizer que houve uma regressão da Filosofia a uma ciência particular quando a Filosofia hegeliana supôs a explicação da realidade. Sua pergunta, então, é pela possibilidade de uma filosofia depois do “colapso da filosofia hegeliana” (ADORNO, 1985, p. 11), já que nenhuma teoria escapa ao mercado. A resposta é que “[...] a dialética não deve emudecer diante de tal repreensão e da repreensão com ela conectada referente à sua superfluidade, à arbitrariedade de um método aplicado de fora” (ADORNO, 2009, p.12). O pensamento de Adorno revela-se inovador ao revirar a dialética e tentar trazer à vida a Filosofia que para alguns teria chegado ao seu fim.

Dialética, para Adorno, significa, portanto, que “[...] os objetos não se dissolvem em seus conceitos, que esses conceitos entram por fim em contradição com a norma tradicional da *adaequatio*” (2009, p. 12). A contradição a que ele se refere não é a mesma do idealismo absoluto de Hegel, mas “[...] é o indício da não-verdade da identidade, da dissolução sem resíduos daquilo que é concebido no conceito” (ADORNO, 2009, p.12). A identidade proposta por G.W. F. Hegel como tributária da tradição supõe uma identidade

entre homem e natureza, razão e desrazão, que, no primeiro momento, pode até considerar a não-identidade, mas logo assume a identidade como verdade e, com isso, continua a seguir o mesmo caminho da tradição. Adorno, ao contrário, diz que se trata da não-identidade como o motor da história e que o pensamento tradicional foi um empobrecimento da dialética revelado no mundo administrado, onde tudo foi elevado ao âmbito do conceito, por isso a necessidade do desencantamento do conceito para que a Filosofia retorne a sua função reflexiva da realidade.

Ante as considerações retro citadas, asseguramo-nos de que a compreensão do método adorniano se faz imprescindível ao entendimento do conceito de Esclarecimento, o que justifica o porquê de o Filósofo revisitar quase todos os conceitos utilizados pela tradição, analisando categorias importantes desde os pré-socráticos até os modernos, concedendo ao pensamento filosófico contemporâneo um diferencial que ultrapassa todas as expectativas do que até então foi investigado. Esta característica do frankfurtiano, que pode no primeiro momento confundir os leitores, é apenas a forma que ele encontrou para não tornar seu pensamento algo de fácil assimilação por parte daqueles que não têm nenhum interesse sobre ele (JAY, 1988). Significa dizer que, somente à medida que nos apropriamos de seu método de exposição é que teremos condições de apreender seu pensamento com certa propriedade.

A singularidade adotada por Adorno, ao tratar do conceito de Esclarecimento, instiga-nos à investigação, principalmente de sua percepção a respeito de como o homem moderno reagiu diante do “progresso” e como isso levou à ocorrência de uma formação humana (*Bildung*), voltada para um pensamento exaurido de conteúdo ético, resultando na consumação do nazismo. No texto intitulado *Progresso*, da obra *Palavras e Sinais*, Adorno chama atenção para um esvaziamento do conceito de progresso, afirmando que “[...] como qualquer termo filosófico, o progresso tem seus equívocos” (1985, p.37-38), pois o termo remete tanto a um uso negativo quanto positivo, o que expressa uma inexatidão do vocábulo, colocando-o em uma posição de ambiguidade, ou seja, “progresso”, para Adorno, tanto pode remeter ao uso da razão esclarecida em seu momento de emancipação, como no sentido de regressão⁴.

Outra preocupação do Filósofo foi com as determinações sociais, cujos conceitos-chave são o “*fetichismo da mercadoria*” de Marx e o conceito de Georg Lukács da “*reificação*”, utilizados em sua tentativa de explicação da condição do homem moderno

⁴ O termo regressão é um dos conceitos psicanalíticos que foram bastante utilizados na filosofia adorniana, revelando sua afinidade com o pensamento de Sigmund Freud e “designa o retrocesso a uma fase infantil do desenvolvimento da personalidade só que tomada aqui ao nível de toda sociedade.” (DUARTE, 1997, p. 25)

perante a crise da razão. A expressão “*fetichismo da mercadoria*” designa o enigma da sociedade capitalista, em que o valor da mercadoria como produto do trabalho social aparece como valor da mercadoria em si e as relações entre os seres humanos, essenciais para a produção e troca de mercadorias, aparecem como relações entre coisas em si mesmas. Em outras palavras, as mercadorias se tornam fetiches, porque elas parecem adquirir vida própria. A teoria de Lukács sobre a “*reificação*” amplia o conceito de Marx do fetichismo da mercadoria, com origem na teoria de Max Weber sobre a racionalização⁵, em que ele argumenta que não somente a esfera econômica, mas também as instituições sociais, como o Direito, a Administração e o Jornalismo e disciplinas como a Economia, a Jurisprudência e a Filosofia, também são permeadas pela forma da mercadoria ou pela lógica da troca. Outra grande influência no pensamento do Filósofo frankfurtiano foi Nietzsche, do qual herdou sua crítica à moralidade, na tentativa de destronar a supremacia dos conceitos morais da tradição que somente incitavam à violência entre os homens, elegendo-os como simples mercadorias reificadas. *Reificação (Verdinglichung)* é também uma das expressões favoritas de Adorno, que descreve a total desvalorização da singularidade do homem perante a sociedade capitalista ou, como ele define, sob o “mundo administrado”. Na *Dialética do Esclarecimento*, ele traz fragmentos com os quais almeja elucidar a ocorrência do colapso humano junto ao capitalismo tardio⁶ e ao nazismo, pontos centrais à abordagem de suas teorias sobre o esclarecimento hodierno.

Feitas as devidas explicações a respeito do método adorniano, temos agora condições de tratar do conceito de Esclarecimento na *Dialética do Esclarecimento*, no fragmento *Conceito de Esclarecimento*, no qual o Filósofo nos oferece grandes contribuições para o entendimento do homem moderno e de como este pôde contribuir para os acontecimentos que comprometeram a razão humana e seu *status* de esclarecida.

Para o Filósofo de Frankfurt, o Esclarecimento teve sempre como objetivo principal livrar os homens do medo, “[...] mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (ADORNO, 1985, p. 17). Nessa passagem, o termo Esclarecimento é usado por Adorno para designar o

⁵ Termo que em sentido freudiano, significa procedimento psíquico, pelo qual um sujeito procura dar uma explicação lógica ou moral a uma ação, a uma ideia ou sentimento, cujos verdadeiros motivos lhe são despercebidos (MATOS, 1997).

⁶ Capitalismo Tardio é a expressão utilizada por Adorno para se referir à Sociedade Industrial consolidada. É a passagem do capitalismo liberal para o capitalismo monopolista que, segundo o Filósofo, difunde a ideia de uma sociedade democrática, pregando a igualdade entre os indivíduos e a harmonia das contradições, mas que, na verdade, espalha uma grande desigualdade e exclusão social.

processo de “desencantamento do mundo”⁷ pelo qual as pessoas, para se livrarem do medo de uma natureza desconhecida e traumatizante, atribuem a ela poderes ocultos para explicar o seu desamparo. Na nota preliminar da *Dialética do Esclarecimento*, Guido Antonio de Almeida, tradutor da obra, nos oferece a seguinte designação de Esclarecimento que, segundo ele, corresponde ao conceito que os autores querem transmitir:

O esclarecimento de que falam não é, como o iluminismo, ou a ilustração, um movimento filosófico ou uma época histórica determinados, mas o processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza, ou seja, o processo de racionalização que prossegue na filosofia e na ciência (ADORNO, 1985, p. 8)

Portanto, o Esclarecimento apresentado por Adorno não é como o Iluminismo kantiano⁸ ou as Luzes do século XVIII, mas aquele que, com a colaboração da ciência positiva, transforma conhecimento em dominação, quando lhe concede o controle sobre a natureza, contribuindo ao mesmo tempo para a naturalização do homem. Isto nos possibilita endossar a ideia de que o conceito de Esclarecimento na *Dialética do Esclarecimento* ora pode ser focalizado negativamente, ora esboçando sua positividade. Sérgio Paulo Rouanet, na obra *As Razões do Iluminismo*, expõe exatamente essa duplicidade sobre o conceito de Esclarecimento, ao descrever que em Adorno “o Iluminismo é as duas coisas: dominação através de uma razão que calcula e manipula e ao mesmo tempo a única perspectiva possível de quebrar o jugo do mundo reificado” (2008, p. 333).

O processo de Esclarecimento ora descrito, no entanto, não foi simples, teve início nos mitos e os elementos neles contidos, que antes explicavam a realidade, foram convertidos em esclarecimento, porém, “os mitos e a racionalidade que supostamente os teria substituído possuem uma origem comum, não sendo de uma natureza tão díspar como gostaria de fazer crer o atual defensor (Bacon) do positivismo” (DUARTE, 2007, p. 42).

Assim sendo, podemos dizer que a parte dedicada ao conceito de Esclarecimento em Adorno representa principalmente uma crítica à ciência e à técnica em sua forma

⁷ Segundo Duarte “Adorno e Horkheimer se apropriam do conceito weberiano de “desencantamento do mundo” (Entzauberung de Welt), extraindo dele toda ambiguidade de que ele é capaz. Em primeiro lugar, “desencantar” tem um sentido positivo de romper um encanto, esclarecer, superar uma determinada ingenuidade levando à emancipação. Esse é o significado ao qual o esclarecimento enquanto fenômeno histórico – o “Iluminismo” – se ateve, reforçando posições anteriores e abrindo caminho para o Positivismo em sua forma clássica do século XIX. Não que os autores discordem desse aspecto do “desencantamento” – eles o tomam como um fato -, mas trabalham-no ressaltando o seu outro lado, o sentido de decepção, desilusão e sofrimento que essa palavra possa ter.” (DUARTE, 1997, p.13)

⁸ O Iluminismo em Kant é a saída da menoridade, ou seja, a incapacidade do homem de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O termo é usado por Adorno para criticar a racionalidade moderna que, para ele, não elevou a humanidade ao que se propunha, muito embora o autor continue a compartilhar com Kant a ideia de uma moralidade que leva em conta a racionalidade.

instrumentalizada. O progresso do pensamento na forma do Esclarecimento, para ele, significa a manipulação da razão caracterizada pela dissolução dos mitos, mediante a substituição da imaginação pelo saber, implicando a perda do potencial libertário daquela (ADORNO, 1985).

Nesses termos, Adorno se refere a um tipo de Esclarecimento para a prática do poder. Critica, portanto o pensamento baconiano, que, segundo ele, fora uma racionalização do mundo com a finalidade de dominá-lo, em que os homens, na posição de senhores, superam as barreiras da superstição. Logo, ciência e poder são, para ele, equivalentes e o poder; como sinônimo do conhecimento, não deve guardar nenhum mistério, menos ainda revelá-lo (ADORNO, 1985). Todos os animismos e todos os conceitos devem ser destruídos e substituídos pela fórmula ou pela probabilidade. Na compreensão de Adorno, Bacon capturou perfeitamente a mentalidade da ciência, unindo entendimento humano e a natureza das coisas com a finalidade de vencer a superstição. A obra *Dialética do Esclarecimento* é, desse modo, a crítica de Adorno à metodologia científica baconiana como incapaz de conduzir à emancipação, por estar vinculado a um determinado tipo de formação social na qual para o saber não existem barreiras.

Segundo Adorno, é um saber que está a serviço da economia burguesa que se utiliza da técnica como método e do trabalho alheio, como capital. Com a operacionalização do saber, a ciência se instaura e “[...] o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens” (1985, p. 18). O que mais importa para a ciência não é a verdade, mas a ‘*operation*’, o procedimento eficaz, trabalhando e operando na descoberta das particularidades antes desconhecidas com a finalidade de prover melhor a vida. Portanto, é um Esclarecimento com seu princípio de equivalência a serviço da burguesia, dominando os homens tal qual um ditador. Da mesma forma que o homem, a natureza também deve ser dominada e calculada, pois “[...] o número tornou-se o cânon do esclarecimento. As mesmas equações dominam a justiça burguesa e a troca mercantil” (1985, p.20).

Para o Esclarecimento, desde muito tempo, a realidade já havia deixado de ser explicada pelos mitos, pela Cosmologia e pela Filosofia platônica, e se colocou contra a toda pretensão de verdade dos universais com a finalidade de dominar. Toda reflexão de Adorno aponta que a razão ocidental nasce da recusa desse pensamento mítico-mágico, numa tentativa sempre renovada de livrar o homem do medo. Na época mitológica, as imagens dos demônios nos rituais era a forma a que os homens recorriam para influenciar a natureza e o

Esclarecimento ao resistir a esse pensamento, mostra-se como o próprio mito, pois se apoia nos mesmos argumentos e adota os mesmos princípios que quer negar (ADORNO, 1985).

Dessa maneira, percebe-se que, no conceito de Esclarecimento em Adorno, estão também incorporados os conceitos de mito e magia, da mesma forma que existe uma proximidade entre a magia e a mimesis, que, mediante a manipulação organizada, foi substituída pela práxis racional, pelo trabalho; ou seja, há uma aproximação entre magia e o Esclarecimento que mais tarde, com a proscricção da mimesis, transformada em reflexão controlada, tece o ego civilizado. Esta reflexão de Adorno é influenciada pela teoria freudiana que, em *Totem e Tabu* (1974), pleiteia a mesma aproximação entre a magia e o tabu. Em Freud, do desejo de controlar o mundo com rituais, a fim de produzir determinados fenômenos pela magia, surge uma forma de proibição propícia para o controle e a manutenção da sociedade, ocasionando a emergência do tabu. Nessa mesma obra, temos a descrição da relação entre os membros de determinada tribo, que instaura a ordem social pela proibição do relacionamento sexualmente incestuoso entre os membros de uma mesma tribo, cujo início se deu mediante parricídio. O assassinato do pai que tudo dominava permite, ao mesmo tempo, uma destruição e uma identificação com o proibido. Dessa forma, Adorno partilha com Freud uma visão pessimista, na qual a civilização só se faz possível com a mutilação do homem, ou seja, com o homem abrindo mão de sua identidade perante a natureza (ROUANET, 1989).

Segundo Adorno, na ciência, com seu procedimento de matematização, extingue-se a função do mito de “relatar, denominar, dizer a origem” (1985, p.20). O que antes era relato se transforma em doutrina e os rituais da representação dos acontecimentos na Modernidade ficam sob a influência de outro tipo de magia, isto é,

Os mitos, como os encontraram os poetas trágicos, já se encontram sob o signo daquela disciplina e poder que Bacon enaltece como o objetivo a se alcançar. O lugar dos espíritos e demônios locais foi tomado pelo céu e sua hierarquia; o lugar das práticas de conjuração do feiticeiro e da tribo, pelo sacrifício bem dosado e pelo trabalho servil mediado pelo comando (ADORNO, 2009, p. 20).

Foi assim, consoante Adorno, que os lugares antes ocupados pelas personagens homéricas foram preenchidos pelo despertar dos sujeitos e “o mito se converte em esclarecimento e a natureza em mera objetividade” (1985, p.21). Os homens alienam-se sob o jugo do Esclarecimento ditador e, por ele são manipulados. No Esclarecimento, o homem que conhece é o homem da ciência, à medida que sabe fazer as coisas. “É assim que seu *em-si torna para-ele*” (ADORNO, 1985, p.21). Não existe essência e se existe é sempre a mesma. Da identidade entre essência e substrato, constitui-se a natureza, como também se constitui o sujeito ao se identificar nos ritos do feiticeiro com aquilo a que se dedica, mudando de face de

acordo com as necessidades. Assim, “a magia é a pura e simples inverdade, mas nela a dominação ainda não é negada, ao se colocar, transformada na pura verdade, como a base do mundo que a ela sucumbiu” (ADORNO, 1985, p.21). Na identidade entre Esclarecimento e magia, a natureza se desqualifica e o que antes era apenas substituível passa à “fungibilidade universal”, a substituição do não idêntico pelo idêntico:

O esclarecimento, manifesto na técnica corporificada na ciência, distingue-se do mito ao operar por “fungibilidade universal”, ao invés da “substitutividade específica” da magia – processo em que fica claro o progresso de um princípio identificador fundado no predomínio do pólo do sujeito (ALVES JÚNIOR, 2003, p. 31).

Na ciência, na busca pelo universal, que se dá pela repetição, há o distanciamento do objeto, enquanto que, no mito como portador de sentido pela magia, na busca pelo particular num eterno retorno por meio da mimesis, há uma proximidade factual com o objeto. Por isso, segundo Adorno, há uma afinidade conceitual entre mito e Esclarecimento. A magia, por ter como matéria a repetição, tem na substitutividade específica o massacre do animal, o sacrifício. Na ciência, não há substitutividade específica, tudo se converte em espécime, em exemplares cujas diferenças, que existiam na magia, desaparecem, ou seja, são recalçadas “pela única relação entre o sujeito doador de sentido e o objeto sem sentido, entre significado racional e o portador ocasional do significado” (ADORNO, 1985, p. 22). A magia visa aos seus fins pela mimesis, sem se distanciar do objeto. Nestes termos, existe uma equivalência entre ciência e magia, mas, o que impera na magia não é uma “onipotência dos pensamentos” (ADORNO, 1985, p. 22) como no Esclarecimento, mas as relações de parentesco. Com o Esclarecimento, ocorreu que “para substituir as práticas localizadas do curandeiro pela técnica industrial universal foi preciso, primeiro, que os pensamentos se tornassem autônomos em face dos objetos, como ocorre no ego ajustado à realidade” (ADORNO, 1985, p. 23).

O Esclarecimento favoreceu a predominância do sujeito em relação ao objeto que Adorno caracteriza como sendo uma neurose, a separação entre pensamento e realidade, sujeito e objeto. O neurótico que, segundo Adorno, tem uma “‘confiança inabalável na possibilidade de dominar o mundo’, que Freud anacronicamente atribui à magia, só vem a corresponder a uma dominação realista do mundo, graças a uma ciência mais astuciosa que a magia” (ADORNO, 1985, p. 22). O pensamento se torna autônomo em relação ao objeto como o destino que se submete a todo oráculo e que tudo ratifica como consequência lógica.

O Esclarecimento, diz Adorno, recebe todo o seu conteúdo dos mitos e, na intenção de destituí-los, cai na mesma rede que engloba o mito, favorecendo “a doutrina da

igualdade entre ação e reação” (1985, p. 23). Como o mito, o Esclarecimento se submete às leis e ao princípio de imanência que explica todo conhecimento como mera repetição e com a qual defende seu valor ante a imaginação mítica: “é o princípio do próprio mito” (ADORNO, 1985, p.23). O Esclarecimento tudo mede, ao mesmo tempo em que elimina o que não se pode medir e calcular. Com isso,

Não apenas são as qualidades dissolvidas no pensamento, mas os homens são forçados à real conformidade. O preço dessa vantagem, que é a indiferença do mercado pela origem das pessoas que nele vêm trocar suas mercadorias, é pago por elas mesmas ao deixarem que suas possibilidades inatas sejam modeladas pela produção das mercadorias que se podem comprar no mercado (ADORNO, 1985, p.24).

Essa foi a justificativa doutrinária do nazismo ou da juventude hitlerista para fundamentar a sua “igualdade repressiva”. Tal qual no mito da Antiguidade, o Esclarecimento comporta-se como o destino. No Esclarecimento, a abstração, como o destino, tem como pressuposto a separação entre o sujeito e o objeto e somente o sujeito é o dominador que consegue subjugar toda uma sociedade, desde o nomadismo até fixar lugar com a agricultura. Como proprietário da terra, o homem tem condições de organizar e vigiar melhor aqueles que de sua terra tomam conta, pois “a universalidade dos pensamentos, como a desenvolve a lógica discursiva, dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentada na dominação do real” (ADORNO, 1985, p. 25). Nessa dominação do pensamento ordenador, o eu se forja na certeza de que, com o conhecimento, é capaz de atingir os objetos e acredita ter alcançado a felicidade, na mesma medida em que distribui um rastro de ódio a tudo aquilo considerado pré-histórico, banindo todos os deuses que possam existir. O Esclarecimento acredita ter alcançado o objeto, substituindo os deuses adorados por outros, porém continua mantendo os deuses antigos em sua forma de mana⁹, uma espécie de princípio religioso, de pré-animismo que perdura mesmo com a substituição dos deuses ctônicos¹⁰ pelos deuses olímpicos. Dessa maneira, continuam ligadas aos antigos deuses pré-históricos as divindades que o Esclarecimento substituiu e, inevitavelmente, continua se estabelecendo uma relação entre mito e esclarecimento, pois

A duplicação da natureza como aparência e essência, ação e força, que torna possível tanto o mito quanto a ciência, provém do medo do homem, cuja expressão se converte na explicação. Não é a alma que é transposta para a natureza, como o psicologismo faz crer. O mana, o espírito que move, não é nenhuma projeção, mas o

⁹O Mana se refere a tudo que é desconhecido, estranho e que causa medo, ou nas palavras de Adorno: “ ele é tudo que é desconhecido, estranho: aquilo que transcende o âmbito da experiência, aquilo que nas coisas é mais do que sua realidade já conhecida”(ADORNO, 1985, p. 25).

¹⁰ Em mitologia, e particularmente na grega, o termo ctônico relativo a terra, designa ou refere-se aos deuses ou espíritos do mundo subterrâneo, por oposição às divindades olímpicas, que são os deuses das alturas ou dos céus.

eco da real supremacia da natureza nas almas fracas dos selvagens (ADORNO, 1985, p. 25).

Para Adorno, desde as epopéias homéricas, houve uma separação entre sujeito e objeto acelerada na ciência positiva. Com o advento da ciência, tanto existe a possibilidade de as descobertas possíveis serem projetadas antecipadamente, como a dos homens, para se livrarem do medo, assegurarem a autoconservação pela adaptação, reproduzindo a “sabedoria fantástica que ela (a ciência) rejeita: a ratificação do destino que, pela retribuição, reproduz sem cessar o que já era” (1985, p.23). Acontece, no entanto, que os homens continuam com o mesmo sentimento de medo que outrora lhes assombrava, provando que a desmitologização não foi capaz de abolir a “angústia mítica” que o positivismo produziu e não passa de mero tabu, porque nada pode ficar fora de seu domínio, pois ela procura a igualdade da justiça que não pôde ser encontrada, já que a justiça da época mitológica e a justiça do Esclarecimento consideram que tanto culpa e expiação, quanto ventura e desventura, são dois lados de uma mesma equação.

Na natureza, como nos mitos, tudo se repete para adquirir eternidade e isso passa a ocorrer em outros campos sempre simbolicamente. Os atributos de renovação e permanência, que são simbólicos, não são meros atributos, mas representam o próprio conteúdo. Verificamos isso nas representações da criação do mundo que também são simbólicas. A forma como os antigos ridicularizavam os deuses que, como eles, possuíam características humanas, fez com que se deixasse a salvo a sua parte essencial, que não se esgotou, pois possuem ainda dentro de si algo do Mana. Como possuidores desse pré-animismo, os deuses ainda ocupam um lugar de destaque no Esclarecimento. Isso prova que desde a antiga fase mítica já existia o que o Esclarecimento se propunha: conhecer tudo o que se passava na natureza, porém, o Esclarecimento se preocupou primeiramente em tratar o mito como fantasia e “[...] com a nítida separação da ciência e da poesia, a divisão de trabalho já efetuada com sua ajuda estende-se à linguagem” (ADORNO, 1985, p. 27). Dividida em “diferentes artes” a palavra jamais se deixou reconstituir novamente. Ela se resumiu ao cálculo, pois só assim teria condições de desvendar a natureza.

Na visão de Adorno, só as obras de arte autênticas escaparam à objetivação que o Esclarecimento proporcionou. Elas não se submeteram à imitação, não deixaram de ser o que já eram. A oposição entre a arte e a ciência que se dá na cultura, segundo Adorno, é apenas uma necessidade administrativa: a ciência no Esclarecimento matematiza-se da mesma forma que a arte se entrega em suas técnicas ao positivismo, mas a arte, ao trilhar pelo mesmo caminho da ciência, torna inevitável a separação entre o signo e a imagem. A Filosofia se

aproveitou disso para também separar a intuição do conceito e Platão; ao banir a poesia, repetiu o mesmo gesto que o positivismo ao banir sua teoria das ideias. Nele, a imitação é proscrita e a magia considerada maldição. Segundo Adorno, porém, arte e ciência não se separaram. A suposta separação que se pressupõe existir entre elas é para tornar mais fácil a dominação que o sistema quer. Para Adorno, a arte, como instância crítica, possibilita ao homem experiências que estão fora daquelas impostas pelo sistema e, ao mesmo tempo, esse caráter mimético da arte permite também que o homem se mantenha distante da sujeição imposta pela razão instrumental, impedindo que a dominação se volte contra ele, pois

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo (ADORNO, 1985, p. 35).

Com a emergência do Capitalismo, “o industrialismo coisifica as almas”, (ADORNO, 1985, p. 35), transforma os homens em mercadoria, em indivíduos com comportamentos normatizados. Dessa forma, o conceito de Esclarecimento em Adorno nos permite pensar o que ele pretendia mostrar, principalmente, como o pensamento humano se desenvolveu na história da humanidade e como este ainda pode se encontrar preso ao pensamento mítico e que com o Capitalismo se deu uma dominação que já operava desde a época do Mana.

Toda manifestação humana passa a fazer parte do arcabouço da racionalidade capitalista e sair deste arcabouço significa um retorno à pré-história. Com o progresso, o capitalismo só veio a deixar a razão ainda mais escravizada a si mesma e “o eu integralmente capturado pela civilização se reduz a um elemento dessa inumanidade, à qual a civilização desde o início procurou escapar” (ADORNO, 1985, p. 37). Assim, o comportamento mimético vai aos poucos sendo esquecido; o retorno a ele é retorno ao terror. O trabalho, em vez de favorecer aos homens, afastou-os da natureza, aproximando-os ainda mais da dominação. Com a justaposição entre o mito, o trabalho e a dominação, o que ocorreu foi uma proximidade entre o homem e sua coisificação. O episódio do encontro com as Sereias, na epopeia homérica descreve perfeitamente essa coisificação, quando Ulisses liberta-se do sofrimento e abandona seu eu. Mutilado, ele regride e experiencia apenas restos, endurecendo ainda mais o “eu que comanda” (ADORNO, 1985, p. 40). É uma regressão caracterizada pelo contato com experiências que não se limitam à do mundo sensível e que ameaçam a autonomia do sujeito. Há um distanciamento entre o intelectual e o sensível, ocasionando o

empobrecimento de ambos e levando tanto os dominadores como dominados a ficarem à mercê dos aparelhos de dominação. Com isso, segundo Adorno,

O espírito torna-se de fato o aparelho da dominação e do autodomínio, como sempre havia suposto erroneamente a filosofia burguesa. Os ouvidos moucos, que é o que sobrou aos dóceis proletários desde os tempos míticos, não superam em nada a imobilidade do senhor. É da imaturidade dos dominados que se nutre a hipermaturidade da sociedade. Quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz (ADORNO, 1985, p. 41).

É a perda da reflexão do sujeito que se alimenta na ilusão do sistema. No sistema, a razão alienada objetiva alcançar uma sociedade supostamente justa, mas que, no mundo industrializado, com a perda do elemento de reflexão, torna-se inevitável que a razão alienada não caminhe, a não ser para uma sociedade na qual pensamentos materiais e intelectuais se unam e que o sujeito se torne simples mercadoria. Assim, pensamentos particular e universal, que num primeiro momento se julgam inseparáveis, no mundo da indústria, negam-se e caem na ideologia e, cada vez mais esta última subjuga os indivíduos, que continuam a ser manipulados pelos mecanismos do capitalismo, aceitando as necessidades impostas pelo mercado, impelindo à ocorrência de novas catástrofes.

Dessa maneira, enquanto os dominados vivem na crescente miséria, os dominadores seguem com o objetivo único de zelar pela permanência de seu *status quo* e, à medida que impõem seu poder sobre os homens fracos, os subtrai ao poder da natureza, ocasionando a pouca reflexão da realidade na qual eles estão inseridos.

Portanto, o homem perde sua liberdade ao revelar sua natureza compulsiva, ao mesmo tempo em que também perde a sua humanidade esclarecida. No primeiro momento, com um retorno à pré-história, ele ainda consegue reconhecer seu distanciamento da natureza e a torna presente com a finalidade de dominá-la; porém, a natureza que retorna não é a natureza como Mana, mas uma natureza cega e mutilada que tornou possível, pelo conceito, a separação entre sujeito e objeto. Assim, o Esclarecimento e toda a sua razão elucidativa provam a sua inverdade, pois o conceito, como ciência, promove o distanciamento entre homem e natureza, o aniquilamento das consciências, que presas à economia fortalecem ainda mais a ocorrência das injustiças. E é assim, segundo Adorno, que o “esclarecimento se converte, a serviço do presente, na total mistificação das massas” (1985, p. 46). Toda ação humana, segundo o autor, passa a fazer parte de uma espécie de paranoia que permeia toda a sociedade a que cada indivíduo tem que se adaptar como se fosse parte sua: é o fenômeno dúplice da mimesis, assunto que a seguir abordaremos, que corresponde àquilo que foi

proscrito em benefício do progresso, favorecendo o surgimento de um falso sujeito que se forma desde o fenômeno imemorial da civilização.

2.2O Conceito de Mímesis em *Elementos do Antissemitismo*

Como vimos, o conceito de Esclarecimento nos fornece elementos importantes para a compreensão do conceito de mímesis, pois nele encontram-se subsumidos outros conceitos que contribuem para o entendimento do fenômeno mimético. Antes, porém de entrar diretamente na análise do conceito de mímesis em *Elementos do Antissemitismo*, faremos uma breve exposição da terminologia da palavra mímesis que apesar de utilizada por famosos literatos reconhecidos em todo o mundo, ainda soa muito estranha para alguns estudantes e até mesmo professores que não têm muito contato com a literatura que trata desse tema. A intenção é auxiliar a compreensão do seu estudo, não permitindo de antemão que seja tratado como um conceito morno, mas como fundamental para uma concepção de homem como ser histórico, tratando-o tanto nas suas codificações como fenômeno biológico quanto como fundamentação antropológica, forma pela qual é versada pelo filósofo de Frankfurt.

Segundo Günter Gebauer e Christoph Wulf, na obra intitulada *Mimese na Cultura: agir social, ritual e jogos, produções estéticas* “no uso antigo da mímesis, ainda antes de Platão, o aspecto representativo é ressaltado” (2004, p. 22). Para os autores a mímesis é uma palavra etimologicamente enraizada na palavra grega *mimos* que entre gregos e romanos significava gênero de farsa, onde um ator imitava as características e os costumes do seu tempo. Os *mimos*, na Grécia Antiga, designavam o conteúdo das ações, os *mimetes* eram as pessoas que imitavam ou representavam o contexto das ações dramáticas. Da palavra *mimos*, derivam ainda palavras como *mimesthai*, que significa imitar, representar, retratar; *mimema* que é o resultado da ação mimética; e *mímesis* que significa a própria ação. *Mimetikos*, dessa forma, se refere a algo capaz de imitação ou algo que é imitável e que também será utilizado neste trabalho por tratar-se de um termo extensivo da palavra mímesis. Os autores acima citados focalizam a mímesis como categoria basilar ao processo de formação (*Bildung*) que se constitui intersubjetivamente nas práticas de determinada sociedade, contribuindo para um agir ético, expresso, sobretudo, pelo respeito ao outro e às diferenças. Este também é o argumento principal nas pesquisas de Theodor Adorno, que vai descobrir na mímesis um conceito-chave para ilustrar seu cuidado com a formação humana. Nesse autor, temos uma ampliação do conceito tradicional de mímesis, que abrange as

práticas corporais e culturais da vida cotidiana, pois seu trabalho sugere o valor contínuo da teoria mimética, o que contribuiu continuamente para uma reformulação do termo.

Desse modo, neste trabalho, o termo mimesis será utilizado para designar os gestos, as imagens (*Bild*), as representações que caracterizam o humano, o caráter performativo da ação humana que se manifesta nas práticas sociais.

Segundo Adorno, Platão¹¹ foi quem primeiro discutiu sobre a questão da mimesis, mas este tratou de bani-la, oferecendo-lhe uma visão contraproducente. Dentre outros autores que abordaram a mimesis, podemos citar ainda Aristóteles na *Poética*, obra que representa um marco para teoria literária e considerada como essencial para a aquisição dos conhecimentos e como forma de produção (*techné*) da arte. Na contemporaneidade, destaca-se, por exemplo, o filólogo Erich Auerbach, na obra *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, em que a mimesis é apresentada como uma exegese literária do ocidente.

A propósito, para debater o conceito de mimesis em Adorno, nos deteremos no texto *Elementos do Antissemitismo: Limites do Esclarecimento*, texto sob a forma de parágrafos, nos quais o filósofo elabora amplo discurso para elucidar porque o Esclarecimento e todo o seu contributo culminaram na mais extremada das barbaridades que o mundo já presenciou - o nazismo - assunto recorrente na sua teoria e elemento fundamental em suas análises. No referido texto, ele dá prosseguimento ao que nos textos anteriores, havia exposto: a relação entre Esclarecimento e dominação, porém aqui, de modo mais insistente, utilizando-se de vocábulos com raízes psicanalíticas para tentar explicar por que o Esclarecimento engendrou no homem uma razão que se converteu em seu contrário.

Em uma visão geral, podemos dizer que, em Adorno, afigurada mimesis perpassa quase toda a obra *Dialética do Esclarecimento* e, porque não dizer, todo adágio adorniano, significando que o pensamento filosófico de Adorno não é de fácil apreensão, pois como anota Martin Jay “a verdadeira filosofia, como ele (Adorno) gostava de insistir, é o tipo de pensamento refratário à paráfrase” (1988, p. 13).

Em *Elementos do Antissemitismo*, Adorno faz uma análise da mimesis e do comportamento mimético, trazendo uma teoria sob a forma de imagens da situação vigente na Alemanha. Sob este prisma, o autor tem por finalidade desvendar o entrelaçamento entre racionalidade e barbárie, de modo que o Esclarecimento, cujo ideal de progresso deveria se voltar sempre para melhoria das condições de sobrevivência no mundo, se converte no seu

¹¹ Ao tratar do conceito de mimesis o Filósofo discorre longamente no Livro X sobre as influências dos mitos na educação e critica veementemente a função do poeta Homero para em seguida tratar de como a mimesis como imitação não corresponde à perfeita educação dos cidadãos, pois se trata da imitação da imitação, ou seja, de um simulacro. A mimesis significa, portanto, imitação da natureza em seu sentido negativo.

oposto; ou seja, Adorno tenta desvendar porque, no comportamento antissemita, o Esclarecimento pode definir seus limites, já que nele a humanidade, que em nada deveria diferir da racionalidade, contribuiu para que o próprio Esclarecimento se transformasse em barbárie com a ocorrência do nazismo, confirmando, assim, uma divergência entre os conceitos de humanidade e de racionalidade, ou seja, que ser humano não significa necessariamente ser racional.

Adorno busca desvendar em *Elementos do Antissemitismo* a correspondência entre teoria do conhecimento e teoria da realidade, investigando que tipo de personalidade se esconde no comportamento, tanto no antissemita como no judeu, analisando os fatores que determinam a relação entre a formação da personalidade e a realidade em que eles se encontram, enfim, as motivações que levaram à ocorrência do antissemitismo.

Da inquietação de Adorno com a formação da personalidade, percebemos também sua inquietude com a moralidade, abordada no *Excurso II* da *Dialética do Esclarecimento*. Não é nossa intenção, aqui, discutir minuciosamente o *Excurso II*, porém uma rápida abordagem permitirá que compreendamos o que será debatido em *Elementos do Antissemitismo* e, conseqüentemente, o porquê de Adorno buscar no comportamento antissemita os argumentos para defender suas posições.

Consoante Vladimir Safatle, ao criticar a moralidade kantiana na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno faz uma aproximação entre Kant e Sade, ou seja, “*Juliette ou Esclarecimento e Moral* é, em larga medida, um texto paradigmático da maneira com que a tradição dialética no século XX compreendeu os impasses derivados de uma certa maneira de procurar fundamentar a racionalidade da dimensão prática” (2008, pág. 48). É uma descrição das interspersões¹² da moralidade em perversão, ou seja, uma descrição das interspersões da ação racional em patologia social, ilustrada na aproximação entre Kant e Sade. Esta aproximação não será exclusiva de Adorno e Horkheimer, pois, mais tarde, será também feita por Lacan, que compartilhava com Adorno ao menos duas características determinantes, quais sejam: a relação conflitual e criativa com a Filosofia hegeliana e a teoria freudiana do sujeito. Esta partilha de fundamentos é sintomática, por nos permitir a identificação do que estava realmente em jogo em *Juliette ou o Esclarecimento e Moral*. Em Adorno isto fica mais claro na *Dialética Negativa*, quando trata da liberdade kantiana, que ganhará maior visibilidade ao

¹² Segundo Miranda, “Em verdade, o termo interspersão seria a tradução mais próxima da palavra alemã *Umkehrung*, muito utilizada por Hegel para significar um revirar às avessas. O termo conota precisamente, um sentido diferente e bem mais rico do que uma simples inversão, que conota uma mera troca de lugares de sentido de termos contraditórios. Já no interior da noção de interspersão processa-se uma circularidade de sentidos, onde os termos em oposição não trocam simplesmente de lugar, mas seus sentidos são reapassados pelo opositor, mantendo entanto, ambivalentemente, o valor semântico do sentido original” (2001, p.94).

ser posta em contato com as teorias de Hegel e Freud. Trata-se de uma questão que diz respeito às consequências do recalçamento daquilo que podemos chamar de gênese empírica do transcendental. Este problema foi posto por G. W. F. Hegel quando descreveu o processo fenomenológico de constituição do que aparece à consciência como condição *a priori* para a determinação de seus objetos e estruturação do campo da experiência, incluindo aí o que poderíamos chamar de experiência moral, ponto também expresso por Freud. Para Safatle, o que une os dois pensadores é a pergunta sobre a gênese daquilo que estamos dispostos a contar, de maneira categórica, incondicional e universal, como racional. A gênese é descrita tanto como social quanto psicológica. Ambos os autores adotam uma perspectiva na qual o psicológico aparece com o nome que damos ao modo de internalização subjetiva de processos sociais. Em Hegel, esta é a verdadeira razão para o fato de a Psicologia vir precedida, na *Enciclopédia*, pela *Fenomenologia do Espírito*, pois a Psicologia é a exposição de modos de relação de objeto, em relação com o meio ambiente, cujo entendimento pressupõe a exposição da gênese fenomenológica das relações sociais. Em Freud, ocorre com a descrição a respeito da ontogênese das capacidades prático-cognitivas e onde se articulam considerações filogenéticas que atualizam o peso do acúmulo histórico de processos sociais de interação, mostrando como a constituição das instâncias psíquicas é indissociável de processos conflituais de socialização (SAFATLE, 2008)

Essas declarações esclarecem pontos importantes inerentes ao estudo sobre a mimesis, apresentado em *Elementos do Antissemitismo*. Introduziremos, porém, este estudo com uma breve exposição, não menos importante, dos primeiros parágrafos que figuram como relevantes para a compreensão das questões expressas no texto como um todo, o que nos dará condições de compreender melhor os últimos parágrafos em que o Filósofo aborda a mimesis propriamente dita.

No parágrafo primeiro de *Elementos do antissemitismo*, Adorno faz uma apreciação da questão do antissemitismo trazendo duas teses que podem, segundo ele, dependendo dos argumentos utilizados, ser verdadeiras ou falsas na mesma medida. A primeira, a fascista, designa os judeus como antirraça, de cujo extermínio depende a felicidade do mundo. No outro extremo, está a tese liberal, que situa os judeus como um grupo baseado numa tradição religiosa, e nada mais além do que isso.

Para Adorno, a primeira tese pode ser considerada como verdadeira, na medida em que o poder de dominação fascista a considera como tal. O judeu, ao mesmo tempo em que é considerado um povo estigmatizado pelo mal absoluto e que atrai para si a destruição, também é um povo, economicamente falando, dispensado dessa dominação. Os negros e os

trabalhadores em geral, sem nenhum impedimento, podem ser dispensados da dominação. Já “quanto aos judeus, a terra precisa ser purificada deles, e o grito que conclama a exterminá-los como insetos, encontra eco no coração de todos os fascistas em potencial de todos os países” (ADORNO, 1985, p.139). Assim, para Adorno, tanto fascistas quanto racistas, na ânsia pelo poder de dominação, descarregam sobre os judeus uma culpa da qual nem eles próprios não sabem o motivo e que mais tarde se descobrirá serem os resquícios de um comportamento esquecido do seu momento pré-histórico ou de um comportamento que foi fígado pelo processo de civilização.

A segunda tese, a liberal, para Adorno, pode ser considerada como verdadeira “enquanto ideia”, pois a cólera sentida pelos liberais não se demonstra claramente, dando a impressão de que, com o liberalismo, se vive num lugar onde todos os homens são considerados iguais. O que se encontra, no entanto, é uma forma ambígua de democracia, pois na medida em que se defende uma política de maioria, se postula também a defesa das minorias com a finalidade de desviar as ameaças que se aproximam. Os judeus, nesse caso, eram em quem se descontavam as injustiças, por serem considerados como aqueles que podiam atrapalhar a ordem social, por não se adaptarem ao que era instituído e, embora esperassem de seus dominadores uma proteção, o que recebiam sempre era um tratamento de frieza. Não conseguindo se adaptar à ordem estabelecida, o que conseguiram foi cair ainda mais na rede de dominação na qual o Esclarecimento se baseava, ou seja, o Esclarecimento “tirou-os de sua comunidade carcomida e os jogou sem mais na burguesia moderna, que já avançava inexoravelmente para a recaída na simples repressão, ou seja, para sua reorganização como raça pura” (ADORNO, 1985, p.140). Com isso, os judeus se reduziram ao natural e aceitaram a violência que o Esclarecimento lhes impunha, pois a raça foi o motivo que o homem burguês usou para impor sua dominação. A harmonia que os judeus liberais supunham existir fez com que aceitassem a triste condição em que se encontravam como algo suportável, porém, essa situação fazia parte da própria ordem da dominação. Adorno justifica essa tese com a seguinte declaração:

Eles achavam que era o antissemitismo que vinha desfigurar a ordem, quando, na verdade, é a ordem que não pode viver sem a desfiguração dos homens. A perseguição dos judeus, como a perseguição em geral, não se pode separar de semelhante ordem. Sua essência, por mais que se esconda às vezes, é a violência que hoje se manifesta (1985, p. 140).

Com esta afirmação, Adorno insiste na existência de uma relação entre Esclarecimento e dominação caracterizada pela assimilação dos judeus aos pressupostos da sociedade que os acolheu, mas que, na verdade, os dominava. Trata-se de uma dominação que

se relacionava com a indústria cultural, assunto que mais à frente abordaremos, quando forem reveladas as características do comportamento mimético em relação aos judeus.

No parágrafo II de *Elementos do Antissemitismo*, perseverando na relação entre Esclarecimento e dominação, Adorno situa o antissemitismo como a mais ampla manifestação da ânsia de destruição revelada pelos que defendiam uma arianização. A ideologia nacionalista não trouxe nenhum benefício econômico ao Terceiro Reich, porém promovia um sentimento de satisfação que preenchia toda a sua fúria. Desse modo, com “o antissemitismo o movimento racista mostrou-se imune ao argumento da falta de rentabilidade. Para o povo, ele é um luxo”. (ADORNO, 1985, p. 141) Esta afirmação evidencia o quanto o antissemitismo investia todas as suas fichas num jogo no qual não tinha a intenção de ganhar, mas num jogo de simples prazer, de satisfação movida por uma pulsão, no qual o objetivo era eliminar o outro, sufocando-o com as vicissitudes da dominação.

À mercê dos antissemitas, os judeus se prestaram a toda utilidade da dominação quando aceitaram ser usados como massa de manobra, aceitando toda forma de agressão promovida pelos espíritos intolerantes que encontravam no sentimento de dominação uma vitalidade que os impulsionava à sobrevivência. Manifesta-se aí um sentimento de negação do outro, ou seja, o comportamento mimético recalcado se manifestava como um sentimento de luta pela sobrevivência. Enfim, como uma luta pela autoconservação mediante o desejo de dominação da natureza do outro. Sendo assim, era possível reconhecer o que se encontrava arraigado no comportamento antissemita, que nessa ocasião se encontra desprovido da autorreflexão, necessária ao refreamento das ações.

Dessa maneira, “o comportamento antissemita é desencadeado em situações em que os indivíduos obcecados e privados de sua subjetividade se vêem soltos enquanto sujeitos” (ADORNO, 1985, p. 141). Este é o preço pago pela civilização, cuja prova real se encontra nos campos de concentração. O antissemitismo, diz Adorno, foi o ofuscamento, a válvula de escape, e nos judeus recai todo o ódio manifesto. As vítimas, não importando de onde se originam, são tratadas como objetos de troca e podem, de acordo com a ordem vigente, tomar o lugar de assassino, desde que se submetam à norma e adquiram os mesmos sentimentos de poder. O antissemita, dessa forma, pode ser qualquer um. Nas palavras de Adorno, “não existe um genuíno anti-semitismo e, certamente, não há nenhum anti-semita nato” (ADORNO, 1985, p. 142). Naqueles que lideram os que perpetraram o antissemitismo não se revela nenhum sentimento, pois o que eles possuem é “um ódio sem fim”, não aceitando nenhum relaxamento por parte dos comandados. O que há neles, segundo Adorno, é um “idealismo dinâmico” capaz de incitar ainda mais a prática de atrocidades. Aplicam para

isso uma ideologia que seduz todo o corpo de comandados, que acreditam tão cegamente em tal ideologia que esta se converte em verdade. Isso exprime que “a obscura pulsão, com que desde o início tinham maior afinidade do que com a razão, toma conta deles totalmente” (ADORNO, 1985, p. 142). Tais características justificam, nas reflexões de Adorno, por que o comportamento mimético em relação aos judeus se transfigura em sentimentos incompreensíveis por parte dos antissemitas, que movem as suas ações mediante um comportamento repulsivo que contribuiu com o surgimento de sentimentos negativos que se agravaram com a emergência do capitalismo.

No parágrafo III de *Elementos do Antissemitismo*, temos exatamente a análise de Adorno do comportamento mimético perante a sociedade capitalista, e que, segundo ele, tudo transforma em mercadoria, desde os sentimentos até a política. A sociedade capitalista alemã desprezava a forma como os judeus conduziam seus negócios, mas o que queriam na verdade era que estes recuassem do domínio que julgavam lhes pertencer. Eles não admitiam que o lugar que ocupavam, pertencera aos negociantes judeus. A burguesia alemã usava dos mesmos artifícios que faziam parte do mercantilismo do judeu. O antissemitismo burguês, inicialmente, tem origem nessa forma de dominação transformada com a emergência do capitalismo. Só o judeu, porém, paga o preço pela crueldade que o capitalismo oferece. Ele é o bode expiatório a quem se dirige o ódio, inclusive dos cidadãos que não aceitam o estado de exploração a que estão submetidos. As condições sobre as quais se erigiu o capitalismo, desde o seu início, ainda no contexto mercantilista – que envolveram comerciantes e fabricantes, no quadro da produção manufatureira – apresentaram uma configuração social em que os judeus tiveram uma atuação destacada em termos do controle de atividades comerciais e financeiras pelas quais exerceram uma exploração econômica em relação às camadas sociais situadas na base da pirâmide social em diversas regiões europeias. Por isso, um grande ódio se abateu sobre eles e a justificativa para isso, segundo Adorno, é que

Eles introduziram formas de vida capitalistas nos diversos países e atraíram sobre si o ódio dos que tinham de sofrer sob elas. Por causa do progresso econômico, que é hoje sua perda, os judeus foram sempre um espinho na carne dos artesãos e camponeses, que o capitalismo desclassificara. Agora, eles experimentam em sua própria carne o caráter exclusivo e particular do capitalismo (1985, p. 145).

Agora os judeus não passam de uma espécie descartável e para a qual nenhum direito é concedido. Sua busca por direitos não passa de um sonho impossível aos olhos do capitalismo que satisfaz perfeitamente a voracidade acumulativa do capital, restrita aos critérios do mercado, que não mede esforços para a manutenção de suas estratégias de exploração e dominação. Para Adorno, os motivos sociais do antissemitismo se relacionam

com as motivações econômicas e, na situação alemã, se exprimia em uma forma de racismo numa conjunção de fatores tanto subjetivos quanto objetivos. Os fatores subjetivos consistem em projeções de dominação e de exploração de sentimentos reativos e de ressentimento contra os oprimidos, para que estes voltem seu ódio contra um bode expiatório, que, no caso, são os judeus a fim de que continuem eles próprios, os ressentidos e prossigam se sujeitando à opressão. Os fatores objetivos, por sua vez, se constituem quando o objeto eleito para a perseguição se presta bem a esse fim. Os próprios judeus que prosperaram se deixavam dominar, pois não tinham qualquer poder de comando. Pareciam felizes com a situação, enquanto seus perseguidores, ao contrário, se sentiam enganados por eles. Esta posição, segundo Adorno, liga-se a uma motivação econômica do antissemitismo: a referida prosperidade dos judeus tinha origem em atividades do setor terciário, pois eram proibidos de ser capitalistas industriais. Ocuparam, pois, a função de comerciantes e mais tarde se tornariam banqueiros, passando assim a ser classificados pela população não judaica como exploradores, intensificando o ódio sobre eles.

Esse ódio será visto no relacionamento dos judeus com outras camadas da sociedade, como, por exemplo, os alemães cristãos. No parágrafo IV do fragmento aqui abordado, Adorno trata do antissemitismo no quadro da religião cristã. Segundo o Filósofo, enquanto o cristianismo tenta abstrair a religião, fazendo dela parte de sua cultura, o que realmente faz é renegar a sua tradição religiosa. Por outro lado, o antissemita, ao mesmo tempo em que a sua posição em relação à religião não é mais vista como importante, sua preocupação centraliza-se na pureza da raça, pois a esperteza nazista subjacente já constataria que os homens não estão mais preocupados com sua salvação e que acusar os judeus de infiéis já não mais incita as massas. Assim, a religião em si não é mais tão importante, embora, segundo as explicações de Adorno, sua relevância não tenha sido totalmente extinta. O antissemitismo renega a tradição religiosa e não reconhece o quanto está profundamente relacionada à religião judaica. O zelo pela religião, dessa forma, ainda se demonstra tão presente quanto o seu zelo exagerado pelo que tinha de profano na religião. Nesse ponto, mais uma vez, Adorno supõe a existência de uma relação entre Esclarecimento e dominação, pois “a aliança entre o esclarecimento e a dominação impediu que sua parte de verdade tivesse acesso à consciência e conservou suas formas reificadas” (ADORNO, 1985, p.146). Dessa forma, o aspecto religioso foi importante somente na situação dos judeus, pois a opinião das massas era a de que a felicidade dos judeus era desprovida em razão da proximidade do seu credo a uma religião natural, distante da religião cristã que impunha sacrifícios aos seus seguidores. Segundo Adorno, isso veio a calhar aos fascistas. Assim, o ressentimento em

relação aos judeus tanto decorre da sua boa situação econômica como também das repercussões do aspecto doutrinário da religião adotada pela maioria dos cristãos, os verdadeiros perseguidores que ainda possuem em sua doutrina os traços naturais e pré-animistas que espalharam o mesmo terror do passado. Da sua natureza pré-animista, passa “para o conceito do eu absoluto que submete inteiramente a natureza como seu criador e dominador” (ADORNO, 1985, p 146). Adorno traça perfeitamente a posição do cristão e do judeu no que concerne à religião com as seguintes palavras:

O deus do judaísmo exige o que lhe é devido e ajusta contas com o devedor relapso. Ele enreda sua criatura no tecido da culpa e do merecimento. O cristianismo, ao contrário, enfatizou o aspecto da graça, que está contido, é verdade, no próprio judaísmo, na aliança de Deus com os homens e na promessa messiânica. O cristianismo suavizou o terror do absoluto, na medida em que a criatura se reencontra a si mesma na divindade: o mediador divino é invocado por um nome humano e morre uma morte humana. Sua mensagem é: não temais; a lei desaparece diante da fé; maior que toda majestade é o amor, o único mandamento (1985, p. 146).

Ao passar a acreditar, porém, em um só deus, o cristianismo ressuscitou junto a esse Deus um tipo de idolatria que, ao aproximar o absoluto do finito, absolutiza este último; passa da natureza para o conceito do eu absoluto que domina totalmente. Assim, o poder e a magnificência do cristianismo comportam uma alienação ainda maior, na medida em que alcança, pelo pensamento, o universal, um deus que se opõe à natureza. Aqui aparece mais uma vez a preocupação de Adorno referente à conexão entre Esclarecimento e dominação da natureza, a relação entre racionalidade e mimesis, como elementos essenciais para a explicação dos limites do Esclarecimento, os quais são desenvolvidos levando-se em conta a mentalidade fascista e antissemita.

No parágrafo V de *Elementos do Antissemitismo* é feita uma análise dos mecanismos de recalque e projeção que vão caracterizar a gênese da mentalidade fascista e antissemita. Para o Filósofo, o recalque é uma forma de resistência que visa a tornar a pulsão inoperante, pois nela há uma cisão entre consciência e inconsciência. O recalque está ligado, assim, à produção de prazer e desprazer, ou seja, o desejo, que no momento inconsciente é, pois, prazeroso, ao se tornar consciente, provoca desprazer sob a forma de ansiedade, alterando a personalidade dos indivíduos, incapacitando-os de perceber a realidade externa, projetando sobre os outros comportamentos que pertencem a eles mesmos.

Ainda no parágrafo V, Adorno faz uma reflexão sobre a idiosincrasia¹³, para se referir aos modos pelos quais os indivíduos se comportam diante de determinadas situações, ou seja, é o comportamento peculiar a cada pessoa ou comunidade. Adorno entende este vocábulo como disposição ou temperamento próprio, que faz com que um indivíduo sinta, de forma especial, a influência de algum agente externo. Para o Filósofo frankfurtiano,

Na idiosincrasia determinados órgãos escapam de novo do domínio do sujeito; independentes, obedecem a estímulos biológicos fundamentais. O ego que se apreende em reações como as contrações da pele, dos músculos e dos membros não tem um domínio total delas (1985, p.149).

Podemos, pois, considerar que a idiosincrasia é a parte puramente animalesca ou instintiva do homem que corresponde à mimesis genuína e às reações aos agentes externos, próprias de cada homem, que adquirem uma forma patológica de ideologia ou dominação simbólica que pode afetar até os homens mais conscientes. É, portanto uma sujeição irracional, um elemento sem razão que tem o poder de aniquilar a racionalidade que não reconhece a si mesma como racionalidade. Assim, quanto mais o homem se julga racional, mais irracional ele se mostra. Por isso, é que, para Adorno, o antissemitismo está além da intolerância aos judeus. O judeu, não tendo se ajustado inteiramente à sociedade, fere e causa repugnância e um ódio inexplicável do outro, uma tendência à destruição do outro que remete a uma destruição de si mesmo, permitindo um retorno ao estado originário naqueles que já possuem, de forma latente em seu comportamento, características das espécies em suas origens. Como diz Adorno, “a repugnância pelo outro remete a proto-história biológica” (1985, p. 149). É a perda do domínio do próprio corpo que, por questões de sobrevivência, faz com que aqueles que cometem as piores atrocidades justifiquem seus atos como legítima defesa. É a manifestação tardia do mimetismo, uma forma de proteção presente em todos os animais, mas, ao contrário do que acontece com os animais, no humano não consegue alcançar a sua plenitude junto à natureza e dela se distancia, é expulso do paraíso, tornando-se comportamento mimético reprimido. O comportamento mimético funciona como uma espécie de camuflagem, disfarce, cuja finalidade é encobrir algo. O imitador ou reproduzidor/repetidor é um copiador que em igual semelhança imita alguém, reproduzindo um comportamento de modo análogo. O homem, como parte desta natureza, ao mesmo tempo em que tenta a ela se adaptar, dela se defende, pois se sente uma existência à parte ou, como acentua Adorno, “quando o homem quer se tornar como a natureza, ele se enrijece contra ela” (1985, p.149).

¹³ Do grego *idiosynkrasia* (*idiosynkrasia*), significa “temperamento peculiar”. É composto de *idios* (*idios*), que significa “peculiar”, e *synkrasis* (*synkrasis*), que quer dizer “mistura”.

No início da história da espécie, há uma relação mimética entre o homem e a natureza por meio do próprio comportamento mimético, que é a adaptação orgânica ao outro. Essa adaptação, porém, como já apontamos, foi substituída pela manipulação organizada da mimesis, pela práxis racional, razão instrumentalizada. Assim, o homem, na busca pelo progresso técnico, foi expulso do paraíso pela civilização e não restou alternativa senão a dominação da natureza. A separação homem/natureza resultou da tentativa do homem de manipular a natureza externa, que permitiu também um distanciamento daquilo que faz parte da sua existência: o comportamento mimético, o que o torna mais próximo de seu comportamento humano não instrumentalizado (DUARTE, 1993). Mais uma vez, esse é o preço da civilização. “O ego se forja a partir desta renúncia, na verdade fruto da repressão, de viver o próprio prazer no seio da natureza” (TIBURI, 2001, pág. 308).

Para o Filósofo frankfurtiano, na Modernidade, essa foi a forma que o homem burguês internalizou ao se perceber olhando as ações dos outros, transformando suas características primeiras em tabu, instaurando a proibição de demonstrar-se na sua inteireza, de modo totalmente livre das imposições das leis naturais. Dessa mesma forma, o homem burguês submeteu-se ao Direito positivo, criando leis, tendo em vista a organização da sociedade e a manutenção do controle sobre as ações consideradas irracionais. Não foi possível, entretanto, o recalçamento total das ações humanas prejudiciais à sociedade. Percebemos isso nos exemplos marcantes do nazismo ou do antissemitismo, considerados por Adorno como momento em que aparece a fronteira entre Esclarecimento e loucura.

Na *Dialética do Esclarecimento*, no Excurso I intitulado *Ulisses ou Mito e Esclarecimento*, Adorno conceitua o Esclarecimento, traçando a história do pensamento no decorrer dos séculos, que tem seu início na personagem homérica da Odisseia, em que Ulisses é visto como o protótipo do homem burguês. Ele é o primeiro homem a renunciar a sua natureza interna e impor-se a si mesmo à administração do pensamento guiado. O Esclarecimento, desse modo, é a imposição do homem à natureza externa, objetivando-a segundo suas necessidades. Ao se dominar, o homem burguês forja seu ego, ou seja, passa de um homem que anteriormente vivia plenamente segundo as leis da natureza a um homem dominador, tanto da natureza exterior como de si mesmo.

O sujeito renuncia a si mesmo não conseguindo se diferenciar do outro que teme, e, como tal o imita para aniquilar a distância que os separa e para não ser devorado pelo inimigo. A análise de Adorno descobre da mesma forma como Platão, na mimesis, uma ameaça ao processo de civilização: ela não só faz os homens regredirem a comportamentos mágicos e míticos, como também ameaça a própria elaboração de formas sociais, de

regras, limites, enfim, o processo que define a civilização, amparando-se nas relações de trabalho e no progresso racional-científico.

Para Adorno, o sujeito burguês se forma a partir do momento em que reprime seu comportamento natural (mímesis genuína) e aciona o comportamento recalçado (mímesis recalçada), isto é, quando passa de homem 'natural' a homem civilizado. O que permitiu que isso ocorresse, segundo Adorno, foi a pretensão de dominar aquilo que lhe causava medo. Assim, troca o mito, que anteriormente tudo explicava, por um suposto Esclarecimento que, ao mesmo tempo em que o transforma em objeto, o forma reprimido, convicto de sua dominação mediante a razão. O domínio da natureza, dessa forma, é a razão abarcadora da verdade que se exprime com a repetição incansável dos fenômenos originados da manipulação.

Na visão de Adorno, contudo, com a manipulação do pensamento, o homem burguês não sai da menoridade, ao contrário, permanece nela inserido, agindo sempre com a finalidade de satisfazer apenas os próprios interesses. Apropriando-se do conceito kantiano de autonomia, Adorno declara que o homem burguês não se forma dessa premissa, mas da ausência dela. Para Kant, o Esclarecimento se dava com a saída da menoridade por via da razão, nesse sentido, se trata da razão como condutora do homem, dando-lhe condições de dominar a natureza interna; agindo de acordo com a vontade legisladora, evitando ações desvinculadas da autonomia.

O conceito kantiano de autonomia possui enorme significado na compreensão do conceito de emancipação no pensamento adorniano. Para Adorno, ser emancipado é agir de modo consciente, ou seja, trata-se aqui de um Esclarecimento que não elimina a consciência, ao contrário do que ocorreu com o desenvolvimento da ciência, que eliminou todo o conteúdo mitológico existente e ocasionou a perda de consciência. Ao manipular o próprio pensamento, o homem manipulou também a sua natureza primeira, transformando-a em uma natureza pobre de conteúdo mítico e, inevitavelmente, seu comportamento mimético primitivo se extinguiu. A magia que anteriormente era parte essencial à conservação do homem, que o afastava do medo, do incompreensível, foi substituída por uma magia cuja função é a manipulação do pensamento. Para Adorno, com a manipulação da mímesis genuína, a magia assume, como o falso Esclarecimento, formas dominadoras e a ciência, como a magia, se utiliza dessa mesma substituição para impor o pensamento à sua forma.

Em Adorno, o Esclarecimento se deu com o recalçamento do comportamento humano, uma vez que a civilização como manipulação a favor da objetividade, como pensamento operacionalizado, se apoia na técnica como método. Trata-se de um pensamento

que violenta a si mesmo, destrói os mitos, mas que logo se torna o mesmo, ou seja, o pensamento cuja pretensão de verdade se expressa em tudo querer explicar tecnicamente: sua finalidade é a dominação, cuja característica principal é pensar matematicamente em busca de uma exatidão momentânea, de tudo querer explicar, manipulando tanto a vida social do homem como seu pensamento.

Segundo Adorno, na fase mágica da mimesis, ocorreu a substituição da adaptação orgânica ao outro, do comportamento mimético pela manipulação organizada da mimesis. No início da história da espécie, há uma relação mimética entre o homem e a natureza mediada pelo comportamento mimético, que é a adaptação orgânica ao outro. Essa adaptação, no entanto, foi substituída pela manipulação organizada da mimesis, pela práxis racional, razão instrumentalizada. Assim, o homem, obcecado pela busca do progresso técnico, foi expulso do paraíso pela civilização e não restou alternativa senão a dominação da natureza. Consoante a reflexão adorniana, com o conceito de identidade, a tradição tenta apagar as diferenças, monitorando os indivíduos a fim de dominá-los, e é com a noção de não idêntico que ele insiste numa reestruturação da subjetividade para evitar o surgimento de outros sistemas de dominação. Na fase histórica, o comportamento mimético é substituído pela práxis racional e a mimesis originária é proscrita. Para Adorno, nesse momento “o anjo com a espada de fogo, que expulsou os homens do paraíso e os colocou no caminho do progresso técnico, é o próprio símbolo desse progresso (1985, p. 149). A civilização como processo incompleto foi, assim, a expulsão do paraíso, passagem da mimesis refletora para a reflexão controlada e instrumentalizadora que favoreceu a existência de uma constelação do terror e onde o mimetismo, enquanto abandono, foi esquecido. A assimilação física da natureza dá lugar à “reconhecimento no conceito”. O princípio de identidade ($A=A$) que se produziu na constelação do terror, com os objetos sendo reificados, dependentes da conceituação científica, repetitiva, estereotipada, regulada, favoreceu a formação de uma sociedade que na luta pela autoconservação como prolongamento da natureza molda indivíduos.

Para Adorno, é na ciência como repetição e regularidade e na fórmula matemática que se encontram os mesmos modos de manipulação que se achavam no rito mágico. Como modalidades de mimetismo, fórmula e rito se assimilam um ao outro pela técnica, por via da “automatização dos processos espirituais” (ADORNO, 1985, p. 150). Dessa forma, a técnica toma o lugar da magia através da automatização dos processos espirituais tornando as manifestações humanas controláveis e compulsivas.

Na perspectiva de Adorno, com a consolidação do modo de produção burguesa, desaparece de vez a herança mimética. Com a civilização, ela se transforma em

tabu, tornando-se visível somente no comportamento dos outros, quando estes se exprimem por traços rudimentares que envergonham. As palavras de Adorno traduzem bem essa característica, quando ele anota que “o que repele por sua estranheza é, na verdade demasiado familiar” (1985, p.150). Segundo ele, os gestos genuinamente humanos, reprimidos pela civilização, se tornam escandalosos e as relações impulsivas transformam-se em relações de poder, de dominação e de troca, ou seja:

Toda expressão não-manipulada se parece com a careta que sempre foi a expressão manipulada – no cinema, no linchamento, no discurso do *Führer*. A mímica indisciplinada é o ferrete da antiga dominação, impresso na substância viva dos dominados e, graças a um inconsciente processo de imitação, transmitida na mais tenra infância de geração em geração, do belchior judeu ao banqueiro. Essa mímica provoca a fúria porque, em face das novas relações de produção, ela põe à mostra o antigo medo que foi preciso esquecer para nelas poder sobreviver. (1985, p. 150)

Dessa forma, ao versar sobre a mimesis em *Elementos do Antissemitismo*, Adorno não a trata apenas como “puro adaptar-se do organismo a outro organismo” (ALVES JÚNIOR, 2003, p.42), mais do que isso, expõe que a mimesis pode se apresentar de modo genuíno, como mimesis originária, necessária ao desenvolvimento humano, antes da sua manipulação pelo rito mágico e que foi proscrita pela civilização, transformando-se em mimesis perversa, o que explica os motivos do antissemitismo, na forma de uma mimesis incontrolada que retorna de sua proscricção como mimesis reflexora, controlada pela indústria cultural, que, forjando o ego, produz no humano o inumano.

Adorno encontra refúgio para essa questão aproximando a mimesis da arte, pois só ela escapa à imitação e, por isso, tem a possibilidade de trazer ao homem o poder crítico que o Esclarecimento dele retirou. A arte é capacitada de pôr fim ao sofrimento causado pelos “homens de ação” que, nos seus discursos, não mostravam a realidade como era. O que falavam nos campos de concentração nazifascista se converteu em terror e transformou traumáticamente a vida dos judeus, os quais, dentre outros agrupamentos sociais e etnias, eram julgados como seres inferiores, tão mais inferiores que não mereciam nem o cemitério para o último sono.

Em *Elementos do Antissemitismo: Limites do Esclarecimento*, Adorno trata exatamente de uma forma de dominação que, relacionada com a indústria cultural, atinge uma forma de dominação opressiva e obscena, caracterizada por um comportamento mimético com requintes de enorme crueldade em relação aos judeus. Para Adorno, o homem habita um mundo de imagens controladas pelos organismos de poder, denominando-o de indústria cultural, que, aliás, é o título de uma das partes de sua obra *Dialética do Esclarecimento*.

Em outro texto, traduzido com o mesmo título de *Indústria Cultural* (no alemão *Résuméüber Kulturindustrie*), uma conferência radiofônica proferida na Alemanha em 1962, publicada em francês em 1962 e em alemão, pela Suhrkamp, em 1967, o Filósofo diz que se utiliza dessa expressão em substituição a *cultura de massas* por este erroneamente dar uma ideia inversa do que realmente significa: cultura manipulada e não cultura que brota do povo. Indústria cultural se refere à forma como as pessoas são manipuladas com a falsa ideia de sujeitos, quando na realidade elas são objetos. Nos dias atuais, o modo como isso acontece está velado nas relações de consumo, em que os setores interessados adaptam suas condições, procurando não desagradar o consumidor, com vistas a arrastá-lo ainda mais para o consumo. Esse embuste, segundo o Filósofo, aconteceu principalmente na Modernidade, mediante a integração dos instrumentos da técnica e a concentração econômica e administrativa. O objetivo dessa integração não era o desenvolvimento das massas, mas sua dominação.

A indústria cultural, dessa forma, não permite ao homem viver e existir, já que modela sua consciência. O homem está sob o poder do consumo, aliena-se e se perde dentro da própria sociedade da qual faz parte, não encontrando um lugar como sujeito, visto que é tão somente objeto como o próprio objeto que ele fabrica e não tem condições de consumir. Segundo Adorno, na indústria cultural, os meios de comunicação apresentam-se como sistemas homologados, com semelhanças nos discursos políticos produzidos e traduzidos como se fossem o universal. Na indústria cultural, não há uma padronização das obras, com reflexos do cotidiano, mas impõe-se um estilo equivalente ao estilo estético da dominação.

A teoria sobre o antissemitismo é, dessa maneira, uma discussão sobre o comportamento mimético enquanto atitudes das pessoas que obedecem a “esquemas arcaicos da autoconservação” (ADORNO, 1985, pág.149). Esses esquemas de autoconservação ocorrem mediante contrações, que são formas de mimetismo e têm por finalidade proteger de algo. Tornar-se igual ao seu meio ambiente é uma tendência normal do humano, mas, se tratando de pessoas expropriadas da capacidade de pensar e agir por si próprias, o comportamento mimético se torna patologia coletiva. Isso elucidada, segundo Adorno, porque o povo alemão se aliou tão facilmente ao projeto psicopata nazista, acreditando-se ser um povo saudável e considerando o povo judeu doente. É contra o povo judeu que se dirige a idiosincrasia favorável ao sofrimento e que não aceita a sua liberdade, ao contrário, deseja a sua total dominação. Todo impulso mimético que restou de um processo biológico precedente retorna num sentimento de prazer pelo sofrimento do outro. Por esse motivo, para Adorno “eles (os antissemitas) são o falso retrato da mimese assustadora. Eles reproduzem em si a insaciabilidade da potência de impor o medo. Tudo deve ser usado, tudo deve lhes pertencer.

A mera existência do outro é motivo de irritação” (ADORNO, 1985, p. 151). Os antissemitas cedem ao encanto mimético, pois não toleram o judeu, porém os imitam em seus gestos e em suas vozes, deixando escapar nessas reações as formas inferiores de vida que os une ao seu passado nostálgico, principalmente, pelo cheiro, com o qual se identificam, ao mesmo tempo em que nele se perdem. O cheiro é, dessa forma, considerado a grande desonra para os antissemitas, pois por seu intermédio se mostra o que realmente se é: membro de camada social baixa, raça inferior ou animal objeto.

Adorno, no parágrafo VI do fragmento sobre o antissemitismo, faz uma análise detalhada do conceito de mimesis como elemento castrador que erige no homem um sentimento de repulsão a si mesmo. Ele define, primeiramente, a mimesis como característica primeira de sobrevivência, como sentimentos que originariamente faziam parte da natureza humana, mas que mais tarde iriam se transformar em tabu. A propósito percebeu-se, em Adorno, a diferenciação entre o conceito de mimesis e mimetismo. O mimetismo é a adaptação dos indivíduos ao ambiente, a ele se igualando para manter-se seguros ante as intempéries da natureza. Assimilando o que está ao seu redor, o homem se adapta à natureza imóvel e, na falta de domínio do próprio corpo, a primeira natureza se aproxima da segunda natureza, da natureza móvel, do espaço onde o homem se aliena: o espaço da dominação da natureza.

Para Adorno, a incapacidade de reflexão dos indivíduos sobre seus comportamentos pode levar à ocorrência do que ele chama de falsa projeção. Na teoria adorniana da falsa projeção existe uma mimesis “saudável”, desvirtuada pelo antissemitismo, com o objetivo de dominar. Existe, no entanto, algo análogo ao comportamento projetivo em que a percepção do mundo depende da atividade do sujeito, mas que com uma percepção equivocada pode levar a comportamentos iguais aos que tiveram os antissemitas que tomaram os judeus como inferiores. Neste caso, a falsa projeção é a percepção equivocada do mundo, a falsa mimesis, a semicultura.

Para Adorno, o fascismo é constituído por este comportamento paranóico em relação aos judeus. É a própria regressão à barbárie. Ele não necessita somente da submissão, mas da cooperação da população e “desse modo precisa dirigir seus maiores apelos não ao interesses racionais, mas às necessidades emocionais, muitas vezes aos desejos e medos mais primitivos e irracionais” (ADORNO, 1950). Da observância desses aspectos, aparece a correspondência entre a falsa projeção e a mimesis. Na primeira, há uma relação com o mundo exterior, onde o homem se molda de acordo com o mundo interior e, na segunda, há uma relação do homem com o mundo interior, em que ele se molda de acordo com o mundo

exterior. Assim sendo, há uma incapacidade de reconhecimento do outro e, conseqüentemente, um distanciamento do homem perante a natureza.

O antissemitismo é, segundo Adorno, um modelo padrão de violência. Ele possui rituais da civilização que não se restringem apenas às regiões onde residem judeus, mas também atingem espaços considerados pacíficos. Assim, a civilização se constitui como um processo incompleto, reproduzindo a barbárie em qualquer lugar onde existam pessoas que aceitem agir aos moldes da dominação. Para Adorno, a saída dessa dominação só será possível com uma transformação radical, que

Vai depender da capacidade dos dominados, em face da loucura absoluta de se tornarem senhores de si mesmos e de pôr termo a ela. Só com a liberação do pensamento relativamente à dominação e com a eliminação da violência seria possível realizar a idéia que até agora permaneceu uma inverdade, a saber, que o judeu é um ser humano. Isso representaria a passagem da sociedade anti-semita, que impele os judeus e os demais para uma condição patológica, para a sociedade humana. (1985, p. 164)

Só com a libertação do homem perante as formas patológicas de dominação seria superada “a doença do espírito” e poderia ocorrer uma reconciliação do homem com a natureza. Com isso, Adorno não quer defender o retroceder do homem à sua forma originária, mas um retorno em que o homem “deixando de ser contrarrazão universal para se tornar espécie que, embora natureza, é mais que simples natureza, na medida em que se apercebe de sua própria imagem” (ADORNO, 1985, p.164). Nesse sentido, somente a emancipação individual do homem permitiria o aniquilamento da dominação imposta pelas leis do mercado, formando sujeitos conscientes de seu papel para a instauração de uma sociedade sem divisão de classes.

No último parágrafo de *Elementos do Antissemitismo*, Adorno afirma não existir mais antissemitas. Sua crítica dirige-se contra os liberais do século XIX e do distanciamento destes em relação aos judeus. O antissemitismo nessa época era pouco expressivo e dependia da escolha dos sujeitos que, de certa forma, ainda possuíam alguma liberdade. A nobreza do final do século XIX já despejava seu rancor sobre os judeus, porém se tratava simplesmente de demonstrar uma vontade de reagir frente a uma sociedade que julgava inoperante. Adorno declara ainda que nos autores de romances desse mesmo século também já existiam características antissemitas, que angariavam adeptos apresentando algumas particularidades que mais tarde reproduziriam no fùhrer. As atitudes racistas, nessa época, ainda se encontravam como “uma forma distorcida da liberdade civil” (ADORNO, 1985, p. 165). Na política desse período, diz Adorno, encontram-se os primeiros vestígios das atitudes extremadas do antissemitismo que levava as pessoas a entender ser aquilo uma atitude típica

da liberdade, porém, em sua essência, já continha a mentira por trás de uma ideia de democracia. Para Adorno essas características de um pensamento estereotipado deram lugar ao “sim” da mentalidade de *ticket* fascista. Com efeito, o comportamento antissemita do século XIX transfigurou-se de um “impulso independente” para um comportamento que permitiu a eliminação do outro como sujeito, pois “quando as massas aceitam o *ticket* reacionário contendo o elemento antissemita, elas obedecem a mecanismos sociais nos quais as experiências de cada um com os judeus não têm a menor importância” (ADORNO, 1985, p.165). Toda experiência expressiva da sociedade se transformou em recepção equivocada em que ninguém escapa do domínio da produção em série, da “esteriotipia” dos pensamentos, pois “se, numa fase histórica primitiva, o julgar consistia num rápido discriminar capaz de desfechar sem hesitação a seta envenenada, nesse meio tempo a prática da troca e a administração da justiça fizeram seu trabalho” (ADORNO, 1985, p. 166). Na verdade, as chances do antissemitismo só aumentaram por causa da troca efetuada entre um pensamento liberto pelo “*ticket* reacionário” o qual exclui a experiência e a imaginação pelo princípio do clichê e pela busca da rapidez nas ações. Cada membro da sociedade deveria, portanto, inserir em sua vida algumas doses das orientações transmitidas pelos dominadores para não correr o risco de entrar em falência. Assim, o trabalho categorial foi substituído pela forma sempre igual ou, como define Adorno, pela forma estereotipada do mundo da produção. Desse modo, todo pensamento é subsumido pela necessidade de obtenção rápida de respostas, ou seja, “na sociedade industrial avançada, ocorre uma regressão a um modo de efetuação do juízo que se pode dizer desprovido de juízo, do poder de discriminação” (ADORNO, 1985, p. 166).

O fascismo veio a lucrar com a pobreza da reflexão, substituindo os procedimentos rigorosos das leis por procedimentos práticos. A falta de reflexão se deu mais rapidamente porque os membros da sociedade alemã estavam economicamente preparados para a falta de discernimento das coisas. Com isso, acentua Adorno, decorreu também a ausência do “percebedor” e do aprimoramento de modelos conceituais e técnicos que deveriam ser seguidos. Houve também a desintegração da linguagem em que os conceitos, as experiências transmitidas sem mediação levavam a total falta de discernimento entre o verdadeiro e o falso. O pensamento crítico se esvai, assim como todo processo de trabalho deixa de ser constituído pelo pensamento e transforma-se em simples técnica. O que importa é produzir e, para isso, há a necessidade da técnica, que leva ao esquecimento do trabalho físico, que torna-se supérfluo frente ao processo de massificação. Temos, portanto, o impedimento do trabalho espiritual, cuja finalidade é favorecer o embrutecimento para tornar o sujeito em objeto de administração que a tudo abarca e torna mais fácil. Toda falta de

consideração em relação ao sujeito se dá quando este é perpassado pelo processo econômico, sendo esse sujeito não mais necessário dentro do processo, pois, “a racionalidade econômica, esse princípio tão enaltecido do menor meio, continua incessantemente a remodelar as últimas unidades da economia: tanto a empresa quanto os homens” (ADORNO, 1985, p. 167). Assim, o mercantilismo se converte em organização capitalista, que mais tarde se transformará em comércio varejista, na figura de loja de departamento, em que os indivíduos, de donos, se transformam em trabalhadores proletários.

Segundo Adorno, a Psicanálise aparecerá exatamente para explicar a falta de reflexão a que se submeteu o sujeito. Embora inicialmente os sujeitos se mostrem como livres dentro da economia de mercado, eles não se sustentam como tais, em razão das grandes mudanças ocorridas na realidade social. Assim, os sujeitos regridem da condição de mônadas a sujeitos expropriados de razão e geridos pela economia racionalizada pela sociedade dominante. Não existe mais uma consciência moral a que os homens se devem submeter, pois tudo é decidido pela ordem hierárquica presente em todas as esferas das sociedades.

As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna (ADORNO, 1985, p. 167).

Antes, toda individuação podia ser considerada importante para adaptação à sociedade, mas, agora é a ordem econômica que tudo domina e que não pode ser perturbada pela individuação. Os sujeitos tornam-se supérfluos à ordem vigente e todo progresso da sociedade industrial, que pretendia erradicar a pobreza por ela produzida, destrói o que seria motivo de sua ascensão: o homem como portador de razão.

Esse foi o motivo, segundo Adorno, do esclarecimento se converter em loucura e tornar um mundo uniforme em um mundo de fome. Tal anacronismo somente será compreendido se nos detivermos em uma análise da competitividade encontrada nos grandes detentores do poder econômico, em que cada indivíduo se encontra desprovido de sua razão e toda ação é predeterminada pela política dos blocos. É a total reificação causada pelas estruturas de poder em que o homem renuncia à reflexão ao escolher um *ticket* com a finalidade de adaptá-lo a uma realidade petrificada. Adorno defende a ideia de que nessas condições os indivíduos reagem “como os consumidores que vão buscar seu automóvel nas concessionárias da fábrica” (1985, p. 169).

Não existe, portanto, uma dialética entre o sujeito e a realidade. Tudo está submetido à engrenagem da indústria. Não há mais superação, mas a completa dominação e

extinção dos sujeitos. Dessa forma, para Adorno, a dialética pode ser considerada como um processo de Esclarecimento como loucura. Nessa liquidação e extinção dos sujeitos, coincidem racionalidade e loucura, em face da desproporção entre coletividade e individualidade, entre onipotência e impotência, o que torna inviável uma reconciliação. Na negação dos indivíduos, não desaparecem os determinantes psicológicos, porém o poder já possui o seu “organograma” com as características que almeja satisfazer em relação a cada indivíduo. O *ticket* escolhido pelos indivíduos é ele próprio uma “roda da engrenagem” que potencializa suas forças de acordo com o tipo de pessoa que intenciona alcançar. Na visão de Adorno, é no *ticket* reacionário que se encontram os coeficientes de rendimento do antissemitismo, e mais, “originariamente, eles representam menos uma reação contra os judeus do que a formação de uma orientação pulsional à qual só o *ticket* fornece um objeto adequado de perseguição” (1985, p. 169). Para Adorno, os elementos do antissemitismo são baseados e ao mesmo tempo mobilizados pelo *ticket* que, no neoantissemita se caracteriza pela má consciência e por um desejo insaciável do mal.

Em suma, o *ticket* progressista atrai até mesmo aqueles que podem ser considerados os mais humanos, desde que já se encontre configurada em suas ações a perda de experiência. Em uma consciência formada a partir de esquemas sintéticos que a sociedade fornece, o antissemitismo se torna ainda mais impenetrável e, só então, o judeu se torna insuportável, de sorte que esse sentimento leva os fracos de consciência a aceitarem sem reservas o extermínio daquele que ele julga diferente e culpado, embora eles mesmos não saibam de que culpa se trata.

Para finalizar, podemos dizer que o estudo do conceito de mimesis clarifica outros significados ou, como o próprio Adorno assinala, as várias “constelações” que podem se articular com outros conceitos e que se mostram com uma conotação especial e, por esta razão, de grande importância à compreensão de outras categorias trabalhadas pelo Frankfurtiano. Com efeito, o conceito de mimesis em *Elementos do Antissemitismo* se mostra deveras importante com relação ao problema da subjetividade e no debate sobre a educação contemporânea, que Adorno irá retomar em outras obras, colocando, a partir das considerações sobre o antissemitismo, a presença de caráter destrutivo na humanidade, ampliando o seu percurso filosófico para a arte como forma de fundamentar seu pensamento.

3 MÍMESIS E EDUCAÇÃO EM THEODOR W. ADORNO

Após a exposição dos conceitos de Esclarecimento e mimesis, o segundo momento de nosso trabalho tem por finalidade abordar a relevância da mimesis no processo educativo em Theodor W. Adorno, com suporte nos conceitos de semiformação (*Halbbildung*) e indústria cultural (*Kulturindustrie*). Ao focalizar a repercussão da mimesis na educação em Adorno, pretendemos contribuir para a compreensão de alguns aspectos psicológicos negativos ocorridos no processo formativo dos dias atuais. Para a pesquisa, utilizaremos os textos *Teoria da Semiformação, Crítica Cultural e Sociedade, O que significa Elaborar o Passado*, texto da obra *Educação e Emancipação* e o fragmento *Indústria Cultural*, da obra *Dialética do Esclarecimento*. Nestes escritos, Adorno expõe algumas reflexões que podem auxiliar no entendimento de alguns obstáculos que impedem a formação cultural hoje, sobretudo nas instituições de ensino formal, principais responsáveis pela transmissão da cultura. No quadro teórico interpretativo do contexto da Modernidade tardia, a discussão platônica acerca das relações entre a mimesis e a educação foi transformada pelo Filósofo frankfurtiano com a contribuição da Psicanálise, proporcionando um novo posicionamento a respeito dos aspectos da racionalidade. Por isso, elegemos a leitura desse autor em nossas análises, pois, como filósofo preocupado com as questões de uma realidade trágica e catastrófica, Adorno observa que a educação ocidental não enveredou pelo caminho a que se propunha e que o progresso científico, da maneira como se desenvolveu, disseminou o início de um estado de demência do espírito humano, que completou seu ciclo com a ocorrência do nazismo.

Muito embora tenham ocorrido transformações positivas no modo de pensar sobre os direitos das pessoas ¹⁴, a pressuposição é de que, relativamente à educação, ainda existe a necessidade de ela se deter na reflexão das suas transformações e contribuir verdadeiramente para o desenvolvimento dos indivíduos para dirigi-los à emancipação. Este é um dos principais mandamentos filosófico-educacionais do filósofo frankfurtiano, ou seja, “[...] Adorno estimula a importância do pensamento que reflete sobre si mesmo. É porque para ele, o que legitima ainda de algum modo a reflexão provém de algo que é negativo, e, ao mesmo

¹⁴Segundo o Artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz. Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o gênero de educação a dar aos filhos.” Como se vê, no que tange aos direitos fundamentais, apesar de conter a preocupação com os aspectos da personalidade, a pressuposição é de que existem apenas boas condições para o desenvolvimento da personalidade, desconsiderando os aspectos sombrios ou patológicos que a Psicanálise considera inerentes a cada ser humano.

tempo, a degeneração da consciência é produto de sua carência de reflexão crítica sobre si” (ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2001, p.112).

A recomendação do Filósofo é de que a educação seja pensada de modo a permitir mudanças na formação e não somente orientada pelo predomínio da racionalidade instrumental, que se mostra até hoje um obstáculo compulsivamente repetido contra a reflexão crítica. Adorno sugere uma reflexão mais profunda acerca da educação, no que tange ao direcionamento das pessoas aos mecanismos de adaptação e aos moldes coercitivos da sociedade vigente, o que eleva mais ainda a relevância do estudo da mimesis para o pensamento educacional dos nossos dias, carente de argumentos que contribuam para a diminuição da violência crescente.

As preocupações de Adorno, desse modo, estão dirigidas aos aspectos psíquicos dos indivíduos que, em relação com os outros, podem encaminhar a uma nova barbárie. Isto nos autoriza a dizer que os sentimentos e os comportamentos não se manifestam claramente nas relações sociais, pois estas são bastante complexas¹⁵ e envolvidas pelas relações de competitividade racionalizante, confirmando a necessidade de revisão da magnitude dos limites da razão e ratificando a existência de uma discrepância entre teoria e prática, entre o que é dito e o que é pensado sobre a educação.

Na *Dialética do Esclarecimento* como expusemos no estudo anterior, Adorno traça a direção tomada pelos indivíduos rumo ao Esclarecimento. Vimos também que ele vai buscar na Grécia Antiga as explicações do “empobrecimento” da razão do homem moderno. Em vista disso, antes de abordar o percurso dessa formação no referido Filósofo, compete-nos proporcionar uma releitura do processo formativo da Antiguidade, esboçando algumas características que permitirão o entendimento das relações entre a mimesis e a educação.

Inicialmente, delinearemos a influência do mito e da mimesis no contexto educativo da Antiguidade arcaica e clássica. Em seguida indicaremos o duplo caráter da educação na perspectiva adorniana, e, para finalizar, abordaremos em que medida as categorias semiformação e indústria cultural implicam, de forma subsumida em seus conceitos, a ideia de mimesis, como elemento importante à formação, compondo um ponto nodal da crítica do Filósofo à formação cultural, na qual se insere a educação.

¹⁵Karel Kosik se utiliza, na *Dialética do Concreto*, do pensamento do jovem Marx, para dizer que o sujeito é social, um ser produtivo por meio do desenvolvimento de suas atividades, onde conhece o mundo e se relaciona dialeticamente com ele. A partir do pensamento marxiano, reflete também sobre a necessidade de um desvio, uma abstração do homem à totalidade por ele transformada a fim de destruir o mundo da pseudoconcreticidade, realidade enganadora em que o homem pode se encontrar. O *detour* de Kosik é um retorno à atividade filosófica para a compreensão do todo, pois a realidade na qual o homem está inserido não se apresenta como ela é imediatamente. No ambiente da vida cotidiana, segundo Kosik é que se evidencia a pseudoconcreticidade, onde a complexidade dos fenômenos domina.

3.1 Mito e Mimesis no processo de Formação Cultural do Ocidente

Sabemos que as razões éticas e também morais existentes desde a *Paideia*¹⁶ fundamentam o conhecimento da educação do ocidente. Trata-se de uma educação responsável pela transmissão e conservação das peculiaridades físicas e espirituais de uma comunidade, organizando-as para a consecução de um fim; uma educação não como propriedade individual, mas pertencente, por essência, à comunidade, como resultado da consciência viva de uma norma que rege toda a comunidade humana e que é condicionada pela transformação dos valores válidos em cada sociedade. Esta é a concepção grega da cultura, sem a qual não teria existido a Antiguidade como unidade histórica, nem o “mundo da cultura” ocidental. O homem como responsável pela conservação e propagação da sua forma de existência, através de sua vontade e razão, liga-se à educação para estabelecer de modo consciente um ideal de cultura como princípio formativo (JAEGER, 2003).

Na compreensão de Lima Vaz, “a imagem do homem que a cultura arcaica grega nos oferece é rica e complexa, e alguns de seus aspectos irão permanecer influenciando profundamente na evolução da cultura ocidental” (1991, p.28). Nesse período, temos a figura de Homero, poeta grego, que vincula à educação a noção de homem virtuoso, virtude essa que, no entanto, só poderia ser encontrada nos aristocratas e que possivelmente só poderia ser desenvolvida por aqueles que já a possuíam por nascimento. Às virtudes estava associada uma altivez, o direito que alguns possuíam, à honra. Deveria ser também desenvolvido o espírito para se adquirir capacidade de reflexão. Suas virtudes e sua honra permitiriam medir o seu valor como homem e o pleno exercício da cidadania. O ideal da educação grega era, portanto, formar, no homem aristocrata, com capacidade de governar a cidade, e aos outros homens de outras classes cabia obedecer. Mulheres, crianças, escravos e estrangeiros nessa época eram excluídos da condição de serem cidadãos e não possuíam o direito de participar da vida pública.

Como vimos, embora possuidora de características excludentes, a educação homérica apresentava um padrão de excelência que até hoje fascina, e como sustenta Jaeger,

Homero era considerado o educador grego por excelência e bastante influente chegando a ultrapassar as fronteiras da Hélade. Nem mesmo a apaixonada crítica filosófica feita por Platão conseguiu abalar o seu domínio, quando buscou limitar o influxo e o valor pedagógico de toda poesia. A concepção do poeta como educador do seu povo – no sentido mais amplo e profundo da palavra – foi familiar aos Gregos desde a sua origem e manteve sempre a sua importância (2001, p. 62).

¹⁶ É a única designação exata sobre a formação do homem grego. Expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura não coincidem com o que os gregos entendiam por essa palavra (JAEGER, 2003).

Assim, a função da educação homérica era transmitir por meio dos poetas os valores culturais de uma determinada sociedade. Para isso, era utilizado o mito que, com sentido diferente do que hoje lhe é atribuído¹⁷, era compreendido como uma narrativa de caráter alegórico em relação a uma dada cultura cuja função era explicar a realidade, os fenômenos naturais e também as origens do Mundo e do Homem por meio de deuses, semideuses e heróis. Desse modo, torna-se inquestionável a figura do mito como parte integrante da formação cultural na Antiguidade, pois ele impulsionava a imaginação e a criatividade dos homens.

Enquanto na Grécia Arcaica Homero recorreu ao mito em suas epopeias, no Período Clássico, Platão utilizou-o no sentido alegórico, não mais na acepção de saga, dele retirando a carga irracional e alógica, ou seja, Platão usa o mito “[...] para dizer um outro daquilo que é dito, como se falasse subliminarmente através da história que o mito conta” (SILVA, 1995, p.9). Ademais, para Aristóteles na obra *A Poética*, o mito era elemento essencial à tragédia, que permitia a recriação das coisas em sua dimensão universal.

A credibilidade dos mitos no período arcaico decorria do fato de serem considerados histórias verdadeiras e possuírem caráter sagrado¹⁸. Na Antiguidade Clássica, o mito com estas mesmas peculiaridades alcançaria grandeza e só mais tarde entraria em decadência. Os mitos eram, assim, tanto na Grécia arcaica quanto na Grécia antiga, o que dava sentido às formas de conduta, justificando os excessos humanos. Dessa maneira, o mito: “[...] é – ou foi, até recentemente – ‘vivo’ no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência” (ELIADE, 2001, p. 8).

Podemos considerar, pois, que foi por meio das imagens representativas de uma realidade pré concebida, que se buscava no mundo grego formar o homem, ou seja, pelos mitos eram propagados modelos rituais exemplares, atividades humanas plenas de significados. Assim, ao mito antigo estava associado o rito. O rito era o modo de se pôr em ação o mito na vida do homem, ou seja, os rituais compreendiam as cerimônias, danças, orações e sacrifícios. A mimesis como resultado da ação do mito, como imitação, simbolizava os modelos, necessários à transmissão da cultura, e, nesse caso, se traduzia como fundamental

¹⁷ Consoante Vernant, “É entre as duas guerras mundiais que o horizonte dos estudos mitológicos se transforma, e um problema novo é posto em evidência. As mudanças se operam em direções múltiplas, segundo ângulos de visão diferentes, a partir de disciplinas variadas: filosofia do conhecimento, psicologia, sociologia, etnologia, história das religiões, lingüística. Mas as pesquisas têm em comum o fato de levar o mito a sério, aceitá-lo como uma dimensão irrecusável da experiência humana. Rejeita-se o que havia limitado estreitamente o positivismo do século precedente, como sua confiança ingênua numa evolução das sociedades progredindo das trevas da superstição para a luz da razão” (2010, p. 199-200).

¹⁸ Refere-se a um tempo primordial, à origem de algo.

à assimilação dos subsídios de autoconservação. Era imitando os deuses e os heróis da mitologia que se norteava toda a formação humana na Antiguidade Clássica e, conforme Jaeger, era sobre os conceitos procedentes da Grécia primitiva como paradigma e mimesis, modelo e imitação, que toda a educação grega se assentava. Dessa forma, na educação homérica,

O mito contém em si um significado normativo, mesmo quando não é empregado expressamente como modelo ou exemplo. Ele não é educativo pela comparação de um acontecimento da vida corrente com o acontecimento que lhe corresponde no mito, mas sim pela sua própria natureza. [...] Os mitos e as lendas heróicas constituem um tesouro inesgotável de exemplos e modelos da nação, que nele bebe o seu pensamento, ideais e normas para a vida (JAEGER, 2001, p.67-68).

Com efeito, através do mito, eram transmitidos os modelos e as imagens de uma realidade ideal, possibilitando aos homens a capacidade de adaptação e de justificação de sua existência. A educação antiga, portanto, valia-se do mito e da mimesis para que tivesse condições de transmitir, tanto os valores, como os modos de viver.

Duarte considera que a preocupação da educação na Antiguidade era com o aspecto moral, que guiava toda vida em comunidade, e sua finalidade era a dominação da natureza interna do homem. Na obra *A República*, Platão trata explicitamente de uma investigação sobre em que medida as relações humanas podem ser reguladas da maneira mais racional. O alvo da obra era mostrar em que medida as partes inferiores do humano, nada diferentes das dos animais, deveriam ser contidas. Por isso boa parte do diálogo é dedicada à educação, cujo significado não é mais do que o domínio dos desejos e apetites, fatores depreciativos à existência humana. A palavra de ordem nesse período era, portanto, a moderação (DUARTE, 1993). Era, assim, um tipo de educação em que os fenômenos culturais eram transmitidos de forma a disseminar padrões miméticos de comportamento, de acordo com os valores de cada sociedade.

Na atualidade, embora muito distante do período áureo da educação antiga, ainda encontramos o mesmo ideal de cultura, porém outros fatores vieram a se incorporar àquele tipo de formação do homem pensado no mundo antigo. A propósito, cabe atentar para o fato de que ainda não se perdeu o foco para uma discussão acerca da educação para o homem virtuoso, não propriamente no sentido antigo, mas como fatores que contribuam para a formação deste homem virtuoso no sentido de definir comportamentos, de transmissão de pensamentos lineares e de conhecimentos preestabelecidos; educação pautada em representações de uma realidade imagética, de uma forma de viver já modelada e transmitida como única ‘realidade verdadeira’, em que o homem perde a voz, a disposição de

argumentar, e fica incapacitado de promover mudanças na realidade; um tipo de educação na qual os aspectos internos do comportamento humano não se determinam como essenciais às propostas educativas, a não ser para fins de dominação.

Na Modernidade, com o aparecimento da ciência experimental, surgiu o espaço propício para o incremento da educação para a dominação, que passava a ideia de um homem liberto, mas na qual só era levada em devida conta a existência de um homem movido por uma razão instrumentalizada, cuja finalidade consiste em resolver problemas imediatos. O homem, espelhando-se na ciência, se julgava totalmente munido de uma racionalidade inquestionavelmente poderosa, capaz de direcionar positivamente as suas ações. O homem era pura razão e com ela pensou poder tudo, manipular e satisfazer seus interesses, que se resumia quase que unicamente em tornar mais fácil a vida. É como questionamento a esta perspectiva pragmática e utilitarista que emergirão as críticas de Adorno ao pensamento moderno, que, para ele, não mais corresponde ao progresso humano, mas à sua regressão. Desse modo, segundo Oliveira:

A modernidade, sua significação e sua contribuição para antropogênese estão de novo em debate. A crise cultural que vivemos é crise contra a razão, contra a ilustração, numa palavra, contra a modernidade. A crítica da razão instrumental desenvolvida pela modernidade desemboca numa crítica à modernidade enquanto tal e, em última análise, numa crítica à própria razão, que é vista como instrumento de repressão (1995, p.7).

Nestes termos, segundo Adorno, o surgimento da ciência experimental favoreceu a manipulação das ações e que, como resultado, ampliou ainda mais o poder de domínio do homem sobre a sua natureza interna, instrumentalizando seu pensamento e acarretando consequências que jamais serão apagadas. A propósito, o Filósofo veio a defender a ideia de que o homem não é um elemento puramente racional; nele existe um inconsciente, que só pode ser explicado se trazidos à tona os problemas que ele ocasiona ao comportamento humano e na medida em que estes sejam reconhecidos como dificuldades a superar. Dessa maneira, diante dos comportamentos inesperados e incompreensíveis de sua época, Adorno indica o imperativo de novas formas de educar. As suas elucubrações teóricas são algumas dentre as várias especulações¹⁹ da contemporaneidade que irão apontar para a necessidade de uma preocupação maior com os enfoques relacionados à educação.

Freud, em *O Futuro de uma ilusão* defende a ideia de que nos homens existem tendências destrutivas, antissociais e anticulturais provocadas pela civilização. Da mesma

¹⁹Outros filósofos contemporâneos também versarão suas críticas à racionalidade moderna, porém Adorno, seguindo os passos de Freud, tratará da racionalidade, recorrendo não apenas aos aspectos sociais, mas também psíquicos, ou seja, ao inconsciente.

forma, em *O Mal Estar da Civilização*, o mesmo autor tece considerações a respeito da afinidade entre civilização humana e barbárie. Para Freud:

Há casos em que partes do próprio corpo de uma pessoa, inclusive partes da própria vida mental – suas percepções, pensamentos e sentimentos -, lhe parecem estranhas e como não pertencentes a seu ego; há outros casos em que a pessoa atribui ao mundo externo coisas que claramente se originam em seu próprio ego e que por este deveriam ser reconhecidos. Assim, até mesmo o sentimento de nosso próprio ego está sujeito a distúrbios, e as fronteiras do ego não são permanentes (FREUD, 1978, p. 133).

Adorno, baseando-se nos estudos freudianos, direcionará suas reflexões com a finalidade de fazer compreender uma das piores catástrofes do século XX - o nazismo - que levou às últimas consequências o preconceito e a destruição que varreu a Europa. Segundo Adorno, o nazismo faz parte da história da humanidade que muitos gostariam de apagar, mas antes se deve compreender a razões que o motivaram. Por isso, ele opta pelo estudo do fenômeno nazista para explicar o porquê do comportamento repulsivo em relação ao diferente. Para o Filósofo, o nazismo é o exemplo vivo da dominação no cerne da educação resultante do processo de desenvolvimento da sociedade em bases materiais (ADORNO, 1985). A confiança exagerada numa razão plena não permitiu aos homens questionar as próprias ações, o que faz compreender a ocorrência de tantas barbaridades que, de acordo com o olhar contemporâneo, com a emergência do capitalismo tardio, veio a questionar uma razão que se concentrou somente no sujeito e que se relacionou com o objeto apenas para manipulá-lo.

3.2 Semiformação, Indústria Cultural e Mimesis no Processo de Formação.

Na visão de Adorno, uma das principais influências à formação dos sujeitos, pelo menos na sua época, foi a emergência, no plano econômico, do capitalismo tardio, que favoreceu a multiplicação de comportamentos abusivos que puseram sob suspeita os aspectos formativos vigentes. Com efeito, desponta o que ele denomina indústria cultural, que ocasionou a decadência espiritual da sociedade, exigindo, dessa forma, que fossem repensados os seus princípios.

No texto *Indústria Cultural*, Adorno trata do caos cultural ocorrido em sua época com uma regressão do Esclarecimento à ideologia²⁰ e com sua corporificação em técnica,

²⁰O termo marxiano ideologia se refere a “um poder invisível que nos força a pensar como pensamos e agir como agimos” (CHAUI, 1996, p. 52) Mais tarde esse termo, no sentido marxiano, será abandonado por Adorno por ele

fenômenos estes que se manifestam tanto nos meios de comunicação de massa, principalmente no entretenimento, como nas cidades calculadas e espelhadas em construções arquitetônicas, cuja intenção é manipular a estrutura interna dos indivíduos. Ou seja, “[...] os projetos de urbanização que, em pequenos apartamentos higiênicos, destinam-se a perpetuar o indivíduo como se ele fosse independente, submete-no ainda mais profundamente a seu adversário, o poder absoluto do capital” (ADORNO, 1995, p. 99). O autor trata, portanto, da semiformação e das forças econômicas que ameaçam a subjetividade mediante a indústria cultural.

A educação, como mediadora da cultura, pode dessa maneira se exprimir como motivo preocupante, e como a cultura pode se definir como detentora de um duplo caráter, pois, ao mesmo tempo em que tenta adaptar os indivíduos à sociedade, impele um processo de emancipação dessa mesma cultura. Segundo Adorno, no texto *Crítica Cultural e Sociedade*, ao criticar a cultura vigente, o crítico da cultura não pode esquecer de que ele “[...] é necessariamente da mesma essência daquilo que pensa ter aos seus pés” (1998, p.7). No texto *Teoria da Semicultura*²¹, a constatação de Adorno a respeito dessa questão é que, “[...] nos casos em que a cultura foi entendida como conformar-se à vida real, ela destacou unilateralmente o momento da adaptação, e impediu assim que os homens se educassem uns aos outros” (ADORNO, 1996, p.390). Consoante Adorno, o progresso moderno impediu a vivência de novas experiências e o contato no aqui e agora entre os indivíduos.

Como podemos verificar, as advertências de Adorno com relação à indústria cultural abrangem o cuidado com a formação dos sujeitos, pois, numa sociedade onde tudo está perpassado pelo econômico, é necessária a reflexão constante da realidade a fim de evitar a reificação total dos homens. A racionalidade técnica, nesse sentido, representa a própria dominação que poderá tornar os homens ainda mais alienados, levando-os à completa dependência em relação aos meios que julgam ser a própria expressão da liberdade, isto é, eles pensam estar sendo servidos pelo aparelho quando na verdade este é que está se servindo daqueles. Tudo está esquematizado de modo a envolver os indivíduos no sistema. Desejos são elaborados de forma que os sujeitos sempre sintam falta das engenhocas de consumo, de modo que não há mais nada a classificar, tudo já foi elaborado para atender as vontades de

considerar que o poder exercido sobre os homens não se trata de um poder somente social, mas um poder psíquico e social.

²¹ADORNO, Theodor W. *Gesammelte Schriften*, Band 8. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1972-80. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu. A revisão definitiva, feita pelo mesmo grupo, contou também com a colaboração de Paula Ramos de Oliveira. Publicado na Revista "Educação e Sociedade" n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, pág. 388-411.

quem vai consumir. A educação, nesse caso, já se encontra também projetada dentro dos limites permitidos e seguindo os parâmetros da sociedade dominante. Assim, “[...] a indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo absoluto” (ADORNO, 1995, p. 108), pois ao planejar a educação de acordo com o modelo dominante, está seguindo o mesmo percurso do mito, ritualizando as ações pela repetição de atividades antecipadamente elaboradas e cuja finalidade é manter os homens como presas do sistema de dominação. Na indústria cultural, as características repetitivas se mostram como novidade, quando dá a impressão de que existe um novo produto, mas este foi apenas transformado e nada foi adicionado a ele. Apenas foram invertidos os mecanismos ou as combinações e na verdade se trata do mesmo produto.

Dessa forma, o pensamento de Theodor W. Adorno se torna de grande importância para os educadores, uma vez que suas reflexões também podem ser direcionadas para uma teoria educacional, para pontos pedagógicos do sistema educacional e para uma crítica do poder da indústria cultural, tendo em conta que esta última, com a concepção de homem autônomo, na medida em que impede o desenvolvimento da dimensão crítica da formação cultural, se preocupa apenas com a padronização das obras da indústria e com a disseminação de ideologias, pois “[...] inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo” (ADORNO, 1985, p. 105).

Apesar das crescentes discussões acerca da educação e do fato de ela estar orientada por parâmetros que visam a atender às necessidades dos seres humanos, o que Adorno questiona é se os indivíduos realmente são encaminhados à emancipação. Como vimos anteriormente, no texto *Elementos do Antissemitismo: Limites do Esclarecimento*, Adorno assevera que qualquer um pode tomar o lugar de assassino nazista, desde que se submeta à ordem vigente, adquirindo os mesmos sentimentos de poder de dominação (ADORNO, 1995). Partindo dessa premissa, podemos inferir que a ordem imposta pelo capitalismo, com as regras de conduta pautadas nos seus interesses, amplia a inquietação com a formação dos indivíduos, pois,

A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar. Ele próprio, enquanto indivíduo, e o absolutamente substituível, o puro nada, e é isso mesmo que ele vem a perceber quando perde com o tempo a semelhança (ADORNO, 1995, p. 120).

É importante ressaltar que, quando Adorno faz sua crítica à cultura não quer dizer que seja contrário a ela, mas que instrumentalizada ela desencaminha os indivíduos do progresso racional, único meio que poderia conduzir o homem à emancipação. Outro fator

importante do Filósofo de Frankfurt é que uma educação para a emancipação é uma educação pela resistência e para a saída da menoridade, tributária ao pensamento kantiano. Assim, como Kant, Adorno concebe uma educação em que cada pessoa tenha capacidade de sair do estado de submissão e da menoridade, utilizando-se da sua criticidade perante às imposições, mediante aquilo que ele denomina resistência. Para isso, devem os indivíduos continuamente pôr em questão os preceitos que lhe são transmitidos pela educação.

Como já mencionamos, o Filósofo reflete na *Dialética do Esclarecimento* sobre o homem da sociedade moderna, fazendo um entrelaçamento entre mito e razão esclarecida. Critica o mundo trágico com suas tonalidades mitológicas que se escondem por trás da ideia de progresso e o aspecto regressivo do Esclarecimento, onde o conhecimento é convertido em técnica. Trata-se, portanto, de uma reflexão e de uma análise dialética sobre o desenvolvimento e a decadência da cultura, que tiveram início, segundo ele, já na Antiguidade, ou mais especificamente, com Homero, poeta grego, um dos principais representantes da educação antiga. Adorno faz uma crítica ao Esclarecimento hodierno e à formação humana contemporânea como não visando a um progresso essencialmente humano, mas a um progresso relacionado ao desenvolvimento da ciência moderna, enfim, visando à pretensa conquista da natureza, em termos de conhecimento, como forma de dominação. Nesse sentido, ao questionar o desenvolvimento da ciência moderna, Adorno também questiona o próprio conceito de indivíduo concebido no decorrer da história. Para ele, o Esclarecimento encontra seus vestígios na mitologia grega e culmina com o surgimento do indivíduo burguês, que viria a se consolidar depois da Revolução Francesa e da Revolução Industrial.

Para o mesmo autor, a ciência moderna, mesmo substituindo todo conteúdo simbólico do mito, conduz ao mito, na medida em que se mira na repetição, repetição que funda um modelo para a vida. Dessa forma, segundo Adorno, o mito, no primeiro momento, foi concebido como ‘verdade’ e, de acordo com cada período da história, muda de face, acrescentando-se sobre ele os traços característicos de cada época. Ao mesmo tempo em que o mito é tratado como construção ideológica, ele se constitui em um elemento essencial para a formação. O mito, dessa forma, como outros conceitos cunhados por Adorno, possui uma carga de negatividade e positividade. Ele se revela com uma face diferente daquela que de início se propôs, ou seja, livrar o homem do medo, pois “[...] a perda da tradição, como efeito do *desencantamento do mundo*, resultou num estado de carência de imagens e formas, em uma devastação do espírito que se apressa em ser apenas um meio, o que é, de antemão, incompatível com a formação” (ADORNO, 1996, p.397).

Segundo o Filósofo frankfurtiano, o homem moderno foi ludibriado com a ideia de progresso, o qual se deu de certa maneira, como descrito no capítulo anterior, com o surgimento da ciência baconiana, a qual foi concebida com vistas à dominação da natureza a favor do homem a partir do desenvolvimento da técnica. A propósito, a indústria cultural completou esta perspectiva, ao concentrar-se sobre a transformação da imagem dos produtos, mediante uma publicidade enganadora e racionalmente elaborada para fins de dominação (ADORNO, 1985).

No Excurso I da *Dialética do Esclarecimento*, Adorno discorre sobre a personagem homérica Ulisses, da obra *A Odisseia*, e de como este consegue, com sua astúcia, direcionar seu pensamento com a finalidade da dominação. Conforme o Filósofo, Homero traça a trajetória de Ulisses e de como este consegue, com suas ações e do trabalho racional, decidir sobre o próprio destino e o destino dos outros. Para Tiburi:

O pensamento mítico, como aparece no excurso sobre Ulisses, possui a mesma lógica do pensamento ilustrado, uma lógica dominadora e teleológica e à exaltação de sua onipotência. Quando o mito se converte em esclarecimento, a natureza aparece como a ele subordinada, não é vista como um sujeito, mas como um objeto (1995, p. 52).

Da leitura de Adorno sobre mito e Esclarecimento na sociedade moderna, emerge uma associação entre a mimesis e a indústria cultural. A mimesis não se constitui apenas como imitação de modelos antecipadamente elaborados, mas leva em consideração a influência de fatores psicanalíticos para a explicação dos fenômenos presentes no processo de formação. A indústria cultural, dessa forma, se mostra como fenômeno mimético que condiciona a consciência, promovendo a adaptação ao processo produtivo. Na indústria cultural, como ramo de atividade econômica industrialmente organizada, segundo os padrões dos grandes conglomerados típicos da fase monopolista do capitalismo, a mimesis, ultrapassa o que possui de positivo para o desenvolvimento humano, passando a uma mimesis marcada pela negatividade, transformando os elementos necessários à formação de conteúdos formadores em conteúdos deformadores. O homem que inicialmente recalca seu comportamento pelo processo de civilização, reprimindo-o a fim de adaptá-lo às prescrições do sistema vigente, é impelido ainda mais pela indústria cultural e à perda definitiva dos vestígios do seu comportamento mimético originário. Então, percebemos que as reflexões de Adorno a respeito dos efeitos da mimesis recalçada convergem para os mesmos efeitos da indústria cultural sobre o comportamento do homem moderno e do homem contemporâneo, passando, desse modo, a ser fundamental sua análise no contexto da educação.

Como exposto no capítulo anterior, a mimesis adorniana caracteriza-se por uma tríplice dimensão em seu conceito. A primeira dimensão diz respeito àquela mimesis necessária à sobrevivência humana e que também vai ser parte integrante na vida de outros animais: da mimesis originária ou genuína, podemos dizer, não há como o homem escapar e ela será fator determinante para a explicação de algumas patologias expressas pelos estudos freudianos. A segunda dimensão, assentada por Adorno, trata do processo de civilização, quando todas as ações humanas passam a ser redimensionadas e racionalizadas pela ciência moderna, dimensão que, de acordo com o Filósofo, já se encontra presente na personagem ilustre de Ulisses da *Odisseia* homérica. E, por fim, a terceira dimensão, que Adorno descreve como sendo o aparecimento de um novo tipo de homem em virtude do surgimento da Sociedade Industrial. A terceira dimensão vai ser a mola mestra para a reflexão do Filósofo sobre o comportamento mimético antissemita. No estudo do comportamento do antissemita, Adorno leva em conta os fatores psíquicos, desconsiderados pela maioria dos teóricos da educação, o que torna suas proposições de enorme importância ao pensamento filosófico-educacional contemporâneo, pois o homem não se define apenas pelo intelecto, mas também possui uma *hybris*, marcada por sentimentos que despertam o retorno a um estágio pré-histórico, anterior ao processo civilizatório. Este retorno implica uma reaproximação da natureza externa, sem que sejam subjugados estes sentimentos e a própria busca pela felicidade. Isto não significa, no entanto, o esquecimento de tudo o que foi aprendido, mas um retorno que tem como finalidade a compreensão da importância da própria natureza interna e externa dentro de um universo sempre em movimento. A educação, nesse caso, necessita ser redirecionada, sem que se olvide todo o caminho por ela percorrido.

Diferentemente daquela educação pensada por Platão, em que a mimesis não permitia a formação do homem virtuoso, e, diversamente da educação da Modernidade, orientada exclusivamente pela razão, em Adorno, a formação humana deve levar em conta o funcionamento dos mecanismos miméticos que permitirão outra perspectiva sobre a forma de transmitir os conhecimentos e as experiências. A tese principal de Adorno sobre a educação é que Auschwitz é a ausência de aptidão à experiência que necessita ser apreendida fora do domínio das ciências naturais.

No texto intitulado *Como Elaborar o Passado*, Adorno faz uma análise da realidade alemã frente ao nazismo, no cerne da qual o povo alemão se utilizou de vários subterfúgios para escapar do sentimento de culpa em relação a esse acontecimento que tirou a vida de milhares de pessoas. Ele adverte para o fato de que a desculpa, que consiste em não elaborar o passado com a presença da permanente memória não livra o povo da culpa. Ao

contrário, examinando psicanaliticamente diversos tipos de comportamento, percebe-se que as experiências do passado não devem ser esquecidas, pois elas possibilitam a educação do espírito que, pela memória, não permite que os fatos aterrorizantes como o nazismo se repitam (ADORNO, 1995). Para ele, elaborar o passado não é esquecer, mas lembrar o que não pode ser esquecido, pois a cultura necessita da lembrança dos elementos traumáticos que ocorreram para compor a experiência daquilo que será transmitido a cada homem que nasce e que tem de se apropriar dos conhecimentos anteriores a ele. Para a formação humana, somente o aparato tecnológico não basta, pois ele também possui uma história e é necessário que se integre aos outros saberes, a fim de permitir a elaboração de conhecimentos compreensíveis.

O que aconteceu, porém, segundo Adorno foi o esquecimento daquilo que era essencial à constituição dos indivíduos. A única possibilidade de impedir a ocorrência de novas crueldades é a autorreflexão crítica e uma reconciliação com a cultura, ou seja, somente recorrendo ao passado, é possível evitar a semiformação. No texto *Teoria da Semicultura* Adorno defende que,

A semiformação é uma fraqueza em relação ao tempo, à memória, única mediação que realiza na consciência aquela síntese da experiência que caracterizou a formação cultural em outros tempos. Não é por acaso que o semiculto faz alarde de sua má memória, orgulhoso de suas múltiplas ocupações e da conseqüente sobrecarga (1996, p. 406).

Assim, a teoria da semiformação, para Adorno, constitui-se pela perda da consciência promovida pelo capitalismo tardio e que, com a indústria cultural, transforma a cultura em mercadoria. No lugar da autoconsciência, condicionada culturalmente, se dá a semiformação, uma falsa experiência de caráter afirmativo, uma impressão de satisfação provocada pelo consumo, mas que na realidade só corresponde aos interesses objetivos dos sentidos, provocando sua regressão. O que se sente não é uma satisfação subjetiva, mas uma satisfação objetiva que passa rapidamente e pede novas formas de satisfação que levam a uma infinidade de prazeres meramente passageiros, tornando os sujeitos insatisfeitos continuamente. Há, dessa maneira, uma dominação e uma alienação acachapante do plano subjetivo que condiciona a estrutura social (MAAR, 1995).

Vimos no estudo anterior que Adorno, na sua análise sobre a sociedade burguesa, a situa sob o crivo da razão, apontando inclusive, que a razão mesma não é esclarecida, e que nem mesmo a ciência moderna, com todo seu aparato tecnológico, deve ser considerada como estágio último para a explicação dos fenômenos da natureza e do comportamento humano. Para o filósofo frankfurtiano, a ciência favoreceu tanto a desumanização como a falta de

reflexão da realidade em si mesma, tornando equivalentes e cristalizadas as relações sociais, implicando em uma repetição obsessiva e sem criatividade, de tal modo que,

A vida, modelada até suas últimas ramificações pelo princípio da equivalência, se esgota na reprodução de si mesma, na reiteração do sistema, e suas exigências se descarregam sobre os indivíduos tão dura e despoticamente, que cada um deles não pode se manter firme contra elas como condutor de sua própria vida, nem incorporá-las como algo específico da condição humana. Daí que a existência desconsolada, a alma, que não atingiu seu direito divino na vida, tenha necessidade de substituir as perdidas imagens e formas através da semiformação (ADORNO, 1996, p.399).

Como se vê, a desconfiança de Adorno quanto aos princípios da ciência pode ser também direcionada aos princípios de equivalência encontrados nas propostas educativas e nas atividades cotidianas de espaços como a escola, *locus* onde as práticas educativas priorizam quase que totalmente o raciocínio e a fabricação de práticas pedagógicas sistemáticas (ideológicas) como forma mais “apropriada” para educar. Como a educação escolar é um processo intencional e planejado, ela não deixa de estar a serviço da reprodução da razão instrumental, que privilegia a dimensão conservadora e conformadora do processo de ensino, cujo papel é formar. A nosso ver, no entanto, a escola não é lugar apenas para transmitir informações, pois ela ultrapassa essa função, ou seja, precisa ser inserida em uma formação (*Bildung*) que vai além dos muros da escola.

Portanto, as advertências de Adorno se direcionam contra a formação humana fragmentada, com suas práticas dissociadas da realidade. Isso não significa dizer que não se deva considerar relevante o aprimoramento do raciocínio e da memória dentro do processo de ensino e aprendizagem, porém, para o filósofo, neste processo, deve ser mantida uma relação com o mundo fenomênico em sua complexidade, em que os comportamentos particulares, munidos de idiossincrasias específicas e as relações impostas pela sociedade, devem fornecer materiais para a constituição da história e, por conseguinte, à formação humana. A formação cultural do sujeito deve, dessa forma, se distanciar de uma formação exclusivamente voltada para a adaptação e para o trabalho e marchar em busca de uma emancipação e de uma autorreflexão crítica. O sujeito deve estar atento, principalmente, para a falta de formação, reconhecendo-se como sujeito falho e, por isso mesmo, em condições de transformar sua realidade. O caminho apontado por Adorno é, dessa maneira, aquele que direciona para o lado subjetivo, pois,

A formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva. Porém a cultura tem um duplo caráter: remete à sociedade e intermedia esta e a semiformação. Na linguagem alemã de hoje se entende por cultura, em oposição cada vez mais direta à práxis, a cultura do espírito. Isto bem demonstra que não se conseguiu a emancipação completa da burguesia ou que esta apenas foi

atingida até certo ponto, pois já não se pode pensar que a sociedade burguesa represente a humanidade (1996, p.389).

Adorno chama a atenção para a necessidade dos processos educativos não serem restritos ao momento de instrução e de não serem de total responsabilidade das instituições de ensino, que, embora prometam grandes transformações na sociedade, recebem as interferências do sistema dominante (capitalismo), mercantilizando os elementos necessários ao processo formativo. Dessa maneira, pensando desde uma ação formativa alternativa, Adorno propõe o resgate da dimensão emancipatória da formação (*Bildung*), considerando-se os vínculos entre os objetos estudados, ou seja, uma relação entre passado, presente e futuro e não um eterno presente de repetição do mesmo, que passa uma falsa ideia de existência de indivíduos emancipados. Para que seja alcançada a emancipação do homem, Adorno propõe primeiramente uma modificação nas situações objetivas, encarando suas limitações, para que só então haja condições de combater o embrutecimento e promover uma reconciliação entre pensamento e realidade.

Desse modo, para Adorno, “[...] a desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio. As tentativas pedagógicas de remediar a situação se transformaram em caricaturas” (1996, p.393). Os indivíduos foram então conduzidos à semiformação e tornaram-se vazios em experiência formativa, pois as reformas pedagógicas, com suas novas formas de ensinar, jamais foram suficientes para a transformação da sociedade, não conseguindo extirpar a semiformação que, por sua vez, não atinge somente os que são considerados incultos, mas também aqueles enquadrados dentro em um universo cultural considerado esclarecido. A propósito, no texto *Teoria da Semicultura*, Adorno se expressa da seguinte forma:

Os sintomas de colapso da formação cultural que se fazem observar por toda parte, mesmo no estrato das pessoas cultas, não se esgotam com as insuficiências do sistema e dos métodos da educação, sob a crítica de sucessivas gerações. Reformas pedagógicas isoladas, embora indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Poderiam até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação diante do poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles. Igualmente, diante do ímpeto do que está acontecendo, permanecem insuficientes as reflexões e investigações isoladas sobre os fatores sociais que interferem positiva ou negativamente na formação cultural, as considerações sobre sua atualidade e sobre os inúmeros aspectos de suas relações com a sociedade, pois para elas a própria categoria *formação* já está definida *a priori* (1996, p.388).

Assim, Adorno quer recuperar ou fazer emergir um novo tipo de sujeito, movimentado pelos elementos de autorreflexão, já presentes no pensamento socrático do “sei que nada sei” em que os homens nunca desistem da sua busca pela verdade e reconhecem a

própria ignorância. Sua crítica é, principalmente, dirigida ao sujeito autossuficiente do mundo moderno, que tudo alcança pela razão, ou seja, Adorno abandona o sujeito kantiano e, em termos hegelianos, sustenta a ideia de que o homem só se constitui como indivíduo quando reconhece o outro também como indivíduo²².

Podemos, em linhas gerais, declarar que Adorno considera a educação como norteadora de consciências e produtora de saberes, mas incapaz de, por si, levar a uma emancipação plena (ADORNO, 1985). Podemos ainda acrescentar a isso o fato de que, para ele, a educação, assim como a cultura, se mostra ambígua em seu conceito, pois, ao mesmo tempo em que impõe uma forma de educar o homem, moldando-o, requer que esse mesmo homem seja autônomo. Ao mesmo tempo em que retira do homem sua natural forma de ser, impondo-lhe uma civilização, exige dele uma reflexão sobre a realidade (ADORNO, 1995). Portanto, uma educação que, ao mesmo tempo em que preza a civilidade - reprimindo o comportamento para permitir o convívio em sociedade - também incentiva atitudes que devem estar em contínuo movimento em busca da autonomia e da libertação em relação às imposições da sociedade, na procura de novos paradigmas que envolvem um processo de crítica constante aos mecanismos de poder. Trata-se de uma educação como resistência ao *status quo* vigente, que, mais a frente, apresentaremos como um dos elementos fundamentais presente no debate filosófico-educacional adorniano. A concepção de emancipação em Adorno não se reporta unicamente aos indivíduos como entidades isoladas, mas se refere a eles como seres sociais, porém não deixando de se fundar na formação da vontade de cada um em particular. Para ele, uma mudança isolada em cada indivíduo não é capaz de promover mudanças sociais, mas a partir dela é possível obter transformações expressivas na sociedade.

Ademais, é importante ainda observar que a exposição de Adorno sobre o conceito de educação é condicionada pelo seu método da dialética negativa, que perpassa todo seu pensamento, induzindo a uma singular compreensão da realidade, ao examinar tanto o lado negativo quanto positivo dos conceitos. No primeiro momento deste trabalho, na análise sobre o conceito de mimesis, Adorno segue na mesma direção, ao investigar outros conceitos, sempre movido pelo cuidado de não recair na trama de um pensamento norteado por conceitos unicamente positivos. Dessa maneira, o autor insiste em um método de formação crítica, ou seja, no método da dialética negativa, cujos princípios são a contradição, a não identidade, a inadequação em um processo de recusa do existente pela via da resistência.

²²O conceito de reconhecimento em Hegel é mútuo e recíproco, ligado que está a um conceito de liberdade e identidade pela diferença, onde o homem é na medida que o outro também é.

O conceito de resistência contribui, assim, no percurso feito até aqui, para uma dupla abertura, como a do conceito de educação; educação marcada por certa inatividade, em termos de formação, dos processos necessários para a emancipação dos sujeitos, pois ainda é escrava da indústria cultural, que desenvolve nos indivíduos, desde a infância, comportamentos preconceituosos, prejudiciais tanto para a autonomia como para a integração social.

Assim, impõe-se nesse ponto do nosso trabalho uma consideração mais detalhada a respeito dos conceitos de autonomia e integração, importantes ao desenvolvimento do conceito de *mimesis*, primeiramente visto como adaptação, conformação e acomodação que perpassa todo o percurso educativo. A autonomia adorniana, como exposto no estudo anterior, é tributária do conceito kantiano de emancipação. Importa, portanto, compreender que, para Adorno, o ponto-chave consiste em seguir um caminho inverso ao da dominação, na procura pela emancipação, elevando o espírito àquilo que ultrapassa a esfera do entendimento e da razão, para que haja uma formação para a emancipação e não para dominação. Para o Filósofo,

A formação tem como condições a autonomia e a liberdade. No entanto, remete sempre a estruturas pré-colocadas a cada indivíduo em sentido heteronômico e em relação às quais deve submeter-se para formar-se. Daí que, no momento mesmo em que ocorre a formação, ela já deixa de existir. Em sua origem já está, teleologicamente, seu decair (ADORNO, 1996, p.397).

Quanto à integração, ela pode ser compreendida como uma das etapas do processo civilizatório e de adaptação a que o homem se submeteu e que inevitavelmente o encaminhou para a eliminação da *mimesis* como fenômeno positivo à formação. O processo de integração implica a passagem da autonomia (lei para si mesmo) à heteronomia (o homem em sua menoridade) da qual Kant tanto tentou nos livrar. Para Adorno, ao se levar em conta apenas os aspectos racionais, se esquece da dimensão sensorial e corpórea do ser humano, considerando-o apenas como um objeto onde podem ser impressos os elementos necessários à formação. Por isso a necessidade de uma intervenção negativa que permita a cada indivíduo um pensamento resistente às imposições da sociedade que sistematiza as formas de educar.

Dessa maneira, pode-se pressupor que, da mesma forma como a ciência se converteu em mito, os indivíduos, em vez de se tornarem emancipados, regrediram a um estado “pré-histórico”, pois suas ações, como se constatou com a ocorrência do nazismo, se resumiram em ações irracionais, impedindo-os de alcançar a maioridade. Diante de tal comprovação, resta a alternativa de se repensar todo percurso feito pelo homem na história da

humanidade, a começar pela forma como ele tem sido educado, e é isso que Adorno faz em sua *Dialética do Esclarecimento*.

Além da análise de Adorno feita na *Dialética do Esclarecimento*, onde são fornecidos os pressupostos que integram a formação humana fragmentada, na obra *Educação e Emancipação*, temos, de forma clara, as questões sobre a educação em vários textos do Filósofo quanto à questão formativa. Nessa obra, é possível verificar alguns pontos centrais do pensamento filosófico-educacional de Adorno, deixando transparecer que o Filósofo acredita no contributo da educação para a conquista de uma sociedade mais democrática e emancipada, mas para isso se põe a necessidade da crítica permanente e do não esquecimento das atrocidades ocorridas, pois elas devem funcionar como elementos que permitem o reconhecimento dos limites do esclarecimento, que teve um de seus momentos de demarcação na ocorrência de Auschwitz.

Auschwitz foi a ‘última gota’ e é preciso uma elaboração do passado no sentido de que esse não perdure e não venha a se repetir. Que Auschwitz não se repita é a articulação contundente de Adorno, para que a experiência histórica do nazismo não retorne. Esse imperativo implica uma práxis, que, não se reduz a um mero dever-ser. A experiência formativa não deve ser prejudicada com o exemplo extremo de Auschwitz, pois este corresponde ao desenvolvimento da racionalidade social do capitalismo tardio. Auschwitz faz parte de um processo social objetivo, ou seja, de uma regressão que se associa ao progresso que impede a experiência formativa como reflexão crítica sobre o passado, tendo como foco o presente. Com o desenvolvimento do sistema capitalista, o homem passa a ter como objetivo um avanço que se serve da natureza para satisfazer seus interesses, tornando-se ele próprio objeto de troca dessa sociedade industrializada.

Desse modo, a preocupação de Adorno é alertar os educadores em relação ao deslumbramento em que eles se encontram mergulhados, situação esta que ameaça o conteúdo ético do processo formativo. Ele adverte contra os efeitos negativos de educação pautada em estratégias de esclarecimento travestidas de um tipo de racionalidade que somente transmite a imagem de uma educação voltada para a emancipação, quando na verdade o homem “se converte em mera presa da situação social existente” (MAAR, 1995, p.11). Portanto, cabe à educação formar culturalmente para a autonomia e a emancipação para, desse modo, evitar a barbárie.

O desenvolvimento científico atrelado a uma racionalidade instrumental não conduz à emancipação por estar vinculado a um determinado tipo de formação social e isso se estende também ao plano educacional. O nazismo se mostra como exemplo vivo da

dominação na qual a educação, resultante do desenvolvimento da sociedade em bases utilitarista e pragmática, irá formar um sujeito incapacitado de alcançar a maioridade. Como Kant, Adorno se detém na formação educacional pelo esclarecimento. No entanto, esta se tornou problemática para a formação. Desse modo,

O quadro mais avassalador dessa situação é o capitalismo tardio de nossa época, embaralhando os referenciais da razão nos termos de uma racionalidade produtivista pela qual o sentido ético dos processos formativos e educacionais vaga à mercê das marés econômicas. A crise da formação é a expressão mais desenvolvida da crise social da sociedade moderna (MAAR, 1995, p. 15-16).

O caminho percorrido por Adorno é o da crise da formação e da educação perante a dinâmica do trabalho social que produz e reproduz determinada sociedade. A indústria cultural é, nesse sentido, o que expressa “a forma repressiva da formação da identidade da subjetividade social contemporânea” (MAAR, 1995, p.20). O trabalho social nesse contexto é a sociedade reproduzida antecipadamente e oferecida ao sujeito, cuja racionalidade produtivista, causada pelo capitalismo tardio, deixa o conteúdo ético dos processos formativos e educacionais à mercê das coordenadas sistêmicas desse modelo. Marx pensou que, com a formação pelo trabalho, seria possível uma síntese socialmente emancipadora. Embora o trabalho fosse formador, porém o que se observou com a industrialização foi a universalização da forma social do trabalho alienado e deformador.

Para Adorno, a apresentação da totalidade pronta em que se pauta a educação não seria, portanto, encaminhada a uma emancipação, mas sim à servidão e à dominação, ainda mais que ela se estabelece como “referência para a modernidade enquanto produção social apreendida num modelo de totalidade conjunta de base econômica e de estrutura política e cultural” (MAAR, 1995, p. 17). Nestes termos, não são válidas as hipóteses da Modernidade de uma educação que se preocupa somente com a formação da consciência e com o aperfeiçoamento moral.

Em *Educação e Emancipação*, Adorno concentra sua atenção na crise do modelo de articulação entre trabalho e formação. Ele questiona a formação com procedência em uma determinada forma social assumida pelo trabalho que se caracteriza pela conversão da ciência e da tecnologia em forças produtivas, processo este ocorrido com a emergência do capitalismo tardio (Sociedade Industrial). A conversão do processo educacional aos requisitos da acumulação ampliada do capital se torna inevitável. No lugar de conduzir à autonomia, este tipo de educação deformada torna os homens subordinados à produção e à reprodução, modificando assim a sua relação com a natureza. Dessa forma,

O poder das relações sociais é decisivo, sofrendo ainda os efeitos das pulsões instintivas: para os frankfurtianos Marx e Freud desvendam os determinantes da limitação do esclarecimento, da experiência do insucesso da humanização do mundo, da generalização da alienação e da dissolução da experiência formativa (MAAR, 1995, p.19).

As relações sociais não afetam apenas as condições da produção econômica, mas afetam principalmente o plano subjetivo, originando relações de dominação. Exemplos disso são a manipulação das massas no nazifascismo e a expansão das sociedades consumistas.

Essa tese justifica a inter-relação da indústria cultural com a mimesis e a educação. Na indústria cultural, o homem se distancia da realidade genuína, racionalizando os eventos e mutilando sua natureza. Somente uma reaproximação da realidade pela autorreflexão possibilita uma reconciliação, um retorno à natureza. Há, desse modo, uma confusão entre os planos da economia e da formação cultural, pois “a indústria cultural determina toda a estrutura de sentido da vida cultural, pela racionalidade estratégica da produção econômica que se inocula nos bens culturais enquanto se convertem estritamente em mercadorias” (MAAR, 1995, p.21).

A organização industrial manipula o sentido dos objetos culturais e os subordina aos sentidos econômicos e políticos. Há uma interferência na apreensão da sociedade pelos seus sujeitos, mediante o mecanismo da semiformação. Assim, “mobilizam-se traços autoritários da personalidade e [...] a indústria cultural reflete uma irracionalidade objetiva da sociedade capitalista tardia, como racionalidade da manipulação das massas” (MAAR, 1995, p.21). Ela corresponde à continuidade histórica de condições sociais objetivas que formam a antecâmara de Auschwitz, a racionalização da linha de produção do terror e da morte.

Ao analisar a educação com suporte nos conceitos de barbárie e emancipação, Adorno tece uma crítica à educação autoritária, de caráter manipulador, onde a Filosofia aparece como forma de resistência à dominação no processo global de alienação dos indivíduos. O pensamento adorniano, portanto, é uma reação à catástrofe contemporânea e se dirige à tentativa de uma releitura, com base nessa tragédia, da história da cultura ocidental que, com a emergência do capitalismo tardio, comporta a transformação do homem em objeto de troca ou mercadoria e a transformação de objetos sem vida em objetos viventes.

Para Adorno, vivemos num mundo de imagens controladas pelos organismos de poder. Esse embuste veio a acontecer principalmente na Modernidade, com a integração dos instrumentos da técnica na produção e reprodução social e com a socialização econômica e administrativa da sociedade. O objetivo dessa integração não é o desenvolvimento das massas, mas sua dominação, pois a indústria cultural não permite viver e existir

individualmente, com autonomia, mas modela as consciências. Assim, o homem vive sob o poder do consumo, aliena-se e perde-se dentro da própria sociedade da qual faz parte, não encontrando seu lugar como sujeito, sendo mero objeto, o próprio objeto que ele fabrica e não tem condições de consumir.

Na indústria cultural, há uma cumplicidade entre ciência e cultura como caracterizadas pela perda da dimensão emancipatória gerada inexoravelmente no movimento da razão. A razão é caracterizada em termos sociais objetivos e não teoricamente, no plano da consciência ou do esclarecimento. Para Adorno, o problema consiste na falta de racionalidade, no seu déficit nos termos da experiência formativa dialética. A falta da razão mesma, por isso, “é uma advertência da razão contra si mesma e em nome de si mesma” (MAAR, 1995, p.20).

A indústria cultural transforma a cultura em mercadoria. A semiformação é desse modo, a perda da consciência promovida pelo capitalismo tardio. Sob este prisma, a indústria cultural pode ser considerada responsável pela elaboração e transmissão dos elementos que priorizam a semiformação, pois seu conceito político está embasado, ética e materialmente, no processo produtivo capitalista, totalmente administrado, e a semiformação é a base social dessa estrutura de dominação. As produções simbólicas que são por ela transmitidas favorecem a decadência dos elementos críticos dos homens, deixando-os sem a consciência da própria realidade em que vivem. Neste quadro, os homens sujeitam-se à paranoia que a classe dominante lhes impõe, atuando segundo os paradigmas estabelecidos, sem se aperceberem da sua completa subordinação. Nesse ambiente social, marcado pela falta de reflexão, os homens se esquecem do que a própria cultura lhes promete: uma educação como forma de livrá-los de sua minoridade. Com esse esquecimento de si mesmos, eleva-se sua condição de incapacidade de leitura da realidade, visto que eles têm a impressão de que são indivíduos de cultura, quando a cultura que possuem é aquela imposta pela estrutura dominante.

Então se formam pessoas conformadas e pobres de experiência; pobreza de experiência ocasionada pela indústria cultural que, atuando mimeticamente, transformará o homem, já recalcado pelo processo de civilização, para adestrá-lo às prescrições do sistema. Esses mesmos indivíduos são impelidos, ainda mais, pela indústria cultural à perda definitiva dos vestígios do seu comportamento mimético originário.

Sua capacidade mimética - que antes permitia uma mediação entre o mundo existente, interpretado simbolicamente, e o mundo particular, pertencente apenas a ele - é inviabilizada pela indústria cultural. A ação da mimesis contribui no processo formativo, porém apenas em seu segundo momento, ou seja, em sua forma recalcada, desse modo não

favorecendo a formação dos sujeitos cujo pensamento fica estagnado em termos da capacidade crítica necessária à resistência ante o sistema dominante. Dessa maneira, os sujeitos ficam aprisionados ao princípio de identidade impulsionado pela realidade econômica. Assim, somente a resistência ao princípio de identidade mediante a não identidade dará condições aos indivíduos para terem experiências novas e atitudes críticas direcionadas ao sistema em que estão inseridos.

Considerando o conceito de indústria cultural, Adorno reflete sobre a exclusão do sujeito enquanto vítima da instrumentalização. A indústria cultural converte-se em ideologia, prescrevendo uma visão de mundo, guiando para um fazer no mundo social mediante imagens e representações que afetam os valores, ideias e até sentimentos mais íntimos. A indústria cultural como fenômeno mimético direciona os indivíduos a uma adaptação à natureza do capital, que produz e reproduz pensamentos e os instala nas consciências dos indivíduos. “A indústria cultural é, portanto, o órgão de concretização da pressão pela identidade que já se realizava no mito, na forma do eterno sempre igual. A indústria cultural é reprodutora da pseudo-indivuação dos integrantes da massa” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 69).

O conceito de mimesis que Adorno nos expõe, e que foi mostrado no primeiro momento deste estudo, pode ser tomado como ponto fundamental de abordagem do processo formativo, na medida em que é um fenômeno que possibilita a transmissão da cultura, ou seja, o processo de formação cultural (*Bildung*) só pode ocorrer mediante uma abordagem mimética. Assim, na investigação sobre a mimesis na dinâmica educativa, almeja-se não só reconhecê-la como necessária ao desenvolvimento humano e às práticas sociais, mas objetiva-se também refletir sobre sua importância nos ambientes educacionais onde a formação cultural se amostra de maneira mais expressiva e diferenciada, pois se trata de um espaço que se oferece com suas ferramentas de civilidade que intencionam garantir a boa convivência entre os indivíduos; lugar onde os preconceitos devem ser ultrapassados pela aceitação do outro, do diferente, embora o comportamento de repulsão possa ainda se encontrar de modo latente.

Contemporaneamente, indústria cultural, pelos meios de comunicação de massa, se afigura como responsável por incutir na consciência dos indivíduos as imagens com as quais almeja dominar, dando a entender que existe um indivíduo empreendedor; aquele que, apesar das dificuldades crescentes, acredita no seu país; a figura do homem à frente do seu tempo; que recebe as notícias em primeira mão, dependendo do serviço de internet que possui e que está na frente sempre, pois possui determinada marca de TV a cabo. Ao transmitir essas imagens para os indivíduos, a indústria cultura induz a comportamentos miméticos que

retiram dos homens a capacidade de refletir e permitem que sejam eles mesmos dominados por aquilo que consideram ser indispensável à sua sobrevivência. Outra maneira de desvirtuar a realidade, o que ocorre frequentemente é o fingimento de aceitação do diferente, mas que, de fato, o que se sente é uma repugnância em relação ao outro, que pode indicar, segundo Adorno, uma familiaridade com o diferente, porém um tipo de proximidade que violenta, enquanto processo mimético de autodefesa.

Quanto à educação hoje vigente, a nosso ver, nada indica que ela possa ir além de uma teoria com teor ideológico, pois ela se encontra ainda arraigada aos ditames instrumentalistas do pensamento moderno, que intenta solucionar os problemas relacionados à formação e que, no entanto, na prática, está longe de levar a uma sociedade mais justa, livre e emancipada, evidenciando uma grande distância entre aquilo que se proclama como ideal de formação e a realidade. Ademais, as fronteiras geográficas e culturais são ultrapassadas pelo contato virtual, transformando as relações interpessoais permeáveis e tornando o contato virtual entre as pessoas muito mais interessante do que o contato direto, pois permite experimentar novas vivências, porém são vivências fluidas, voláteis e sem consistência ética. Neste âmbito patológico, aparecem alguns tipos de indivíduos que, movidos por uma crescente paranoia, colocam em prática os desejos mais sombrios, focalizando suas ações naqueles que consideram incapacitados de defesa.

Podemos concluir, pois, que Adorno considera a educação como um processo de subjetivação qualitativa que vai a contrapelo da passividade e da conformação mental e social. O Filósofo almeja uma formação de cunho crítico e emancipatório, em que a autonomia dos indivíduos seja alcançada ao ponto de tirar as pessoas da menoridade em termos do pensar e do agir em sociedade.

4 MÍMESIS E PRÁTICA DOCENTE EM THEODOR W. ADORNO

Chegamos ao último momento deste trabalho com a apresentação de como sucede a relação entre a mimesis e a prática docente e suas implicações filosófico-educacionais no processo formativo, com base na obra *Educação e Emancipação* e no texto *Introdução à Personalidade Autoritária*, de Theodor Adorno. As reflexões feitas pelo Filósofo na obra *Educação e Emancipação* apresentam-se como importantes para o pensamento educacional, pois tocam em pontos interessantes da educação escolar da Alemanha, e o texto *Introdução à Personalidade Autoritária*, por tratar da personalidade e do caráter autoritário dos indivíduos que servem de aporte teórico para pensar a educação da atualidade. Como frisamos no primeiro momento desta dissertação, a cada dia se intensificam as dificuldades da educação em cumprir sua tarefa. Arriscamo-nos em dizer que isto acontece por não ser levada em consideração a hipótese de que os indivíduos são portadores de certo grau de irracionalidade, ou seja, nem sempre agem segundo a razão, e esta, como acentua Adorno, não escapa de seu momento autoritário, quando um indivíduo age conforme interesses particulares, esquecendo-se dos direitos dos outros. Prova disso são os problemas constantemente ocorridos nas relações humanas, marcados por comportamentos de violência e de intolerância.

No contexto da escola, pretendemos, assim, com o auxílio dos textos retro citados, fazer um estudo sobre a prática docente, que, atingida pelo fenômeno da mimesis, pode indicar tabus que afetam negativamente a formação humana. No artigo *Apontamentos sobre o conceito de mimesis*, Nivaldo Alexandre de Freitas diz que Adorno opera o conceito de mimesis no debate sobre a educação para a compreensão desta última e que considera a mimesis anterior à própria linguagem comunicativa. Esta ideia de Adorno é tributária a Walter Benjamin, cujo conceito de mimesis mantém relação com a Psicanálise e identifica-se e relaciona-se com a aprendizagem, por exemplo, quando as crianças aprendem imitando os pais ou os professores.

Assim, neste trabalho, de modo diferente, a prática docente é apanhada, levando-se em consideração a análise dos aspectos psíquicos dos indivíduos de acordo com a teoria adorniana sobre a mimesis que, como já frisamos, se utiliza de categorias psicanalíticas para fundamentar o comportamento mimético. Portanto, não se trata de uma análise dos modelos de ação docente comumente investigada pelos teóricos da educação, ou seja, de como os professores devem direcionar suas ações para o aprendizado conteudístico intrínsecos aos currículos escolares com suas diretrizes de educação.

Cumpre-nos antecipar a ideia de que a teoria sobre a educação de Adorno, ao focalizar esse tema, direciona a visão para a prática docente, na medida em que educação e prática docente no contexto da escola são indissociáveis. O Filósofo não oferece, no entanto, uma posição que satisfaça inteiramente as exigências teóricas, pois, segundo ele, a educação está imersa em ambigüidades que dificultam um posicionamento fechado e que por isso mesmo permite uma reflexão contínua sobre a realidade histórica e a práxis educacional. Além disso, o próprio método adorniano da *dialética negativa* nos impede de ter uma síntese com base nas contradições impostas pela realidade, pois lançamos mão do que está “fora” desta, que, imposta, antecipa uma identidade com o pensamento, ou seja, pensamento e realidade estão em harmonia e as contradições podem ser antecipadamente resolvidas por uma força absoluta que tudo rege.

Para esta empreitada, iniciamos nossa discussão fazendo algumas exposições sobre a educação e a prática docente com base nos textos *Educação – Para quê?* e *Educação após Auschwitz*. A intenção é assinalar a visão de Adorno sobre a educação e apontar algumas peculiaridades desta, relacionada com a prática docente. Em seguida com base no texto *Tabus acerca do Magistério*, fazemos um exame do comportamento mimético e do potencial antidemocrático que pode se manifestar na prática docente. Dizemos potencial, porque, segundo o próprio Adorno, no texto *Introdução à Personalidade Autoritária*, não são todos os indivíduos que possuem na estrutura da sua personalidade a capacidade de seguir os ditames ideológicos de um sistema de dominação. Em vista disso, para maior fundamentação sobre esse assunto, complementamos o estudo com as considerações feitas neste texto, evidenciando as práticas dos professores, a fim de refletir sobre o que se encontra não abertamente revelado, tanto na personalidade dos professores como na dos alunos.

A investigação tem por base a reflexão sobre nossa experiência, na busca de ações que possam abalzar uma prática qualitativa que nos auxilie no desempenho em sala de aula. Assim, a exposição tem a finalidade de buscar uma aproximação entre teoria e prática para fundamentar nossas ações, não visando, portanto, a garantir uma autoridade repressiva do professor perante os alunos, mas contribuir para que o trabalho docente possa cumprir a parte que lhe compete e que a educação possa lograr seu objetivo principal: a emancipação humana.

4.1 Debate sobre a Educação e a Prática Docente

Como expusemos na discussão sobre os efeitos da mimesis na educação, uma das inquietações de Adorno ao tratar do tema da educação é que a barbárie nazista não se repita,

conferindo alto valor à educação política na sua dimensão formativa, com ênfase na autoconscientização dos indivíduos, em seus limites e em sua capacidade de agir contra os impulsos e instintos agressivos que podem levá-los a ações contrárias àquelas necessárias para a educação emancipatória (ADORNO, 1995).

Assim, Adorno adverte sobre as ações alienantes, observando inclusive que a realidade econômica e social mantém relação íntima com a formação. Isso não significa que o Filósofo considere que apenas aqueles que usufruem de uma boa condição material e de uma respeitável situação social sejam pessoas emancipadas, pois tais características, como ele mesmo ressalta, pertenciam a uma boa parte daqueles que aceitaram as atitudes racistas impostas pelo nazismo. O filósofo quer comunicar que a formação vai depender de que cada um, como responsável pela sua própria saída da menoridade, se ache em condições de refletir sobre o que lhe é transmitido pela educação, ou seja, que tenha a capacidade de resistir a uma educação imposta a partir do exterior, que torna os indivíduos heterônomos, momento autoritário do comportamento humano que faz com que eles se julguem capazes de decidir sobre a vida do outro.

Temos, portanto, no quadro das análises do autor, a inclusão das questões sobre a educação institucionalizada. A propósito, em *Educação – Para quê?*, o Filósofo investiga se a educação está cumprindo o seu papel fundamental, ou seja, se está direcionando a uma formação para emancipação. A principal pergunta feita por ele é: “*para onde a educação deve conduzir?*” (ADORNO, 1995, p. 139), ou seja, a preocupação do filósofo não é para que fins a educação seria necessária, logo, os campos e os veículos da educação, embora importantes, ficam em segundo plano. Diz Adorno, porém, que na maioria discussões teóricas sobre a educação, se observa que elas são encaminhadas para uma esfera em que a questão principal é “*como educar?*”, permanecendo as práticas educativas vinculadas à preocupação ética configurada na esfera do *dever-ser*, ou no plano ideal (ADORNO, 1995). Pesquisam-se também como os professores devem ensinar e como os alunos aprendem ou devem aprender, ou seja, exames de ordem exclusivamente teórica, direcionadas ao ensino e à aprendizagem, evidenciando-se principalmente uma “qualidade da educação” qualidade esta, pouco fundamentada. Existe, portanto, uma separação entre a teoria e a prática que impede a superação dos problemas educacionais.

Nesse sentido, o professor tem uma função que ultrapassa aquela que normalmente se cobra dele nas escolas, exigindo-se, além de uma boa formação pedagógica para que os objetivos sejam alcançados, que tenha uma visão política do seu papel na sociedade. A tarefa do professor é, portanto uma tarefa da ética, cuja finalidade é reduzir a um

mínimo possível o efeito da força irracional nos seus alunos que devem ser livres também com relação àquilo que, no interior de si mesmos, os aprisiona; força irracional que pode, eventualmente, eclodir de modo violento, não se tratando mais de um leve desequilíbrio, mas de algo doentio que dificulta toda sua formação.

Não devemos com isto acreditar que Adorno abandona as discussões das teorias sobre a aprendizagem, que de certa forma têm ajudado a compreender como as crianças aprendem, facilitando o trabalho dos professores, mas que a sua preocupação é evitar que a educação reincida nos velhos erros dos processos de condicionamento nos quais os alunos eram tratados como objetos onde se imprimiam os conhecimentos. Dessa forma, o que Adorno intenta é recuperar a relação entre a teoria e a prática que foi escamoteada quando a tradição se apegou apenas a um tipo de educação em termos ideais e deixou a prática de lado, ou, quando a usou, o fez equivocadamente (ADORNO, 1995).

Ainda sobre as críticas aos modelos ideais de educação, Adorno ressalta que estes direcionam os indivíduos à heteronomia, ou seja, como Kant, Adorno se detém na formação educacional pelo esclarecimento da consciência. Defende a ideia de que a partir da conscientização se pode alcançar a autonomia, o que significa a lei para si mesmo onde o homem sai da sua menoridade, da falta de coragem de servir-se do entendimento, quando as leis que regem suas ações se fundamentam na conscientização baseada em uma lei moral universal e necessária. Influenciado pela categoria kantiana de autonomia, Adorno esclarece que, para cumprir as exigências da sociedade, a educação deve estar voltada ao desenvolvimento da personalidade individual. Por outro lado, Adorno também discorda de Kant, pois concebe a autonomia, em certo sentido, como limitada por ocasião da existência da sociedade capitalista que impõe sobre as nossas ações, impelida pela força da indústria cultural, falsas necessidades. Isto não quer dizer que, para Adorno, os indivíduos são incapazes de buscar pela sua emancipação, mas para que ela seja alcançada, é necessário que cada um saiba até que ponto o que ele escolhe fazer, como indivíduo que se julga livre, é objeto de uma decisão livre e que, no entanto, à indústria cultural não se deve atribuir o domínio total sobre o comportamento das pessoas. A educação, desse modo, não estar voltada puramente para os objetivos do capitalismo, porque assim ela se tornará uma educação como ideologia. Ao voltar seus objetivos apenas às finalidades úteis, a educação não faz senão orientar a racionalidade humana com base no pragmatismo, o que poderá culminar em um prevailecimento da razão instrumental como forma única de racionalidade.

Dialogando com Hellmut Becker, no texto *Educação - Para quê?*, o Filósofo nos confere a seguinte compreensão sobre a educação:

Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não é a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a *produção de uma consciência verdadeira*. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. (ADORNO, 1995, p. 141- 142)

Com suporte na concepção de educação ora descrita, percebe-se que as reflexões de Adorno estão calcadas em fatores que superam aquele tipo de educação que não carrega a “exigência política” por ele defendida, como forma de sair da ideia de uma educação como simples transmissão ou aquisição de conhecimentos. Ele visa a uma educação como formação (*Bildung*) que possibilita o processo de formação cultural. A formação cultural deve, dessa forma, distanciar-se de uma formação exclusivamente voltada para a adaptação e para o trabalho e marchar em busca de uma emancipação, de uma autorreflexão crítica, onde cada indivíduo deve estar atento principalmente à possibilidade da própria falta de formação, reconhecendo-se como falho e que, por isso mesmo em condições de transformar tanto a sua própria realidade, enquanto ser humano, como também a realidade social. Atitudes individualistas estão, dessa maneira, excluídas da proposta educativa de Adorno. Segundo ele, a educação para a emancipação deve, de forma dialética, superar suas dificuldades, pois,

A própria organização do mundo em que vivemos e a ideologia dominante - hoje muito pouco parecida com uma determinada visão de mundo ou teoria - ou seja, a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação. (1995, p. 143)

Com isto, deve também ser levado em conta o próprio problema da adaptação, pois, consoante Adorno, “a educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo” (1995, p. 143). Desse modo, como já mencionamos, a educação possui desde o seu primeiro momento uma ambiguidade da qual não podemos nos desviar. Com isto, “a educação por meio da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade teria neste momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação” (ADORNO, 1995, p. 144). Cumpre aos professores, portanto, cultivarem em suas práticas, atitudes que permitam aos alunos sair da menoridade, encaminhando-os ao esclarecimento subjetivo, à autonomia, pois,

Quando procuramos cultivar indivíduos da mesma maneira que cultivamos plantas que regamos com água, então isto tem algo de quimérico e de ideológico. A única possibilidade que existe é tornar tudo isso consciente na educação; por exemplo, para voltar mais uma vez à adaptação, colocar no lugar da mera adaptação uma concessão transparente a si mesma onde isto é inevitável, e em qualquer hipótese confrontar a consciência desleixada (ADORNO, 1995, p.154).

Num tempo em que os conceitos de educação e formação já não são vistos a partir de uma totalidade em que os objetos culturais já chegam às escolas prontos, ou seja, são impostos de fora, ainda seguindo uma ideologia de modelos ideais, tornam-se fundamentais as advertências de Adorno dirigidas principalmente aos professores. Apesar de no texto *Educação - Para quê?*, Adorno não fazer nenhuma referência direta à prática docente, elaborando teorias sobre o que os professores devem fazer para levar os alunos à autonomia, percebemos em suas constelações conceituais sobre a educação, que tanto a formação dos alunos quanto a dos professores estão em pauta.

Entendemos assim que Adorno recomenda sobre a necessidade de os professores se apoderarem em sua prática de uma reflexão permanente e perceberem o que se encontra por trás das representações miméticas impostas pelo sistema. Na sua prática diária cabe-lhes cultivar a reflexão sobre suas ações para buscar transformações na realidade. Cumpre-lhes ainda refletir sobre o que estão ensinando, de forma a evitar dogmatismos e ceticismos, ou seja, encaminhar os alunos na busca por conhecimentos que sejam fruto das próprias experiências e que permitam a construção permanente do caráter, ou seja, a formação do eu e que cada um aja consciente e autonomamente.

O que se vê com frequência, porém, é o professor absorvido com a dimensão intelectual da preparação para habilidades profissionais. O que observamos nas escolas formais, como principais instituições responsáveis pela formação, é uma preocupação com a formação de “intelectuais especialistas”, onde a dimensão humana dos valores e da sensibilidade interativa e intersubjetiva passou praticamente à validade secundária. Isso não significa dizer ser irrelevante o aprimoramento do raciocínio e da memória dentro do processo educativo, pois, como indicam, Zuin, Pucci e Ramos-de-Oliveira,

Não se pode descaracterizar a relevância que a memorização possui no decorrer do processo ensino-aprendizagem. Deve-se oferecer oposição, todavia, aos comportamentos dos agentes educacionais que se acostumam com a associação entre o pensamento superficial e a valorização daqueles que sempre aceitam a regra do jogo (2001, p. 114).

Desse modo, a memorização deve manter uma relação com o processo de ensino-aprendizagem e com o mundo fenomênico em sua complexidade, ou seja, com os indivíduos e grupos sociais particulares, que, munidos de idiosincrasias, permitem que as relações impostas pela sociedade forneçam materiais para a constituição da história e, por conseguinte, da formação humana.

Na perspectiva de Adorno, o distanciamento das experiências e a fragilidade na psicologia dos indivíduos foi o que possibilitou a ocorrência de Auschwitz. No texto

Educação após Auschwitz, ele destaca que a educação tem como princípio fundamental evitar a barbárie. A barbárie, a que ele se refere, é o horror dos campos de concentração, especificamente Auschwitz I, que, apesar de não ser o único local de terror mortífero, é o que mais chama a atenção, pois se trata do centro administrativo de deliberação do horror, o centro da pouca consciência.

Assim a prática docente se faz expressiva, pois se agravam as pressões sobre a consciência dos indivíduos, que, num sistema voltado quase que exclusivamente para a satisfação de desejos fugazes, necessitam, desde a educação infantil, de uma orientação que acate os anseios da educação.

Para o Filósofo frankfurtiano, as características bárbaras existentes no humano, adicionadas às pressões sociais, podem impelir à prática de ações indescritíveis e inimagináveis tão mais forte quanto as que culminaram em Auschwitz (ADORNO, 1995). Segundo Adorno, o processo civilizatório, embora possua seu lado social, reforça o anticivilizatório, levando os indivíduos a agirem contra os próprios interesses. Desse modo, na visão do Filósofo, o processo de Esclarecimento e os elementos que dele decorreram não atuaram expressivamente de modo a evitar a barbárie nazista.

Em vista disso, Adorno concorda com a teoria de Rousseau, o qual, na obra *Emílio ou da Educação*, defende a ideia de que o homem, em seu estado primitivo ou não civilizado, era feliz por viver de acordo com suas necessidades inatas e não com base em imposições de comportamento da sociedade. Para Rousseau, o verdadeiro instrumento do conhecimento não é a razão, mas o sentimento, e o objeto a ser verificado é a interioridade pessoal, o mundo humano, o conhecimento do homem de si mesmo. Aqui observamos a valorização moral ressaltada pelo Pensador como caminho de alcance da felicidade humana em relação a si mesmo (*Emílio*), bem como à sociedade (*Contrato Social*).

Segundo Adorno, não se pode justificar nem minimizar a morte de milhões de pessoas simplesmente como um fenômeno, uma aberração no curso da história, pois “o simples fato de ter ocorrido já constitui por si só expressão de uma tendência social imperativa” (ADORNO, 1995, p. 120). Na história da humanidade, mais precisamente no século XIX, surgiram as primeiras raízes de genocídios bárbaros, com isso, a pouca possibilidade de mudar os pressupostos objetivos (sociais e políticos) apela para o lado subjetivo para evitar a repetição de Auschwitz, ou seja, propõe-se uma “inflexão em direção ao sujeito” (ADORNO, 1995, p. 121). É importante que se estude a psicologia dos sujeitos que condescendem com explosões de barbarismo e que se detectem os mecanismos que

capacitam esses sujeitos a praticar atos desumanos, visando a impedir a repetição de mais atos monstruosos.

A educação deve, portanto, se direcionar contra a barbárie em busca da emancipação, que só tem sentido quando dirigida ao que ele denomina de autorreflexão crítica. A proposta adorniana sugere que isso só poderá ocorrer com um despertar da consciência dos sujeitos, quando os desprovidos de consciência passam a refletir sobre seus atos. O ego é, dessa forma, a instância psíquica responsável para julgar a realidade social para que os indivíduos tomem consciência da sua realidade e consigam controlar suas pulsões. Conscientização é, neste caso, o mesmo que emancipação; mas ela só é possível com a ocorrência de mudanças na própria maneira de refletir as ocorrências do passado, pois, para Adorno, “o defeito mais grave com que nos defrontamos atualmente consiste em que os homens não são mais aptos à experiência, mas interpõem entre si mesmos e aquilo a ser experimentado aquela camada estereotipada a que é preciso se opor” (1995, p. 148-149).

O pensamento freudiano, diz Adorno, proporcionou conhecimentos referentes à Cultura e à Sociologia, e, ao tratar da civilização, percebe-se o quanto esta está relacionada intimamente à ocorrência de Auschwitz e, mais ainda, diz ele, “se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador” (1995, p. 120). Por isso, é imprescindível repensar as formas de educar, a começar pela conscientização da existência do elemento desesperador e impedir que Auschwitz se repita.

Com efeito, a educação deve ser dirigida “para uma auto-reflexão crítica” (ADORNO, 1995, p. 121), a constituir-se já na primeira infância. Nessa fase da vida é que devem ser definidos e alcançados determinados objetivos educacionais. Isto corresponde a dizer que a estruturação de uma instituição escolar deverá ser um lugar onde não devem ser realçadas as desigualdades específicas das classes, sendo decisivo que superem dessa forma as barreiras classistas das crianças para o desenvolvimento em direção à emancipação. Nesse aspecto, percebe-se a influência que Adorno traz do pensamento marxiano que defende a não existência de classes para que os homens sejam emancipados. A emancipação à qual Adorno se refere, é aquela que faz parte da realidade concreta e não é um ideal abstrato, mas é alcançada mediante uma ação político-pedagógica que se contrapõe a todas as formas de autoritarismo.

Portanto, a educação é uma área de persistência que se move entre a autonomia dos indivíduos e a sua adaptação às exigências da sociedade. Desta forma, a educação implica uma emancipação individual para cumprir as exigências da cultura e da sociedade. Para Adorno, formação é cultura e sua apropriação por parte dos indivíduos deve dirigi-los

para a emancipação, transformando o que existe. O professor deve, portanto, em sua prática ser agente de reprodução que direciona seus alunos à autorreflexão, à experiência do pensamento, promovendo uma crítica da realidade que se impõe nas suas múltiplas relações, isto é, ser um professor formador que, como intelectual e sujeito da realidade concreta, age apoiando-se na Filosofia e no pensamento crítico, o que significa estar sempre atento às problemáticas da realidade, buscando transformá-las. Ele não deve se prender à realidade, mas, ao contrário, deve estar preparado a colocá-la às avessas para trilhar o caminho para a emancipação, contribuindo para a formação de indivíduos conscientes.

4.2 Comportamento Mimético na Prática Docente

Como anteriormente exposto, as metas do mercado têm grande participação na definição dos objetivos da educação. Ao tratar da relação mimesis e educação a partir do conceito de indústria cultural e que Adorno utiliza para falar da subjetividade ameaçada ou das forças que a ameaçam, constatou-se que essas forças atingem, além da mente, o corpo, que se submete a sofrimentos, seja com ou sem dor. Isso, segundo o Filósofo, é resultado da ocorrência de fenômenos miméticos que não atentam nem para o sofrimento de si mesmo nem para o sofrimento dos outros. Daí a importância de uma compreensão do fenômeno da mimesis e sua relação com a educação e, por extensão, à prática docente.

A mimesis, como já explicitado, não se trata de um fenômeno que ocorre somente com o advento da sociedade industrial, mas, como indica Adorno, influencia o comportamento humano desde os primórdios da Grécia Antiga. Segundo Günter Gebauer e Christoph Wulf, na obra *Mimese na Cultura*, desde cedo, a mimesis se manifesta no comportamento infantil mediante ações complexas, embora as crianças não tenham consciência disso. Assim,

O comportamento mimético é prazeroso às crianças e aos jovens. Nós podemos observar este desejo pelo agir mimético já nas primeiras formas de falar e do comportar-se infantis, como na repetição contínua e no aperfeiçoamento dos primeiros gestos sonoros ou tentativas de movimento. Neste prazer pelo sucesso dos processos da mimese social está situado o motivo da sua afetividade. No seu êxito, a criança sente o surgir de uma capacidade que lhe faz assemelhar-se aos adultos, pertencer a estes, e lhe dá um sentimento de proteção(2004, p. 128).

Portanto, a mimesis faz parte da vida de cada ser humano como ser social, possibilitando o desenvolvimento do comportamento. Também, como já mencionamos, a mimesis, na visão de Adorno, não possui apenas uma dimensão promissora, mas também se reporta àquilo que o ser humano recolhe para dentro de si, pelo processo civilizatório,

podendo exprimir-se na forma de atitudes perversas e patologicamente violentas, que podem fazer emergir uma nova barbárie. Sendo assim, a mimesis pode se configurar tanto como um comportamento de identificação como de repulsão, ou, segundo uma das metáforas utilizadas por Adorno, a mimesis encontra-se em um campo de forças²³ que tanto liberta quanto aprisiona.

Para tratarmos do comportamento mimético na prática docente faz-se necessário ter clareza dessa dupla dimensão da mimesis, ou seja, que ela pode se manifestar tanto negativa quanto positivamente no processo educativo.

Sabemos que os objetivos da educação se direcionam para um pleno desenvolvimento das potencialidades humanas que oferecerem condições para a vida em sociedade e para o aspecto profissional. Sobre essas bases, erguem-se muitas das práticas educativas, sugerindo que os professores desejam para seus alunos uma formação completa e integral. As intervenções dos professores, no entanto, podem conter, no “*trasfondo*” do desejo de educar, comportamentos abusivos, ou, como diz Adorno, antidemocráticos.

No texto *Tabus acerca do magistério*, Adorno declara como *tabus* as representações inconscientes ou pré-conscientes que se manifestam tanto nos alunos, na forma de sentimentos de aversão aos professores, quanto nos professores, quando exercem uma violência simbólica sobre os estudantes. Sobre a aversão dirigida à profissão de professor, Adorno não deixa, portanto, de esclarecer que esta não é uma teoria constituída, pois ele, além de não ser pedagogo, não fez nenhuma pesquisa empírica para provar as suas posições, inclusive nenhuma pesquisa em termos psicanalíticos. Pretende aclarar, no entanto, as questões a respeito da aversão em relação aos professores. Diz ele:

Muitos dos motivos de tal aversão são racionais e tão conhecidos que não preciso me deter neles. O principal é a antipatia em relação ao que se encontra regulamentado, ao que se encontra disposto por meio do desenvolvimento definido por meu amigo Hellmut Becker como dirigido à escola administrada. Existem também motivações materiais: a imagem do magistério como profissão de fome aparentemente é mais duradoura do que corresponde à própria realidade na Alemanha. A desproporção que registro por esta via parece-me, já me adiantando, típica para todo o conjunto em questão, caracterizado pelas motivações subjetivas da aversão contra o magistério, em especial as que são inconscientes. (1995, p. 97 – 98)

Em razão de tais considerações, nossa intenção é observar se os sentimentos de aversão e rejeição em relação a esses professores por parte da comunidade da qual eles fazem parte, podem ser caracterizados como um comportamento mimético, ao mesmo tempo em que procuramos também identificar nas ações de professores a presença do fenômeno

²³ “Termo por meio do qual Adorno se referia à interação relacional de atrações e aversões que constituía a estrutura dinâmica e em transmutação de um fenômeno complexo” (JAY, 1988, p.16).

mimético em seu momento repressivo e como este pode dificultar o desenvolvimento de uma formação voltada para a emancipação. Nesta reflexão, ademais, é ainda posta a discussão de algumas ações que podem atrapalhar o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos no alcance da emancipação, impedindo-os de se tornarem autônomos em termos de pensamento racional crítico.

Em *Tabus acerca do magistério* o filósofo frankfurtiano também chama a atenção para os preconceitos dirigidos aos professores de primeiro e segundo graus ante os professores universitários, considerando que “de um lado, o professor universitário como a profissão de maior prestígio; de outro, o silencioso ódio em relação ao magistério de primeiro e segundo graus; uma ambivalência como esta remete a algo mais profundo” (1995, p. 99). Chama a atenção, portanto, para a atitude preconceituosa dirigida aos professores que pode se configurar como comportamento antissemita, ou seja, aos termos subjetivos em que o objeto, o professor, não tem muita importância, mas sim o preconceituoso que nele projeta seu forte potencial antidemocrático.

Nos dias atuais, os preconceitos em relação aos professores ainda continuam principalmente em relação àqueles que ensinam crianças. Até mesmo aqueles que estão cursando algumas licenciaturas, se perguntados sobre em que faixa de idade pretendem lecionar, a resposta da maioria é que não almejam esse tipo de aluno, querem fazer mestrado ou um doutorado para ensinar nas faculdades que lhes oferecem a possibilidade de um maior *status*. Isto comprova que não são levadas em conta a importância e a necessidade da experiência, mesmo com os pequeninos, para um bom desempenho da profissão.

Com isso, notamos é que o próprio aluno que está se formando professor tem algum preconceito dirigido ao seu professor e não acata a ideia de seguir os mesmos passos daquele de quem tanto precisou para que pudesse um dia se formar, o que agrava o ressentimento da relação. Desse modo, a relação professor-aluno se mostra como uma de competição e poder que desafia o próprio sentido da educação. Há, dessa forma, um embate intelectual entre formando e professor-formador e não uma atitude onde, cada um ao seu tempo, esteja aberto a novas expectativas de aprendizagem. Infelizmente as atitudes preconceituosas em relação aos professores não param aí. Algumas chegam ao ponto de se reportar à sua situação social como algo problemático em relação às dificuldades que têm de ingressar noutros ramos da economia pela sua ingenuidade em relação ao funcionamento do sistema capitalista, ou seja:

Apenas o professor julga que a vida econômica se desenvolve num reino de diálogo e igualdade. Daí seu fracasso quando se aventura a uma empresa em outro campo: uma pequena loja, uma pequena chácara, um pequeno artesanato... No sistema capitalista, a “realidade” é a mecânica da extração da mais-valia. Para ingressar nesta engrenagem e nela movimentar-se, o professor não tem queda, não tem jeito (RAMOS-DE-OLIVEIRA, 1994, p.133).

O comportamento repulsivo em relação ao professor também pode ser observado nas opiniões sobre o ensino da escola pública e da escola privada, com a concorrência no mercado de trabalho se impondo como justificativa. Aprende mais e melhor aquele que estuda na escola privada, o que corresponde a dizer que tanto o ensino como o professor desse tipo de escola são melhores que os da escola pública. Arriscamos dizer que nem sempre esta afirmação é verdadeira e que pode existir uma facilitação ou uma espécie de acordo entre aqueles que deliberam sobre as políticas públicas, de modo a não permitirem que as classes menos favorecidas possam mudar o seu *status*. Até mesmo nas universidades, local onde se pregam a liberdade e a igualdade entre as pessoas, podemos testemunhar alguns preconceitos quando observamos as relações entre as classes sociais que dela fazem parte e os cursos a que se direcionam: as classes mais abastadas escolhem os cursos que oferecem os melhores salários aos seus futuros profissionais e as classes menos favorecidas os cursos em que seus futuros profissionais ganharão bem menos. Com raras exceções, alguns se arriscam a fazer com que essa premissa não tenha validade.

Percebemos, desse modo, um domínio do ensino da escola particular sobre o da escola pública, que intensifica o sentimento de repulsão de um determinado estrato sobre o outro. Algumas pessoas com um menor poder aquisitivo procuram se esquivar dessa condição de supostos dominados inserindo-se nas escolas particulares, a fim de reverter sua situação. O que fazem, no entanto, é negar a própria condição e seu valor como pessoa humana, julgando-se inferior e, portanto, incapazes de conseguir uma boa formação e uma boa colocação no mercado por não possuírem os requisitos por este exigidos. Quando conseguem, são alvo de admiração por parte daqueles que, da mesma forma que eles mesmos, os consideram inferiores. No texto *Educação e Emancipação*, Adorno trata dessa problemática quando compartilha com Hellmut Becker da opinião de que a divisão das escolas alemãs em escolas para talentosos e não talentosos afasta a proposta de uma educação para a emancipação (ADORNO, 1995).

Do acordo com o descrito, o preconceito configurado como comportamento mimético pode ser visto em todos os meios sociais e nos professores, na medida em que eles também são moldados pela sociedade, as ações tanto podem impedir quanto contribuir para permanência de situações de dominação. Vemos, portanto, nessa questão uma dupla função

atribuída ao professor, embora talvez nem ele mesmo a perceba, colaborando para a semiformação de seus alunos e para a aversão que estes sentem por ele, pois “os professores não reproduzem simplesmente de um modo receptivo algo já estabelecido, mas a sua função de mediadores, um pouco socialmente suspeita como todas as atividades da circulação, atrai para si uma parte da aversão geral” (ADORNO, 1995, p. 104). Professor como escriba, como escravo, como herdeiro do monge -são algumas caracterizações que Adorno exprime como motivo para essa aversão ou tabu e um sentimento de ambivalente de amor e ódio a eles transferidos por não serem profissionais livres como outros profissionais intelectuais, pois estão presos às amarras do domínio público e não exercem nenhuma função de poder.

Na perspectiva de Adorno, a imagem do professor universitário bem-sucedido está mudando, mas infelizmente ele “se converte lenta, mas inexoravelmente, em vendedor de conhecimentos, despertando até compaixão por não conseguir aproveitar melhor seus conhecimentos em benefício de sua situação material” (ADORNO, 1995, p. 105). Tal mudança, segundo Adorno, decorre de uma “racionalidade estratégica” que transforma o conhecimento intelectual em valor de troca.

Convém enfatizar o fato de que o professor não é um mero transmissor de conhecimentos, pois sua função ultrapassa esse papel, na medida em que, como professor formador, é ele que encaminha determinados parâmetros de educação que, às vezes, em casa, é transmitido de forma equivocada. O professor exerce, dessa forma, uma função conflitante em que não são delimitados os conhecimentos, valores e habilidades que deve transmitir. O docente, ao reprimir as próprias ações, ao mesmo tempo se entrega ao direcionar suas ações para comportamentos antidemocráticos e com características antissemitas. Desse modo, seu momento mimético originário já não mais existe e ele passa a agir como dominador, de modo que só as suas opiniões são válidas. Ao oferecer a luz do conhecimento aos seus alunos, ao mesmo tempo, pode apagá-la ao se comportar de maneira perversa, autoritária e antidemocrática. Além do mais, o próprio conceito de democracia, segundo Adorno, deve ser esclarecido, mostrando também a sua dupla dimensão, ou seja, enxergando-se os seus defeitos e vantagens.

A ação docente, contudo, que no primeiro momento, reprime as próprias ações e as ações dos alunos, no segundo momento, pode agir livremente na busca pelos seus posicionamentos. Dessa maneira, ação docente, a exemplo da educação, também é ambígua, pois ao mesmo tempo em que molda o aluno, exige dele uma autonomia, ou seja, ora pode se comportar como heterônomo, pois segue orientações de outro, o professor, ora pode ser autônomo, quando resolve agir por conta própria. Assim a ação docente tanto pode

encaminhar à semiformação, pois o aluno passa a repetir somente as orientações do professor, não conseguindo se emancipar, como pode achar seu caminho observando as contradições da realidade que o rodeia, extraindo dela apenas aquilo que merece ser transformado.

Como podemos perceber, o aluno, da mesma forma que o professor, está em uma situação conflituosa e de desilusão, ao perceber que o professor não corresponde à imagem que dele fez. É nessa situação conflituosa que, segundo Adorno, pode surgir o caminho para a autonomia, pois nas brechas de uma sensação de prisioneiro e, ao mesmo tempo de liberto é que o aluno acha o seu caminho e o espírito do educador deve, portanto, ser aquele que, resistindo, desconstrói a escola e o ensino, modificando a sua prática para evitar a mutilação da subjetividade dos alunos.

Na relação professor-aluno nas escolas de hoje, percebe-se que, enquanto os alunos na maior parte do tempo são condicionados pela mídia, os professores é que são considerados aqueles a quem eles parecem estar submetidos. Na verdade temos, de um lado, os alunos buscando sempre o prazer, e, do outro, o professor, fazendo um esforço para difundir um processo de aprendizagem prazeroso e não torná-lo algo árduo e torturante. A alienação dos alunos, dessa maneira, que tem início em suas casas, culmina em comportamentos estereotipados que se espelham nas performances televisivas das novelas como modelo de vida dentro da sala de aula. Os alunos tudo imitam, desde a maneira de se vestir ao gosto por determinado tipo de dança ou música. Ao professor cabe, todavia, oferecer atividades prazerosas para tentar transformar o comportamento estereotipado dos alunos que permanecem em sala de aula somente quatro horas, enquanto que, nas outras 20 horas do dia, eles ficam à mercê da educação informal, ou seja, em casa, na rua, no trabalho ou em frente aos aparelhos de TV que estão em todos esses lugares.

Não é nossa intenção negar as contribuições oferecidas pelos meios de comunicação, pois o próprio Adorno não condena os programas televisivos, porém, segundo ele, ao mesmo tempo em que esses programas ajudam na divulgação de informações esclarecedoras que são importantes para a ação formativa, eles também podem incutir ideologias, e a dimensão política da prática docente, possuidora de intencionalidades, desde o planejamento das aulas, se distancia da dimensão social do ato de ensinar. É assim que o professor desde uma ação consciente se aproxima do terreno do inconsciente, entrando em uma relação conflitante com a própria prática. Os professores, desse modo, podem ter posturas ora de rejeição ora de acolhimento em relação ao aluno, orientando seus discursos e suas ações por princípios diferenciados ou até mesmo contraditórios.

Voltando à questão do preconceito em relação aos professores, podemos dizer que ele tem um caráter de generalização e ilogicidade, caracterizado tanto pela ausência de julgamento como pela falta de experiência daqueles que os consideram inferiores, ou seja, como uma generalização irracional. Torna-se, portanto, inevitável não se preocupar com as ações dos professores e, conseqüentemente, com a dos alunos como receptores da ordem vigente e para os quais são transmitidos conhecimentos em que as maiores preocupações se dirigem prioritariamente para uma parceria harmoniosa entre a escola e o mundo dos negócios, o que pode contribuir tanto para formar como para deformar os alunos, que, como os professores, podem manifestar comportamentos inesperados, aliás muito frequentes nas salas de aula em nossos dias, envolvendo um grande número de ocorrências causadas por comportamentos abusivos.

No texto *Introdução de A Personalidade Autoritária*, abordado no primeiro momento deste trabalho, Adorno trata daquilo que pode se encontrar por trás de certos tipos de comportamentos. Como esclarece Douglas Garcia Alves Júnior, “*A Personalidade Autoritária*, não se interroga acerca da origem do antissemitismo, mas busca apreendê-lo enquanto fenômeno ideológico em relação com necessidades psicológicas individuais” (2003, p. 82). Nesse caso, o que Adorno investiga nessa obra é como sucede a relação entre os indivíduos e a ideologia. Ele parte do princípio de que os comportamentos autoritários possuem características que comprometem a formação cultural.

No mesmo texto, Adorno ressalta que o objetivo do estudo é mostrar a questão do preconceito e do antissemitismo em sua dimensão subjetiva, observando sua estrutura ideológica e como esta capta as necessidades psicológicas dos indivíduos, ou seja, o Filósofo chama a atenção para os termos subjetivos do antissemitismo. A personalidade autoritária é, desse modo, a apreensão do antissemitismo como fenômeno ideológico em relação às necessidades psicológicas em que as pessoas se submetem ou aceitam determinados padrões ideológicos sociais. Isto significa que formação da personalidade dos indivíduos ocorre com origem em uma ideologia social e subjetiva, ou seja, da sociedade para o indivíduo. Desse modo, professores e alunos, ao receberem os ensinamentos historicamente transformados pela sociedade, devem estar vigilantes: o aluno do que recebe do professor e o professor do que recebe dos meios que direcionam a sua ação.

Nesse caso, tanto os professores como os alunos, como frutos de uma ideologia dominante, devem evitar a submissão voluntária pela resistência, pelo trabalho do pensamento crítico, fomentando formas de autoconsciência e autodeterminação que evitem a manipulação de suas ações que os afaste de toda opressão. Nestes termos, a autoridade dos professores tem

papel central na consolidação dos egos e, portanto, eles não devem possuir uma personalidade patológica, desde que as personalidades dos alunos “estruturam-se, dessa forma, as circunstâncias para que o ego exerça sua função de relativa autonomia na ordenação dos processos mentais” (ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2001, p. 123). Com isso, evitam-se comportamentos estereotipados nos alunos e nos professores. Caso os professores não atendam a essa prática, sua ação cotidiana na escola se converte em ação mimética, pois sua ação, ao mesmo tempo em que é um momento para a aprendizagem, também pode ser ocasião favorável para transmitir ideologias que condicionam comportamentos.

Na escola, especificamente no comportamento dos professores perante seus alunos, não restam dúvidas, existe uma relação impregnada de comportamento mimético que pode ser percebido em alguns rituais, denunciando que as dificuldades encontradas na educação que não se mostram de fácil solução. Assim, a escola como lugar apropriado para a aprendizagem, também possui como finalidade dominar ou sublimar desde o comportamento dos professores e dos alunos, o que indica a possibilidade da identificação destes com um pensamento totalitário. Professores e alunos, são já, desde o início da relação, conduzidos por um vínculo de poder que direciona a um comportamento de repulsão e aversão entre ambos, pois,

Na escola, várias informações, valores se entrecruzam, se contaminam e se combinam ou se repelem quando observamos o processo manifesto da aula, no qual o professor, embora orientado por um movimento de elevar os estudantes a uma formação (“Bildung”), tende a aderir às idéias e valores da classe dominante transmitindo-os como idéias e valores absolutos. Mas este entrecruzar de idéias, valores e valorizações no processo de ensino-aprendizagem que se desenvolve entre os estudantes e o professor, [...] ocorre em situação clara, observável. A situação complica quando vemos que as coisas não acontecem apenas num plano claro e evidente, mas que há também nas salas de aula e nos demais ambientes escolares uma multiplicidade de grupos e que esta configuração facilita fluxos paralelos, concorrentes de representações e de valorizações, algumas conscientes, muitas num fluir subterrâneo, ou melhor, numa dimensão de motivações subjetivas inconscientes. (RAMOS-DE-OLIVEIRA, 1994, p.126)

Assim, o que efetivamente impede a formação acontece quando o professor insiste na busca por uma universalidade inexistente, quando não enxerga o diferente, alimentando comportamentos preconceituosos que comprometem as relações e a formação de personalidades, com práticas que podem servir para o exercício do domínio sobre o outro (o aluno). Tais práticas caracterizam-se como um comportamento antissemita, o qual, segundo Adorno, se utiliza da violência e da agressividade como forma velada ou explícita de negar o outro.

Temos, como consequência disso, a intensificação do comportamento mimético, que, no campo do ensino como ato formativo, pode, pelos efeitos da indústria cultural, além de aprisionar os indivíduos ao capital, se mostrar como elemento simbólico que condiciona comportamentos, pois é na sala de aula, como lugar onde são expostos os mais diversos comportamentos e informações, que pode ter início o processo de semiformação. Adorno, como isso, coloca em xeque o próprio significado da formação quando vinculada à indústria cultural.

Como exposto anteriormente, a indústria cultural tem um forte impacto sobre os indivíduos, quando os direciona para a submissão ao que é imposto pelo sistema vigente, elevando-os a um estado de demência que os impede de exercitar atitudes críticas perante as desigualdades econômico-sociais e aos processos de estranhamento que vêm atrelados ao fetichismo da mercadoria e à sociedade de consumo. Os professores, nesse caso, podem, com ações inconscientes, direcionar seus alunos ao mesmo estado de submissão, ao transmitirem os conteúdos ideológicos da indústria cultural. As ações inconscientes dos professores, dessa forma, podem ser vistas como um comportamento mimético que contradiz a postura daquele que deveria agir racionalmente, o que determina a carência da reflexão em suas posições e comprova a necessidade de uma formação contínua e que o faça perceber as próprias deficiências.

Existe, por conseguinte, uma contradição entre o termo racionalidade, do qual o professor se diz possuidor, e a realidade. O que professor diz cotidianamente na atividade docente pode não ser o que ele realmente pensa, o que se caracteriza como um comportamento mimético comprovado pela existência das ideologias²⁴ que comprometem sua ação. Como os professores são considerados profissionais racionais, não deixam de demonstrar em suas atitudes em sala de aula um comportamento equilibrado. Também podem, no entanto, agir irracionalmente, sem perceber que seus comportamentos são abusivos ou com atitudes de poder, já que a sua racionalidade também está imersa em um campo de forças que não impede a disseminação das ideologias.

Com efeito, podemos inserir na relação entre a mimesis e a prática docente o conceito de indústria cultural, evidente no mundo contemporâneo pelos meios tecnológicos de produção, reprodução e difusão de informações audiovisuais, que têm papel catalisador das

²⁴ O conceito de ideologia em Adorno, segundo Sobreira, é “uma verdade posta a serviço de uma mentira. Em outras palavras, possivelmente é verdadeiro que a educação, a escola e o professor não são inutilidades nesta ou em futuras formas de organização social. Mas a ênfase dada a essa verdade cumpre função de velar a mentira sobre as promessas que, desde duas primeiras formulações no campo das práticas sociais, se dispensa de cumprir.” (ZUIN, PUCCI, RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2004, p. 154)

atividades e dos posicionamentos políticos. A indústria cultural funciona, portanto, como uma instância que pode controlar as ações tanto individuais como coletivas, apesar de não ser transparente nos elementos que institucionalizam seus objetivos. Desse modo, pela indústria cultural, os indivíduos se deixam manipular pela fórmula mágica do capitalismo que compra a sua subjetividade por um valor irrisório. Para Adorno, são pessoas cuja personalidade se transforma em mera mercadoria e cuja sustentação está entrelaçada com a manipulação da individualidade que se perde perante um pequeno número de agentes de dominação e detentores de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que realizamos nesta dissertação teve como preocupação central trazer à baila uma reflexão sobre a mimesis, a educação e a prática docente, que julgamos de assinalada importância à autonomia do espírito e à emancipação humana no mundo de hoje. À análise do conceito adorniano de Esclarecimento, somamos os pontos principais que o Filósofo delineou para explicar como se formou a figura do homem moderno. Em sua crítica, T. W. Adorno abordou os elementos falhos da própria racionalidade perante as grandes atrocidades ocorridas na contemporaneidade, evidenciando, desse modo, que a própria formação humana, oferecida desde a Antiguidade, contribuiu para o atrofiamento da razão humana. Na *Dialética do Esclarecimento*, o Filósofo traça a história da formação humana como tendo sido marcada por elementos que confluem para a reincidência da barbárie no processo histórico-social, fazendo sob este prisma um ajuste de contas com toda tradição filosófica e com o patrimônio cultural recebido.

Com suporte no conceito de mimesis em Adorno, tivemos a oportunidade de perceber o que conduz um ser humano a se sentir superior ao outro só pode ser uma manifestação de uma irracionalidade, e o Filósofo vai buscar apoio na Psicanálise para explicar as nuances desse fenômeno. Com a análise do conceito de mimesis, trouxemos à tona aspectos relevantes sobre o comportamento do homem, que na opinião de Adorno, renunciou aos seus anseios de liberdade e ao reconhecimento da alteridade e do não idêntico com a única finalidade de buscar uma sobrevivência menos sofrível ante as intempéries da natureza. A figura de Odisseu mostrado no Excurso II da *Dialética do Esclarecimento* é o exemplo típico dessa racionalização, enquanto Polifemo, outra personagem da *Odisseia*, representa o não humano cuja irracionalidade se mostra ao servir-se de carne humana para saciar seu instinto de sobrevivência. Desse modo, a figura de Odisseu representa a humanidade, que precisa diferenciar-se do que não é humano. É o civilizado iniciando a sua trajetória, que culminará com de um tipo autoritário de homem como produto de elementos construídos culturalmente.

Para o Filósofo frankfurtiano, desde tempos imemoriais, o homem esteve em busca de condições melhores para satisfazer suas necessidades e conquistar uma vida melhor, neste sentido, transformando o seu contexto material e simbólico-social e também sendo transformado por ele, alterando, assim, tanto seu modo de viver quanto o seu meio ambiente social.

Para Adorno a trajetória humana foi sempre marcada por contradições e catástrofes e sob este prisma, ele tece severas críticas ao progresso científico e aos

desdobramentos do sistema capitalista do século XIX, os quais no século XX irão consumir o seu ciclo trágico e catastrófico com o aniquilamento de milhares de pessoas. Com o progresso da ciência moderna o homem conseguiu transformar suas condições de sobrevivência e constituiu novas formas de viver, mas, ao mesmo tempo, desenvolveu guerras e mortandades, além da perpetuar a destruição do que era necessário para a própria sobrevivência. Por outro lado, é importante esclarecer que, quando Adorno critica o positivismo, não o condena totalmente, mesmo porque se utiliza de suas premissas empíricas para realizar suas pesquisas, embora reconheça que estas, como ponto de apoio, se circunscrevem apenas a uma pequena parte do universo a ser investigado, amparadas unicamente em métodos científicos norteados pela eterna repetição dos fenômenos mediante o norte de simples relações de causa e efeito, não considerando, portanto, os elementos que estão “fora” do processo de matematização.

As práticas sociais também receberam as influências do progresso científico e do desenvolvimento tecnológico. Toda a transformação ocorrida na sociedade, entretanto, seja econômica, política, social ou cultural, não significou a conquista de um verdadeiro pensamento humano que possibilitasse inclusive uma transformação radical na educação e nos processos pedagógicos. Ao contrário, as formas dominantes de pensamento sintonizadas com a reificação e o estranhamento, presentes nas relações sociais, ainda são espelhadas pela escola, que ampara seus objetivos de acordo com a estrutura da sociedade capitalista. Isto significa que, apesar das grandes transformações ocorridas no mundo ocidental, a razão esclarecida não alcançou seus objetivos de liberdade, autonomia e emancipação, e a própria educação acompanha este fracasso, pois está circunscrita, de acordo com as reflexões de Adorno, sem os limites da racionalidade, e como tal, se colocando a necessidade de uma formação voltada principalmente para a abordagem das patologias da subjetividade, sem que sejam abandonados, é claro, os elementos conteudísticos que fazem parte da educação formal, imprescindíveis à manutenção da vida em sociedade.

Com a inter-relação dos conceitos de esclarecimento, mito, mimesis e educação, nosso objetivo foi mostrar o quanto esta conformação, em sua relação imbricada, esteve presente em todas as épocas da humanidade e de como tal relação influenciou e continua influenciando a constituição do homem na atualidade, cuja racionalidade nega a si mesma na mesma medida em que cada sujeito passa a considerar o outro como simples objeto de seus interesses, distanciando-se mais ainda de maior autonomia do espírito e do reconhecimento da alteridade e da não identidade no processo social.

Segundo Adorno, com o fortalecimento do domínio da indústria cultural na sociedade contemporânea, vem a ocorrer de modo mais enfático a exclusão do sujeito, que,

vitimado pela instrumentalização se perde de si mesmo, dominado que está, por um coletivo reificado e de estranhamento que pressiona cada particularidade. Assim, as imagens dos indivíduos entram em contradição com a ideia de educação como formação, tornando ainda mais imperativa a instauração de um processo educacional que reforce a autonomia das consciências individualizadas para uma saída da uniformização. A educação, desse modo, é o que pode permitir uma práxis educativa emancipatória em que cada indivíduo em particular tem a possibilidade de desvelar o diferente, o não idêntico a partir de uma reelaboração do passado para vislumbrar um presente desperto e um futuro liberto das impregnações patológicas e sintomáticas que incidem sobre a humanidade. ~

Desse modo, é no passado que deve iniciar um movimento dialético que nos afastará da pobreza de experiência necessária à formação dos sujeitos. Cada indivíduo então terá a possibilidade de recuperar seu potencial crítico e sua capacidade de autonomia criativa para sair da vida de aparência que a sociedade administrada e a indústria cultural lhe inculcaram. Somente a educação é capaz de reanimar e redinamizar nas pessoas a única coisa que restou na caixa de Pandora: a esperança. O homem, caracterizado por diferentes maneiras de ser, é capaz de se admirar diante dos acontecimentos, mas também possui a característica de ficar tomado por forte perplexidade diante do mundo. É somente o olhar crítico do homem que pode dar início a um processo de educação que leve à autonomia, ao reconhecimento da alteridade e à emancipação humana.

Sob este prisma, cabe enfatizar que aqueles envolvidos em questões educativas devem sempre se mover a partir de uma perspectiva crítica, visando sem cessara novas maneiras de conceber e organizar o processo educativo. Com efeito, além das práticas dos professores, conta sua formação, pois eles não podem ser considerados como estando previamente preparados para arcar com as tarefas educativas. Ademais, não podem ser somente eles os únicos responsáveis e comprometidos com o processo pedagógico e de formação em termos de conteúdos de saber e de valores. As metas da educação não podem depender exclusivamente dos professores, apesar de estes exercerem papel fundamental na formação, significando dizer que é a sociedade como todo, com as suas iniciativas políticas a favor de mudanças sociais emancipatórias, que pode, com maior ênfase, instaurar um processo de educação.

Por outro lado, convém não esquecer que a atividade docente também está inserida no próprio caráter ambíguo da educação em um contexto de predomínio da razão instrumental. Nestes termos, a educação fica presa ao mito da marcha apoteótica para o progresso, se ocupando apenas com uma formação de habilitações voltadas para as demandas

do mercado de trabalho, o que resulta em uma educação ideológica e alienante, cuja finalidade é a dominação que encaminha os indivíduos à situação de perene servidão ao sistema vigente, o que, ademais, envolve a adaptação as práticas escolares à cultura de massa. Assim, é considerada uma boa educação aquela sintonizada com as tendências do mercado, de modo que ficam mascarados os reais processos de dominação social inerentes à lógica do capital com suas demandas competitivas sempre voltadas para acumulação ampliada do próprio capital. À escola, dessa maneira, é apenas reservado o papel de transmitir informações que satisfaçam o mercado.

As tragédias sempre estiveram presentes na vida da humanidade, mas nem por isso o ser humano pode desistir de lutar e resistir permanentemente contra a barbárie. As barreiras internas e externas que afetam os homens têm sempre a possibilidade de serem rompidas. E esta superação crítica está sempre na ordem do dia, alimentada que está pelo próprio caráter contraditório que marca a sociedade moderna. Efetivamente, Adorno confronta criticamente a ideia de uma educação integral contraposta à semiformação ou uma pseudo-educação que está apenas voltada para uma simples reprodução de *status quo*. Isto nos induz também a refletir sobre a educação de hoje desde a perspectiva crítica de Adorno.

Portanto, um dos principais objetivos deste trabalho é apoiar-se na teoria da dialética negativa e da não identidade do Filósofo frankfurtiano, para repensar, de forma crítica, a educação, pois, na perspectiva adorniana, é impossível estabelecer uma harmonia entre pensamento e realidade, visto que entre eles sempre existem alguns hiatos e certas lacunas insuperáveis e intransponíveis. Desse modo, como nos adverte Adorno, não é possível estabelecer uma unidade imediata entre teoria e prática educativa, de modo que essa unidade deve vir sempre mediada.

Para finalizar, cabe enfatizar que a iniciativa política deve fazer parte da prática cotidiana de cada professor que, para isso, necessita do auxílio incondicional dos que pensam reformas educativas para que elas caminhem à contrapelo das formas ideológicas e políticas de dominação e das configurações econômicas e político-culturais de estranhamento e de reificação social. Somente quando os professores tiverem a possibilidade e a iniciativa de levar seus alunos ao reconhecimento dos mecanismos de dominação a que estão submetidos pelas coordenadas sistêmicas do capitalismo global contemporâneo, eles estarão instaurando uma educação para a autonomia do espírito, para a liberdade do pensamento, a democracia e a emancipação social.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. ; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1985.

_____, Theodor W. Indústria Cultural. Tradução de Amélia Cohn. In: COHN, G. **Theodor W. Adorno. Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986, p. 93

_____, Theodor W. Teoria da Semicultura. **Educação e Sociedade**, XVII(56). Campinas: Papyrus e Cedes, (388-411), 1996.

_____, Theodor W. O que significa elaborar o passado. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____, Theodor W. A filosofia e os professores. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____, Theodor W. Televisão e formação. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____, Theodor W. Tabus acerca do magistério. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____, Theodor W. Educação - para quê? In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____, Theodor W. **Dialética negativa**. Tradução Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____, Theodor W. **Palavras e sinais**: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____, Crítica cultural e sociedade. In: ADORNO, Theodor W. **Prismas**: crítica cultural e sociedade. São Paulo: Ática, 1998. p. 91-115.

_____, Theodor W. **Introdução à Personalidade Autoritária**, (1950) Disponível em: <http://planetaclix.pt/tadorno24.htm>. Acesso em 02/06/11

ALVES, JÚNIOR. Douglas Garcia, **Depois de Auschwitz**: a questão do antissemitismo em Theodor W. Adorno. São Paulo: Anablume; Belo Horizonte: Fumec, 2003.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1992.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1976. (Coleção estudos)

BACON, Francis. **Novum Organum**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

BRANDÃO, Junito de Souza. **Teatro grego: tragédia e comédia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, Official UN Universal Declaration of Human Rights Home Page. Disponível em: <http://www.ohchr.org>

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006.

DUARTE, Rodrigo de Paiva, **Mimesis e Racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno**, São Paulo: Loyola, 1993 (Coleção Filosofia)

_____, Rodrigo de Paiva, **Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997.

_____, Rodrigo A. de Paiva; FIGUEIREDO, Virginia de Araújo. **Mimesis e expressão**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

_____, Rodrigo A. de Paiva. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2003.

_____, Rodrigo A. de Paiva. **Adorno/Horkheimer e a Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. (Filosofia Passo a Passo)

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Coleção Debates)

FREITAS, Nivaldo Alexandre de. **Apontamentos sobre mimesis em Adorno e Benjamin**. In: II Colóquio de Psicologia da Arte - A correspondência das artes e a unidade dos sentidos, 2007, São Paulo. II Colóquio de Psicologia da Arte, 2007.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Seleção de textos de Jayme Salomão; tradução: Durval Marcondes. (et alii.) São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

_____, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Seleção de textos de Jayme Salomão; tradução de Durval Marcondes (et alii.) São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

_____, Sigmund. **Totem e Tabu**. Tradução: Orizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Do Conceito de Mimesis no Pensamento de Adorno e Benjamin**. Perspectivas, v. 16, 1993.

_____, Jeanne-Marie. "Sobre as relações entre ética e estética no pensamento de Adorno" In: ZUIN, Antonio; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (Org.). **Teoria Crítica, Estética e Educação**. Campinas: Autores Associados; Piracicaba: Ed. UNIMEP, 2001.

GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **Mímesis na Cultura: agir Social, rituais e jogos, produções estéticas**. São Paulo: Annablume Editora. 2004.

GRUSCHKA, Andreas. Escola, Didática e Indústria Cultural. *In*: DURÃO, Fabio; VAZ,

Alexandre; ZUIN, Antonio (Org.). **A indústria Cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2002

JAEGER, Warner. **Paidéia: a formação do homem grego**, São Paulo: Martins Fontes. Tradução: Artur M. Parreira. 2001.

JAY, Martin. As idéias de Adorno. Tradução de Adail Ubirajara Sobral, São Paulo: Editora Cultrix. 1988.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: que é esclarecimento?** (Aufklärung). *In*: _____. Textos Seletos. Petrópolis: Vozes, 1985. p.101-111.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LIMA VAZ, C. H. de. **Antropologia filosófica**. vol. 2. São Paulo: Loyola, 1992. (Coleção Filosofia, 22).

MAAR, Wolfgang Leo. À Guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. *In*: ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. São Paulo, Paz e Terra, 1995.

MATOS, Olgária. **Filosofia a polifonia da razão: filosofia e educação**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MIRANDA, Dilmar Santos de. **Tempo da festa versus tempo do trabalho: transgressão e carnavalização na belle époque tropical**. Tese de doutorado em Sociologia. USP, 2001

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A Filosofia na Crise da Modernidade**, São Paulo: Edições Loyola, 1990.

PORTO, Leonardo Sartori. **Filosofia da Educação**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 1996.

PUCCI, Bruno. “Teoria Crítica e Educação” *In*: PUCCI, Bruno (org.). **Teoria Crítica e Educação**. A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis: Vozes; São Carlos: Editora da UFSCar, 1995, capítulo 1, p. 11.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. “A Escola, esse Mundo Estranho”. *In*: PUCCI, Bruno (org.). **Teoria Crítica e Educação: A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis: Vozes; São Carlos: Editora da UFSCar, 1995, capítulo 5, p. 125.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. “Do ato de ensinar numa sociedade administrada” *In*: **Indústria Cultural e Educação**. Cadernos CEDES nº54, São Paulo, 2001, p.19-27

ROUANET, Sérgio Paulo. **Teoria Crítica e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social: (princípios de Direito Político)**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro.

_____, Jean-Jacques. **Emílio, ou, da educação**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.

ROBERTS, Julian. A dialética do esclarecimento. *In*: RUSH, Fred. (Org.). **Teoria crítica**. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

RUSH, Fred (Org.). As bases conceituais da primeira teoria crítica. *In*: _____. **Teoria Crítica**. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

SAFATLE, Vladimir. Sobre a gênese psicológica do transcendental: Adorno entre Freud e Kant. *In*: SAFATLE, Vladimir; MANZI, Ronaldo (Org.). **A filosofia após Freud**. São Paulo: Humanitas, 2008

SCALDAFERRO, Maikon Chaider Silva. **Mímesis, Paideia e Política**. Saberes, v. 2, Nº 3, p. 32-48. 2009.

SILVA, Karen Franklin da. **O problema da procura da verdade no mito da caverna de Platão**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

SOBREIRA, Henrique Garcia. Indústria Cultural, semiformação e educação do educador. *In*: ZUIN, Antonio; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (Org.). **Ensaio Frankfurtianos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 151-174.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TIBURI, Márcia. **Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor W. Adorno**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (Coleção Filosofia; 26)

_____, Márcia. Uma outra história da razão: a dialética do esclarecimento e o anti-semitismo. *In*: DUARTE, Rodrigo A. de Paiva; FIGUEIREDO, Virginia de Araújo. **Mimesis e expressão**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito capitalista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VERNANT, Jean-Pierre & VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo: Brasiliense, 1991. Volume II.

ZUIN, Antônio. PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____, Antônio. **Teoria Crítica, Estética e Educação**. Campinas: Autores Associados; Piracicaba: Ed. UNIMEP, 2001.

_____, Antonio. Sobre a atualidade dos tabus com relação aos professores. In: **Educação & Sociedade**, São Paulo: Cortez, Campinas: CEDES, 2003.